Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 15 DE MARÇO DE 1973 — N.º 18040 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

O CONSELHO DE SEGURANÇA PELA PRIMEIRA VEZ NA AMÉRICA LATINA

REUNIÃO NO PANAMÁ

Kurt Waldheim, o secretário-geral das Nações Unidas, passa em revista uma guarda de honra panamiana ostentando bandeiras da ONU nas baionetas das espingardas Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

O Conselho de Segurança das Nações Unidas reúne-se esta tarde, pela primeira vez, na América Latina — na Cidade do Panamá. O Governo panamiano tenciona aproveitar esta oportunidade para levantar, com um máximo de publicidade, a questão da zona do Canal, administrada civil e militarmente pelos Estados Unidos da América.

O representante permanente do Panamá na ONU, embaixador Aquino Boyd, na sua qualidade de presidente, durante mês, do Conselho de Segurança, devia em princípio abrir a sessão. Contudo, segundo anunciou ontem, o seu lugar será ocupado pelo general Omar Herrera, chefe do Governo panamiano. Herrera, segundo disse o ministro dos Negócios Estrangeiros Juan Antonio Tack, não se limitará a dar as boas vindas aos membros do Conselho, indo ao fundo da questão que opõe o seu Governo ao dos Estados Unidos sobre o futuro da zona do Canal. Grandes cartazes reivindicando a soberania sobre a Zona cobrem as paredes da cidade. Apesar das negociações entre os dois Governos, ainda não se conseguiu ultrapassar o tratado de 1903, que atribui aos EUA a soberania perpétua sobre a Zona do Canal. (R. e DL).

TÁXIS MAIS CAROS DESDE HOJE

(Pág. 20)

A Comissão dos Direitos do Homem condena Israel

NAÇÕES UNIDAS (GENEBRA), 15 — (FP) — A Comissão dos Direitos do Homem da ONU, reunida em Genebra, condenou quarta-feira a acção de Israel nos territórios ocupados.

Numa moção aprovada por 18 votos contra 2 e 10 abstenções ao cabo de dois dias de debate quase totalmente isento de paixão, a Comissão «deplora os graves atentados à Quarta Convenção de Genebra (relativa às populações civis) que Israel continua a praticar nos territórios árabes ocupados, atentados que a Comissão considerou crimes de guerra e ultraje à humanidade».

A Comissão declara-se profundamente inquieta com as medidas israelitas, em particular a destruição de casas, a expropriação de bens árabes, os maus tratos aplicados aos presos, a pilhagem do património arqueológico e cultural e a exploração dos recursos naturais.

A F. P. L. N. reivindica a autoria das três explosões em Lisboa

As Brigadas Revolucionárias, organismos integrados na Frente Patriótica de Libertação Nacional, reivindicam a autoria dos atentados contra três importantes departamentos administrativos militares de Lisboa — informou ontem a agência noticiosa «France Presse», transcrevendo parte dum comunicado distribuído em Argel pela F. P. L. N.

A propósito desta informação, o director dos Serviços de Investigação da D.G.S., declarou ontem que, não podendo comentá-la, considerava a notícia **«como uma hipótese a ter em conta nas investigações. Passaremos a olhar com mais cuidado para um sector do que para outro»**, acrescentou.

O mesmo porta-voz assegurou que **«com os elementos de que a D.G.S. dispõe não é possível ainda obter a identificação dos dois mortos»**, sobre os quais se levanta ainda a hipótese **«de serem talvez autores materiais das acções»**.

BRIGADAS

Na sua nota oficiosa de 26 de Setembro de 1972, a D.G.S. atribuía à Frente Patriótica de Libertação Nacional, agindo

Continua na pag. 20

FARO: CAMPEÃ DO RUÍDO MOTORIZADO

Faro é a cidade mais ruidosa do País, enquanto na Horta o silêncio continua a resistir, segundo foi dito ontem à tarde pelo eng. Correia da Cunha, presidente da Comissão Nacional do Ambiente durante uma conferência de Imprensa destinada a fazer o balanço da campanha lançada há algum tempo pela referida Comissão. Inexplicávelmente, Lisboa aparece em quinto lugar. (Pág. 2).

Vinte minutos estendida no pavimento da Avenida do Campo Grande à espera do «115» esteve Emília Rosa Agostinho, empregada hoteleira, atropelada por um automóvel, quando atravessava aquela artéria. À mesma hora na Avenida do Brasil uma camioneta de passageiros atropelava Maria da Assunção Miranda, empregada doméstica, embatendo ainda numa árvore e derrubando um poste de iluminação (Pág. 20)

LEIA HOJE

No «Suplemento Literário», colaboração de Alexandre Cabral, Óscar Lopes, Mário Vieira de Carvalho, Carlos Porto, Helder de Sousa, Torquato da Luz, Franco de Sousa, José Luis Porfírio e José-Augusto França. E ainda Jorge Tavares, Carlos Luis Bravo, Vítor Ramos e Francisco Soeiro pondo fim à polémica com Eduardo Prado Coelho.

LEIA AMANHÃ

«A Reforma do Conservatório servirá o Teatro em Portugal?», uma entrevista com o actual director do Conservatório, em «Mesa Redonda», o suplemento das sextas-feiras, que inclui outros temas de actualidade e do maior interesse, entre os quais: O Modelo de Vida Actual Esgota e Polui o Mundo; Integração Social e Escolar das Crianças Cegas, etc., além das secções habituais.

Recenseamento eleitoral: hoje, último dia (Pág. 11)

HOJE 32 PÁGINAS

DL/NACIONAL

"Hippies", música "pop" e droga

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

. Uma intervenção do deputado Carvalho Conceição sobre a necessidade de rever alguns aspectos da situação do professorado foi das coisas mais interessantes da reunião plenária de ontem da Assembleia Nacional. Até ao fim desta semana, pelo menos, arrasta-se o aviso prévio sobre a toxicomania. Ontem, responderam à chamada 68 deputados,

A profissionalização do professor do ensino secundário foi uma das bases do discurso do deputado Carvalho Conceição, o qual considerou que, **«dada a responsabilidade da sua função, o ensino não pode estar à mercê de amadores ou de simples boas-vontades»**. O candidato à docência, disse também, **«precisa de uma completa preparação profissional, de um maior saber e de um espírito melhor formado, com capacidade de comunicação e de abertura aos problemas do seu tempo e de aceitação do educando, enquanto pessoa em formação»**. E salientou: **«Não esqueçamos que o encontro que no acto pedagógico se realiza nunca é neutro, antes determina uma acção modeladora no espírito e no carácter do jovem»**. O orador pôs em causa, na sequência dos seus considerandos, a diminuição das habilitações exigidas e o recurso a voluntários de formação pré-universitária. Estes e outros aspectos da questão resumiu-os o deputado apresentando as seguintes sugestões:

«1. Revisão da situação do professorado dentro do quadro-geral do funcionalismo.

2. Estabelecimento de uma nova escala de vencimentos, com maiores diferenças salariais, de acordo com a formação do docente.

3. Concessão de uma 3.ª ou 4.ª diuturnidades, num dos dois esquemas: 5 / 10 / 10 ou 5 / 10 / 10 / 5. Redução de serviço (de 2 horas) a partir da 2.ª diuturnidade.

4. Alteração do sistema de horas extraordinárias: limite máximo de 6 horas, a aceitar-se o esquema actual; nova tabela de gratificações, tendo em atenção a disciplina ou sessão e o ciclo; reparar a flagrante injustiça de que são vítimas os Instrutores de Educação Física. Na previsão de uma mudança na concepção das horas suplementares, considerar como tais certas tarefas dos professores, como sejam a preparação das lições, correcção de trabalhos, enquadramento de actividades juvenis.

5. Melhoria das medidas de alcance social, com a concessão de subsídios de habitação e transporte; estabelecimento de «serviço parcial», para as professoras com encargos familiares; instalações de apoio às famílias dos professores: creches, infantários ou mesmo jardins de infância.

6. Estabelecimento de um número de horas de serviço diferenciado, conforme a idade do docente (independentemente dos casos previstos nas diuturnidades, de modo a abranger os actuais eventuais) e o ciclo de estudos em que exerce a sua função.

7. Uniformização da gratificação de chefia aos chefes de Secretarias.

8. Redução e uniformização do montante das cauções do «tesoureiro».

9. Nova tabela de gratificações para o pessoal menor; atribuição de horas extraordinárias.

10. Criação de uma nova categoria de pessoal auxiliar, em virtude da complexidade dos novos meios de ensino, com relevância nos ramos científicos.»

OUTRAS INTERVENÇÕES

Antes da ordem do dia, os deputados Duarte Oliveira e Lopes Frazão referiram o alcance do anunciado aumento de vencimentos do funcionalismo público e outras medidas de carácter social; Alberto Alarcão congratulou-se com a extensão ao Ultramar de uma portaria sobre a composição dos vinhos comerciáveis e o respeito das marcas de origem; e Moura Ramos e Salazar Leite pediram repressão vigorosa contra os responsáveis pelos atentados bombistas.

Na ordem do dia, falaram sobre os perigos dos estupefacientes e aspectos de recuperação dos viciados os deputados Sinclética Torres, Cancela de Abreu, Brás Gomes e Leal de Oliveira. Este último orador, entre as diversas recomendações que fez, sugere sem peias o **«controlo do movimento «hippie» português e que se evite por todos os meios a entrada em Portugal dos seus adeptos estrangeiros»**. Propõe ainda o **«controlo dos festivais «pop», responsáveis por tumultos e difusão de drogas»**.

O mesmo problema continua na ordem do dia para a sessão de hoje.

O barulho domina em Faro e o silêncio na Horta

Faro, Porto, Santarém e Braga são, por ordem decrescente, as cidades mais ruidosas do país, segundo indicam os resultados da Campanha Anti-Ruído, apresentados ontem aos Orgãos de Informação, em reunião patrocinada pela Comissão Nacional de Ambiente. Presidiu o responsável-mor desta entidade, o deputado eng. Correia da Cunha, também presidente da Federação Portuguesa de Atletismo.

Os números apresentados não se referem a toda a espécie de poluição sonora (por isso Lisboa surge apenas em quinto lugar) mas, simplesmente, aos ruídos dos veículos motorizados, particularmente os velocípedes. Com efeito, a este tipo de transporte cabe a percentagem de 80 por cento de **«actuações por excesso de ruídos» e números de veículos detectados com deficiências e mandados reparar»**, da referida campanha, levada a efeito pelos competentes serviços da PSP e GNR, nas diversas capitais de distritos, incluindo as ilhas adjacentes, entre 11 de Dezembro de 1972 e 31 de Janeiro do ano corrente.

HORTA: A SILENCIOSA

Embora não tenha sido explicitada a razão porque Faro é a «campeã do ruído motorizado, o certo é que durante o citado período foram autuados, ou detectados como infractores naquela cidade algarvia, 900 veículos. No Porto 632, em Santarem 586, Braga 497, Setúbal 430 e Lisboa (quem diria?) sómente 343.

E já agora para informação dos que mais sofrem com a dita poluição acústico-sonora, a Horta — cidade dos Açores — será, assim o «paraíso do silêncio»: nenhum veículo com deficiências e, portanto zero autuações!

Acrescente-se ainda que os «zuns-zuns» dos aviões não constam dos números ou resultados apresentados.

Segundo disse ainda Correia da Cunha: **«A campanha anti-ruído vai continuar até se verificar uma mudança sensível da situação»**.

PROJECTOS

Ainda na mesma reunião o eng. Correia da Cunha apresentou o Plano de Trabalho para 1973, da Comissão Nacional do Ambiente, aprovado, a 22 de Janeiro deste ano, em sessão da CNA.

Nele são referidos como objectivos fundamentais:

1) Propôr ao Governo as bases para a definição de uma política nacional relativa ao ambiente; 2) Promover ou apoiar a especialização de pessoal científico e técnico necessário às actividades nacionais em todos os aspectos relacionados com o ambiente; 3) Acompanhar as actividades internacionais respeitantes ao ambiente e dar-lhes colaboração em tudo quanto respeita à participação portuguesa em reuniões internacionais neste domínio; 4) Luta contra a poluição; 5) Melhoria do ambiente urbano; 6) Defesa e melhoria do ambiente rural; 7) Protecção da Natureza; 8) Estudar e dar pareceres sobre os assuntos que lhe sejam submetidos para o efeito; 9) Fomentar o intercâmbio e a difusão de informações científicas e técnicas relativas ao ambiente, finalmente 10) Estimular as actividades relacionadas com a preservação do ambiente.

Para cada um destes objectivos são referidas, paralelamente, as **«acções a empreender»**, das quais foram destacadas por Correia da Cunha os sete projectos de investigação incluídos no IV Plano de Fomento (ainda por aprovar), a comemoração entre nós do **Dia Mundial do Ambiente** em 5 de Junho deste ano (sob a êgide da ONU) prevendo-se para esse dia uma aula em todas as escolas de um cartaz alusivo, um programa especial da televisão, programas da rádio e a sugestão de um caderno especial em todos os jornais, e com o apoio do município, organização em Lisboa uma manifestação pedreste para pessoas de todas as idades — colaboração com a CML para construção de **uma estação de tratamento de esgotos,** orçada em cerca de 500 mil contos, para a zona Olivais-Algés, além do inventário das principais indústrias poluidoras, sua localização e classificação de acordo com o tipo de poluição originado.

uma TEREZA que, mesmo CANSADA DE GUERRA, você vai gostar...

Dentro de dias estará consigo

BREVEMENTE a edição portuguesa de TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA,

120$

A RESPEITAR, INTEGRALMENTE, A LINGUAGEM DO AUTOR

o último livro de JORGE AMADO

UM LANÇAMENTO DE PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 - Mem Martins

BREVEMENTE CONSIGO

NOVO DISCO DE

PAULO JORGE

DESTRUIÇÃO
É FÁCIL TER VINTE ANOS
RUA FORA
NO CIMO DA MONTANHA

DISCO VOZ DO DONO 8E 01640262

À venda nos revendedores habituais e em VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

CROWN

A RAINHA DAS PILHAS

MAIS LUZ — MAIOR DURAÇÃO

Importador e distribuidor:
CASA DAS LAMPADAS
Rua dos Caldeireiros, 80
— PORTO —

DL/OPINIÃO

O TEMPO DA PARTICIPAÇÃO

Lançada (ou relançada) em França pelo general De Gaulle ao tempo das suas grandezas governamentivas (já postas afinal em dúvida pelos próprios franceses), a palavra «participação» foi convertida numa espécie de gazua ou passe de mágica, graças aos quais se resolveriam, na mesma volta de mão, os problemas económicos e sociais, e, por tabela assim prognosticada, os problemas políticos. Seria como um novo «fiat lux» (uma vez mais o poder do verbo...) que viria abolir definitivamente as trevas e mostrar o caminho para uma verdadeira idade de ouro, não já a mitológica, mas outra, bem real, feita pelos homens. Ora, esgotada pelo uso inconsiderado, a «participação» desapareceu, praticamente, do vocabulário político francês, não lhe valendo sequer a recente conjuntura eleitoral, ao parecer propícia a um renovo polémico que tornasse menos periclitante a sobrevivência da maioria governamental...

Também entre nós, a ideia da participação surge como uma suposta dinâmica capaz de acelerar um processo de integração social unânimemente desejado. Seria caso de dizer, como Eça de Queiroz há muitos anos, que todas as ideias nos vêm de França, já não diremos encaixotadas (a comunicação é hoje muito menos artesanal), mas ainda com bastante atraso. E não deixa de ser curioso que, por assim dizer, se importe o «ponto de partida» e se despreze o «ponto de chegada», isto é, toma-se a ideia no seu estado inicial e recusa-se a experiência por que ela teve de passar. Não se teme repetir equívocos, ou considera-se que talvez no meio para onde será feita a transplantação as coisas se passem diferentemente e o que foi desaire para além dos Pirinéus se mude em vitória para cá do Guadiana... Fosse esse o caso milagroso e todos teríamos razões para felicitar-nos. Mas virá realmente a ser assim?

Fique a pergunta em suspenso, aguardando a única resposta autêntica, que só lhe poderá ser dada pelo tempo. Então se saberá se a «participação» continha em si alguma coisa mais que o seu projecto, já que não tardará muito (não pode tardar) que esse mesmo projecto se defina e se apresente em termos de programa coerente e objectivo. De outro modo, achar-nos-íamos, uma vez mais (e depois da França), perante uma palavra desligada da realidade nacional, apenas excelente para o vaivém das justas oratórias, com o consequente risco de sobrepor as fórmulas aos factos e o risco muito maior de uma obstinação que recuse os factos por amor das fórmulas. Como já se tem visto...

Pode-se em todo o caso recear, desde já, que as seduções verbais do conceito venham a tornar-se num fim em si, ou, o que não seria melhor, que a «participação» seja cuidadosamente desfibrada e só transporta para a prática naqueles seus aspectos que mais pacíficos se mostrem de antemão: na medida em que menos se puser em jogo, menos se arrisca, e a «participação» salvar-se-á e será apresentada como um triunfo graças a eventuais bons resultados conseguidos em pontos acessório e de nula importância social.

Subitamente lançada no tabuleiro político, a «participação» requer minuciosa explicação que, evidentemente, só poderá ser dada por quem tão decidido a propõe.

PRECISA DE ÓCULOS?
OCULISTA
MARGA
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 97-1.º
FORNECEDOR DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

Panamá

O Canal de Panamá, cujo estatuto será evocado pelo Conselho de Segurança da ONU na sua reunião de 15 a 21 do corrente na capital panamiana, tem para os Estados Unidos uma importância capital, simultâneamente económica e estratégica, comparável à que tinha outrora o Canal do Suez para o império britânico.

A construção do Canal, iniciada em Janeiro de 1881 pelo engenheiro francês Ferdinand Lesseps, cuja empresa faliu em Maio de 1889, foi recomeçada, em Maio de 1904, pelo governo americano depois da assinatura de um tratado, em Novembro de 1903, com o governo panamiano, que lhe proporcionou uma concessão relativa a 1 432 quilómetros quadrados de terrenos.

Ligando o Atlântico ao Pacífico, o Canal, inaugurado em 15 de Agosto de 1914, tem o comprimento de 80,5 quilómetros, a largura média de 91,5 metros e a profundidade de 12,5 metros. O seu custo foi de 367 milhões de dólares.

O tráfego em constante aumento (68,3 milhões de toneladas em 1963, 121 milhões de toneladas em 1971, representando uma receita de cem milhões de dólares) supõe-se que virá a atingir o ponto de saturação em 1980.

Cortando em dois o território da República do Panamá, a zona do Canal é governada pelo presidente da companhia do Canal, de que é único accionista o secretário de Defesa americano. Ali se encontra a sede do quartel geral das forças armadas americanas nas Caraíbas e importantes instalações militares. Residem na zona do canal 57 000 pessoas, incluindo cerca de 40 000 americanos, todas dependentes exclusivamente da jurisdição americana.

Inflação

Portugal passou de uma inflação de 8,4 por cento, em Dezembro do ano passado, para uma de 9,1 por cento em Janeiro deste ano. A Espanha de 7,3 para 8,1. E a Turquia de 14,8 para 11 — estes alguns dos números agora revelados, em Paris, pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Em França a inflação desceu de 6,9 para 6,6 entre Dezembro e Janeiro. Na Holanda de 7,8 para 7,6. Na Noruega de 7,6 para 6,8. E na Austrália de 5,8 para 3,5. Na Alemanha Federal manteve-se a 6,5, na Itália a 7,4. Na Inglaterra a 7,7, na Islândia e 12,9 na Irlanda a 8,2, no Japão a 5,3, na Suécia a 6,2 e na Dinamarca a 7,1.

A inflação — além de Portugal e Espanha — também aumentou, de Dezembro para Janeiro, na Suiça, na Bélgica, na Finlândia, na Austria, na Grécia, no Canadá e nos Estados Unidos.

Entretanto, Tóquio continua a ser a cidade onde a vida é considerada mais cara, seguida por Lomé (capital do Togo) e por Paris.

«Diário de Lisboa»

As nossas «opiniões» sobre Reforma do Conservatório Nacional e Poluição e Olivença foram transcritas pelo «Diário de Luanda». Também fizeram transcrições ou referências ao nosso jornal, entre outras, as seguintes publicações: «Independência de Agueda», «Voz Portucalense», «Notícias» (Lourenço Marques), «Notícias de Chaves», «Notícias da Amadora», «República», etc.

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

GRADES, REFERĒNCIAS, POMBAS

. Aos olhos de Heitor estávamos prisioneiros. Mais: **éramos todos prisioneiros perpétuos, sem esperança já de libertação.**

Partíramos os cinco no carro grande, para um itinerário só meio esboçado, com muita bagagem e pouco dinheiro, e com os salvados das nossas respectivas mocidades: os risos fáceis, os silêncios comovidos, as discussões apaixonadas, os deslumbramentos tão espontâneos que ninguém pensava em pudor ou despudor, nunca ninguém pensava em dissimulá-los. A febre.

Náuseas e pavores, só nos sonhos. Dormidos. Recordo que nos sonhos, sim, mas só aí, se desenrolavam escuros corredores povoados de monstros — répteis, na maior parte.

Às vezes confrontávamo-los na hora do primeiro almoço, dispunhamo-los sobre a mesa comum, e ali ficavam tolhidos, por entre as chávenas e as bolachas. Monstros de pequena dimensão, já se entendeu.

Porquê só pardos ou amarelados e nunca verdes, perguntava alguém. Ora, um monstro verde não seria verdadeiro, deixaria logo de ser monstro. Um monstro não merece a cor verde, outro alguém respondia.

Portanto pardos, amarelos, capados, enovelados na baba. Pouco duravam, porém. A luz da manhã e os guizos do riso davam cabo deles. Víamo-los torcerem-se e dissolverem-se. Literalmente desvanecidos. Só tornavam a atacar de noite, no sonho. Mas eram-nos tão exteriores, tão pouco «nossos» — não eram, em absoluto, nós — que de dia voltavam para donde tinham vindo e onde pertenciam. Bem depressa nos desembaraçávamos deles. Aí onde habitavam, nesses mundos-gente que deixáramos para trás, em tréguas merecidas, continuavam, à luz do sol, à luz do sol, a sua obra de destruição. Todavia, relata a crónica que nos foi dado conhecer, iam destruindo, sobretudo porque metodicamente, e porque ninguém conseguia embargar-lhes essa tarefa diurna a que se entregavam com aplicação e perverso gozo, iam destruindo **por dentro** os próprios casulos baços, o seu natural habitat.

Assim, não precisávamos de palavras mágicas, nem de nenhumas palavras, para nos livrarmos dos «perigos». Bastava a manhã e os risos.

De cidade para cidade roncava o carro. Visitávamos castelos, descíamos às praias, chegámos a correr de mãos dadas por entre pomares.

Mas cedo nasceu aquela acusação, ora risonha ora impaciente, que depois se repetia amiúde e que por sua vez se tornava motivo de eriçadas argumentações. «Prisioneiros, prisioneiros dos livros, da cultura, do intelecto! Nenhum de vocês tem um olhar lavado! Sempre essa lente gravada por outros entre vocês e aquilo que vocês olham, aprei»

. Isto porque a Provença que impetuosamente atravessávamos com paragens de acaso e súbitas paixões por este ou aquele recanto, nos era realmente **referenciada** pelos que a tinham para sempre apreendido e ali estavam — esses, sim, dentro de nós-em nós-ao nosso lado — a oferecerem-na. Que a amássemos juntos. Com eles. Os artistas. Os poetas, os pintores.

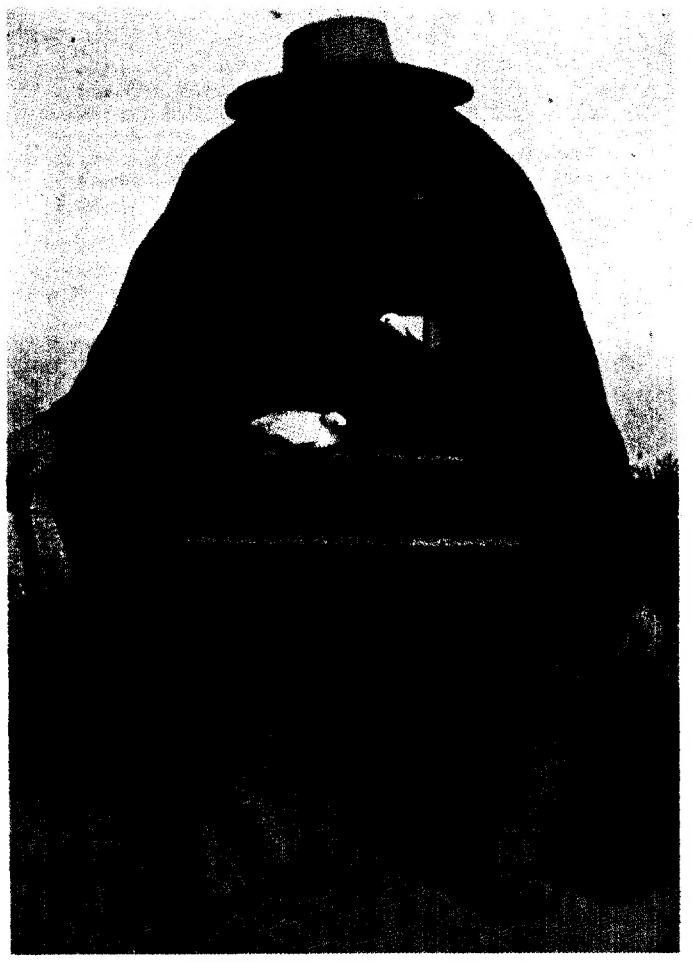
Assim, aquela dura luz do meio-dia... toda amarela, o sol que parecia rodar, rodar, no seu lugar do céu, e o campo com cada tronco e cada folha debruada, **era** um Van Gogh!...

A paisagem em lâminas de cor numa hora mais sombria aproximava-se de nós assinada por Cézanne...

Aquele céu às nove da noite sobre Saint-Jean-Cap Ferrat — uma camada lisa de vermelho coberta por uma camada lisa de azul — era o de Chagall, ele não mentira, oferecera-o à mulher de perfil, e agora a mim.

Aquelas velhas de Arles haviam passado por nós, vindas de Gauguin.

Depois íamos já ao ponto de em cada rosto da praça, do



largo, da esquina, reconhecer o rosto, o tipo anteriormente retido no quadro conhecido... Um exagero. Daí a irritação de Heitor, o homem que conseguia amar a natureza sem intermediários.

Diga-se que as irritações ou as discussões apenas nos ligavam, eram só mais um momento intenso. (Que bom, ainda sabíamos brincar.)

E daquela vez até foi bem recebida a citação. Estávamos todos sentados na margem, sobre torrões de terra e ervas cheirosas. Embrenháramo-nos por um campo de alfazema. Os tufos de alfazema, ao longe, pareciam gigantescos leques, caudas de pavão. Depois fomos dar ao ribeiro. Mudos nos sentámos, de pernas pendendo e pés na água. Com um olhar de esguelha eu martelei, do Herberto Helder: «As pedras por onde circula a àgua ficam vivas de tanto cantar e, quando se voltam, atingem a sua maior velocidade interior.»

. Alguém disse que não era preciso aquele olhar entre timorato e de desafio. Que repetisse. Repeti. Trouxemos algumas pedras.

Há dias falo para uma amiga que escolheu viver só. (Pode parecer incompatível tanta ternura, tanta fragilidade — força, tanto encanto, com a solidão — e é! Mas viver só não significa, em todos os casos, «solidão».)

. Preocupava-me a sua saúde: a asma voltara a atacar. Então ela contou-me a noite medonha, a sufocação, o fole do pulmão que não se abria, os apitos dentro do peito, «como gritos de pássaros. — Olha, no meio daquela angústia toda — julguei que morria aqui sòzinha, asfixiada — lembrei-me do quadro das pombas do Magritte, vi-me a mim próprio com o interior do peito cheio de pássaros, e com a lembrança ainda me ri, antes de cair para o lado, meio desmaiada...»

Ela não tomou parte nesta viagem pela Provença. Mas fez-ma evocar. Nós, Heitor, os do «parece um Dufy!» «parecem um Seurat!» «parece um Monet!» estamos — não estamos? — plenamente justificados e afinal libertos...

Leia às segundas-feiras
motor
Edição de todos os desportos

DL/GERAL

ASSOCIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DO LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA

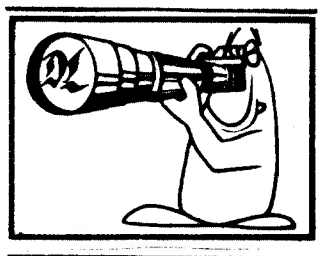
Amanhã, pelas 19 horas, terá lugar no ginásio do liceu Padre António Vieira, a cerimónia de posse dos novos corpos directivos da Associação das Famílias dos alunos daquele estabelecimento de ensino.

No decorrer desta sessão solene, serão ainda entregues os prémios aos estudantes melhores classificados do ano passado.

ASSASSÍNIO NA ESQUADRA

HANDERSONVILLE (Carolina do Norte), 15 (UPI/ANI) — Uma mulher entrou numa esquadra da Polícia a gritar «o meu marido quer matar-me». Mal acabou de proferir a frase, soou um tiro, e a mulher, Evelyn Dairty, caíu morta.

O marido, que utilizara uma espingarda de grande potência para disparar de dentro do seu carro, estacionou o veículo dois quarteirões adiante e suicidou-se.



GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA

O dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, visita no domingo, às 17 horas, a sede do Palmeiras Lisboa Clube, a fim de presidir à sessão de encerramento das comemorações do 16.º aniversário da agremiação.

A ASSALTANTE CHEGOU E PARTIU DE TÁXI

OHIO, 15 (UPI/ANI) — Uma mulher dirigiu-se da táxi à dependência de um banco em Pittsburgh, assaltou-o e depois fugiu no mesmo táxi.

A polícia declarou que a mulher, com cerca de 25 anos e usando um gorro branco de pele, apresentou ao empregado um papel onde estava escrito: «Tenho uma arma. Não dê o alarme».

Ordenou ao empregado que enchesse de notas um saco de papel, saiu do banco e voltou a entrar no táxi que a esperava.

Mais tarde a polícia descobriu o condutor do táxi, que afirmou ter pensado que a mulher era uma cliente do banco.

MAIS 50 CONTOS EM FURTOS

Causas várias levam a que o furto cada vez mais se manifeste como processo de obter proventos materiais. Deste modo são diárias as queixas surgidas na Polícia Judiciária. Durante a noite de ontem a lista aumentou com o arrombamento da porta de um supermercado, na Av. Infante D. Henrique, 43, em Oeiras, tendo desaparecido 11 garrafas de whisky, 16 de espumoso, conservas, queijo e tabaco totalizando 4.069$00; numa loja de artigos para construção civil, Av. do Uruguai, lote 1351, porta D, foi partido o vidro da montra e retiradas 11 máquinas rebarbadoras eléctricas cujo preço ronda os 30 contos; também numa vivenda situada na Av. 28 de Maio, lote ABC, prédio A, 1.º Esq., em Figueira do Guincho, Malveira da Serra, alguém se aproveitou para retirar uma espingarda de caça automática, 2 garrafas de whisky, 2 rádios, um relógio e uma balança de cozinha, tendo sido encontrada uma garrafa meia vazia próximo da residência; já não tiveram tanta sorte os indivíduos que se introduziram numa moradia particular da Estrada Marginal, 160, em São Pedro do Estoril, que nada puderam levar em virtude da casa se encontrar vazia por o dono estar ausente no Brasil.

TRATADO LUSO-BRITÂNICO

A fim de celebrar os seis séculos de existência do Tratado assinado em 1375 por Eduardo II de Inglaterra e Fernando I de Portugal, os Governos dos dois países projectaram a realização de vários actos comemorativos, para além das já anunciadas visitas do Principe Filipe ao nosso País (de 5 a 8 de Junho) e do Chefe do Governo português ao Reino Unido.

Entre aqueles actos, assinalemos a deslocação da «Sagres» a Inglaterra, em Agosto, para participar num festival náutico; a apresentação da Fanfarra da Cavalaria da G.N.R. no Royal Tournament e no Royal Show; a exposição de obras do pintor William Turner na Fundação Gulbenkian. Haverá também manifestações de carácter comercial.

«DOMINGO À NOITE» À QUARTA-FEIRA

Andeanne e «Los Diablos del Bombo» foram as grandes atracções do programa «Domingo à Noite» ontem gravado ao vivo no Teatro Maria Matos. Actuaram ainda, no decorrer do espectáculo, o duo «Elas», Branco de Oliveira, Florência e o grupo de bailarinas do programa. Duas entrevistas, a Armando Guerreiro, que, como cantor lírico qué, exemplificou, e ao eng. Mota Maia, director do Centro de Intercâmbio e Turismo Universitário, completam mais esta sessão de «Domingo à Noite».

PROMOÇÕES MILITARES

Por decisão do Conselho Superior da Defesa Nacional, foram promovidos ao posto de general o brigadeiro José Nogueira Valente Pires, actual comandante da Região Militar de Tomar; ao de brigadeiro, o coronel tirocinado piloto-aviador Marcial Estrela Rodrigues, director do Serviço de Pessoal da Força Aérea; e ao de comodoro, o capitão-de-mar e-guerra, médico naval, dr. Mário Santos, director do Hospital da Marinha.

OPERAÇÃO «STOP»

Durante a operação «stop» ontem realizada foram fiscalizados 630 carros particulares e 66 táxis, tendo-se registado 37 autuações, uma detenção por condução ilegal e duas viaturas recuperadas. Os postos de fiscalização estavam localizados em Monsanto, junto ao Estádio Pina Manique, Estrada da Correia, Av. Professor Egas Moniz, Av. Almirante Reis e Av. Infante D. Henrique.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

30.066 — 2.450.000$00
26.560 — 245.000$00
37.065 — 140.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

30.065 — 7.577$50
30.067 — 7.577$50

PRÉMIOS DE 7 CONTOS

377; 1.263; 1.306; 1.737; 4.830; 6.772; 8.128; 13.775; 17.474; 18.340; 18.682; 18.694; 19.051; 20.600; 20.698; 21.241; 23.059; 23.761; 23.976; 25.748; 25.799; 26.290; 28.699; 30.285; 32.355; 32.473; 32.959; 33.872; 34.388; 34.884; 38.536; 39.202; 39.920; 40.272; 40.542; 41.267; 41.601; 44.050; 47.573; 48.659 e 50.525.

PRÉMIOS DE 280$00 (CENTENAS)

26.501 a 26.600; 30.001 a 30.100 e 37.001 a 37.100

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 102, 217, 414, 725, 735 ou 925, são contemplados com 560$00, no bilhete de cada uma das duas séries da emissão. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 03, 08 ou 49 têm direito a 350$00, de prémio. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 6, são premiados com 175$00, também no bilhete de cada série.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 4.900 contos das duas sortes grandes e os 280 contos dos dois 3.ºs prémios foram distribuidos aos balcões da Casa da Sorte.

UMA EXPOSIÇÃO DE NÍVEL EUROPEU

Visite a Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Medalhística de Camões NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Horário: das 13 às 20 h.
aos domingos: das 14 às 19 h.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

Aumento de capital de 1000000 para 1500000 contos

Parcela destinada ao público

Avisam-se os Senhores Subscritores do último aumento de capital de que a segunda prestação, de 1500$00 por acção atribuída, deverá ser paga de 15 a 31 do corrente.

O pagamento referido deverá ser realizado no balcão da instituição de crédito onde tiver sido efectuada a subscrição.

Lisboa, 13 de Março de 1973.
O Conselho de Administração

Se Você é bom observador não lhe será difícil adivinhar pela expressão deste casal onde eles acabaram de jantar.

Expressão de beatitude e hedonística satisfação que demonstra bem a plenitude da arte culinária dos chefes de cozinha Sheraton e a enologia Sheraton.

Reservas: Lisboa - 56 39 11

Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho 1 - Telefs 56 39 11 41 51
UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT

TV DL/ESPECTÁCULOS

"COMPANHEIROS INSEPARÁVEIS"

O que eu sei é que estava tudo à espera de uma evasão das boas, das antigas e sai-lhes uma evasão em sentido figurado mas não menos evasora: o senhor de la Pivardière evadiu-se do lar conjugato para ir plantar a felicidade noutro canteiro. Na França daquele tempo a coisa deu barulho. A moral do convento ficou salva quando tudo se transformou numa história de amor infeliz e quando o tal de Pivardière escolheu o campo neutro onde uma bala o encontrou.

Preenchido o serão com uma história que poderia dar-nos algum motivo para reflexão se não tivesse sacrificado em demasia ao pitoresco e ao rodriguinho da história, mais não nos resta do que olhar para trás e procurar alguns pontos de referência.

Ninharias, tudo. Monotonia na motonáutica, os motores em marcha... forçada para o reino dos sorrisos de tristeza. Formidável aquele depoimento em italiano, certamente muito importante e que ninguém se lembrou de traduzir... Poliglotas, mas não tanto.

O ponto de maior interesse poderia residir na apresentação de uma nova série. Acabou na realidade por assumir uma importância — mas negativa.

«Companheiros Inseparáveis» ela se chama. Dois amigos vivem juntos em comunhão de casa e mesa. Isto é a única parte que temos da sua vida. Certamente não é com muita frequência que dois amigos são vistos a conviver com tamanha intimidade. Pelo menos entre nós, o caso, não sendo inviável, não será contudo frequente pelo que estamos em dúvida sobre o grau de popularidade que «Companheiros Inseparáveis» irá encontrar entre nós. Prepare-se a RTP para uma das maiores vagas de protesto da sua história.

Como se sabe, estas séries de reduzido calibre vão ao encontro de determinadas situações ou determinados públicos capazes de fornecer uma base de sustentaçao forte o bastante para assegurar o êxito comercial. O mesmo acontecerá, julgo eu, com estes «Companheiros Inseparáveis» em cujo episódio de abertura se espraiou uma epidemia de mau gosto da primeira à última imagem.

Voltaremos a falar desta série, se é que segundo episódio vai haver. A verdade é que estes «Companheiros Inseparáveis» conseguem sobressair em sentido deseducativo, em idiotia, em complemento de desagregação, em poluição pública, no vasto panorama de séries americanas

A CAÇA POBRE DO CINEMA POBRE

A propósito do Festival de Cinema Turístico, assistimos à primeira exibição absoluta da pequena metragem de Francisco de Castro intitulada «Cenas de caça no Baixo Alentejo». Antes da passagem da fitinha aconteceu uma conversa com a presença do realizador e de Vítor Barbosa.

Desta conversa nada nos ficou com alguma viabilidade de interessar o leitor. Alguma esperança depositava no filme, distinguido com «menção honrosa» no dito Festival.

A esperança saiu frustrada, ingloriamente frustrada. À partida, a posição de Francisco de Castro apresentava-se difícil. Como iria ele ultrapassar a barreira de qualidade (e também de lugar-comum) de que está recheada a história da caça? Como se iria ele arranjar sem as grandes cavalgadas, os delírios da matilha, a angústia dos animais acossados? Quer dizer: que temas iria escolher para dar, a uma história sobre a caça, uma nova dimensão? Estaria Francisco de Castro resolvido, vamos lá, a integrar a caça num contexto social, cuidá-la criticamente?

Não, isso não podia fazer. Se se tratava de um filme turístico, Castro não se arriscaria em negócio tão perigoso.

Desprovido, pois, dos grandes espectáculos venatórios, mais ou menos à inglesa; não desejoso de se meter pelos atalhos da crítica social — ei-lo integrado na pequena caça, o coelhito, o pombito, o patito, tratada de maneira banal, sem ultrapassar nunca a visão superficial e provinciana. Com tais ingredientes, o impacto cinematográfico tinha forçosamente de ficar anulado. Sem preocupações de concursos, sem subsídios de ninguém, consequência de um trabalho de rotina, temos nós visto melhor na televisão portuguesa desde os tempos de «Desporto e Natureza» de Helder Mendes e Manuel Amaral.

Se o estrépito da fuzilaria pudesse dar qualidade, estas cenas de caça teriam alguma. Com mil diabos: não pareciam cartuxos, pareciam bombardas. Quem quiser ouvir uns tiros bem puxados, com armas fumegantes, veja a fita de Castro. Não procure mais nada. Porque nada mais encontrará. E verdade: qual a vantagem turística da obra?

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

2.º TRIMESTRE DE 1973

FRUTAS:
Conc. Público n.º 46/73

OVOS DE GALINHA:
Conc. Público n.º 47/73

PEIXE:
Conc. Público n.º 48/73

PÃO:
Conc. Público n.º 49/73

LEGUMES FRESCOS E HORTALIÇAS:
Conc. Público n.º 50/73

BATATAS:
Conc. Público n.º 51/73

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

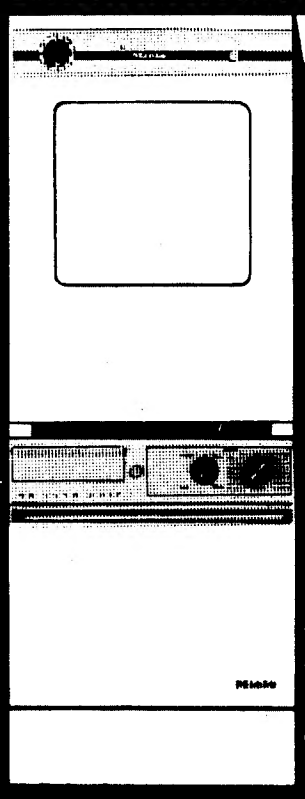
A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 13 de Março de 1973.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

Coluna lavar/secar roupa
W440/T330

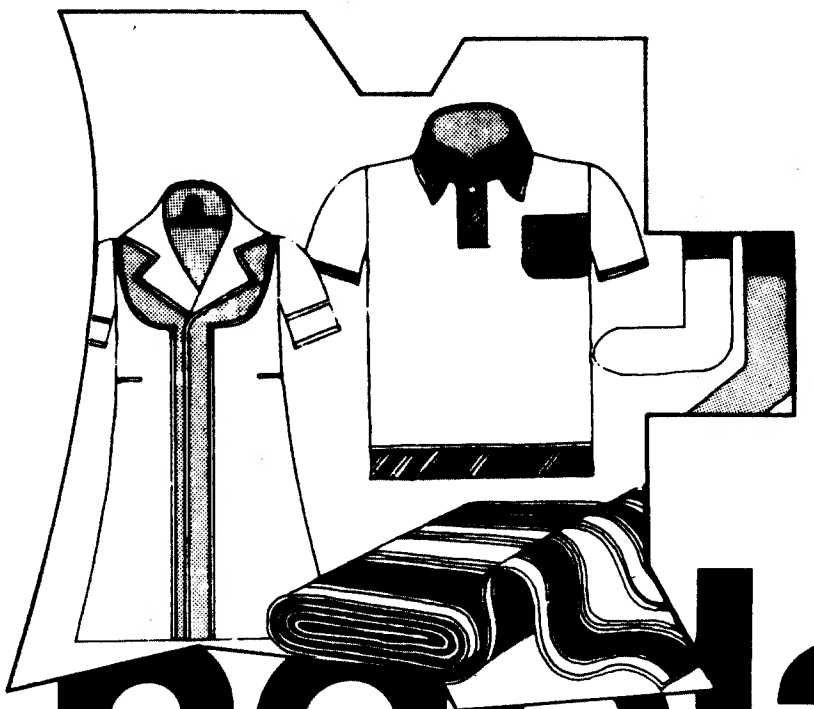


Lavagem automática e secagem electronica - simultâneamente - num minimo espaco de sua casa

Miele

Agente Oficial:
M. L. FERREIRA
Rua D. Estefânia, 48 A — Telef. 58958
— LISBOA —

LATINA



Angola
já precisa de produzir 1.760 mil contos de texteis e vestuário por ano

Um recado de Angola para o industrial.

Continuação do recado:
Angola só ainda produziu e confeccionou 274 mil contos do seu consumo de 1971.
O "resto", 1486 mil contos, foi importado
A partir de 1972, entraram em vigor fortes restrições à importação, que se irão agravando progressivamente.
O objectivo é fomentar a produção local, claro. Através de si. Aqui em Angola tem
Um mercado aberto: seis milhões de pessoas, infra-estruturas preparadas, fácil acesso à mão-de-obra, recursos naturais inexplorados e mercados limitrofes compradores.

Aqui beneficia de **importantes facilidades:** isenções e redução de impostos industriais, sobre a aplicação de capitais e complementares; importação automática de bens de equipamento e de matérias-primas; redução nas tarifas de energia e nos preços de combustíveis; garantia de repatriamento de uma percentagem de capitais; crédito a médio e a longo prazo e condições excepcionais; em certos casos, redução de emolumentos alfandegários.
Estas são condições gerais. Há outras, específicas, que acertará connosco.

Que mais precisa para ser industrial de vestuário em Angola?
Estamos prontos a ouvi-lo.

Somos o Serviço de Promoção Industrial da Direcção dos Serviços de Indústria de Angola

DL/ESPECTÁCULOS

Cantigas para Pat Nixon

WASHINGTON A Casa Branca anuncia que o cantor Merle Haggard está á cabeça de uma lista de artistas que actuará na festa dos 61 anos de Pat Nixon, esposa do presidente.

Haggard será acompanhado por um grupo denominado «The Osborn Brothers».

Dirigentes do congresso e amigos da família serão convidados para a festa. A «primeira dama» faz 61 anos na sexta-feira, mas, tradicionalmente celebra o seu aniversário em 17 de Março dia de S. Patrício.

Circo no Montijo

Está marcada para hoje pelas 16 horas a estreia de um espectáculo do Circo Paris. A novidade do «maior espectáculo do mundo», que vai assentar arraiais no Montijo, consiste principalmente nas atrações do Circo Alabama, integradas no «show» do Circo Paris: duplo canhão humano malabaristas, palhaços, etc, todos eles figuras de primeira do referido Circo Alabama, dos Estados Unidos.

Bandas de música

Vai ser comemorado o 108.º aniversário da Banda Bingre Canelense, de Canelas, concelho de Estarreja. Além de uma sessão solene, haverá missa cantada na igreja matriz da freguesia por alma dos sócios falecidos, seguindo-se, depois, um concerto pela banda no edifício recentemente construído para sua sede. Dirigirá o concerto o regente da Banda Bingre Canelense, sr. Fernando Rainho Valente.

No próximo dia 19 de Março, pelas 21 e 45, inicia a Banda de Música da GNR, sob a direcção do seu chefe, capitão Silva Dionisio, uma série de concertos no Teatro Municipal de S. Luiz.

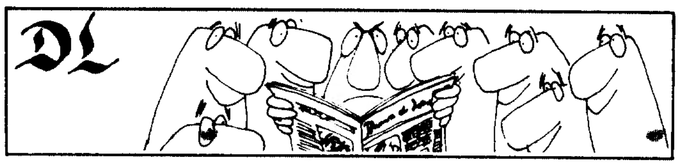
Entre as obras programadas executar-se-ão em 1.ª audição pela Banda, a «Sonata para Saxofone» de Jascha Gurewich em que será solista o 1.º Sargento Miranda Raposo e a Suite de Kodaly «Háry János».

Será também apresentada em 1.ª audição em Portugal a obra do Checo-americano Karelusa «Música para Praga — 1968», obra esta que conquistou em 1969 o «Prémio Pulitzer».

No sentido de tornar possível ao público o acesso a este concerto, poderão os bilhetes ser pedidos na portaria do Comando Geral todos os dias das 8 às 20 horas, e os que restarem, na bilheteira do Teatro de S. Luiz à hora do concerto.

Cinema em Coimbra à meia-noite

COIMBRA, 15 A exemplo do que já se faz noutras cidades, também em Coimbra vão realizar-se sessões de cinema depois das zero horas. Esta iniciativa do Teatro Avenida, vai ao encontro dos desejos dos cinéfilos desta cidade, tanto mais que se não trata de sessões no género habitual mas de apresentação de filmes em antestreia, desde a comédia ao terror, ao policial e ao filme de estúdio. As sessões iniciam-se já na noite do próximo sábado para domingo, ás 0 e 30 com uma antestreia em Portugal, o mais recente filme de Ignmar Bergman, «A Força do Sexo Fraco», para maiores de 18 anos.



CRÍTICA DE CINEMA Lauro António

A Papisa Joana

Título: A ESPERA DE JULGAMENTO (Detenuto in Atesa de Giudizio)
Realização: Nani Loy, 1971 (Itália);
Intérpretes: Alberto Sordi, Elga Anderson, Natale e Nazzareno, Silvio Spaccesi, etc..
Distribuição: Rivus;
Estreia: Cinema Mundial (9.3.1973)

Título: A PAPISA JOANA (Pope Joan)
Realização: Michael Anderson, 1972 (Inglaterra);
Intérpretes: Liv Ullmann, Maximilian Schell, Franco Nero, Trevor Howard, Jeremy Kemp, Lesley-Anne Down, Patrick Magee, Olivia de Havilland, etc..
Distribuição: Columbia;
Estreia: Cinema Império (8.3.1973)

1. O cinema italiano, que durante largos anos pareceu quase totalmente adormecido e demissionário, regressou a um plano de combate e denúncia nestes primeiros tempos da década de 70. São múltiplos os títulos que de Itália nos chegam, mostrando até que ponto o cinema transalpino se voltou a debruçar activamente sobre a sua realidade social, económica e política. Ao lado de cineastas de méritos comprovados, reaparecem nomes injustamente esquecidos (como poderá ser, nalguns aspectos, o caso de Dino Risi) e outros que só raramente mereceram as honras de análises mais detalhadas. No primeiro grupo, Francesco Rosi (**O Caso Mattei**), Elio Petri (**La Classe Operária va in Paradiso**), Damiano Damiani (**Confessione di un Comissário ou L'Istruttoria é Chiusa: Dimentichi**), Bellochio (**NEL Nome del Padre**), Marco Ferrari (**L'Udienza**), Fellini (Roma) são alguns exemplos que nos ocorrem de memória para comprovar um renascimento que se nos afigura particularmente importante.

A um nível mais modesto de ambições, situa-se esta obra de Nanny Loi, agora estreada em Portugal. Um nível mais modesto, mas ainda assim interessante e corajoso. **À Espera de Julgamento** pretende ser a denúncia de umas quantas leis italianas de origem fascistas, que ainda hoje perduram na prática judicial daquele país. Para exemplificar o seu ponto de vista, bem assim como a monstruosidade de uma engrenagem policial e jurídica, Nanny Loi serve-se de um caso eleito como típico: Um construtor civil italiano, emigrado na Suécia há longos anos, regressa a Itália para umas curtas férias de quinze dias. Ao atravessar a fronteira, é detido pela polícia que o leva imediatamente para a cadeia, onde esperará por julgamento. Apanhado entre as quatro paredes de uma cela, incomunicável, desconhecendo totalmente o crime de que o acusam, o construtor civil vai vendo piorar gradualmente a sua situação até que a engrenagem se torna irreversível. Neste aspecto, o filme relembra vagamente, pela construção, **Amantes Desconhecidos**, de Otto Preminger. Também aqui, um indivíduo é apanhado por uma engrenagem viciada (em Preminger, o hospital) é inteiramente devorado pelo sistema.

Falta a Nanny Loi uma coerência e rigor estilístico, cuja ausência as suas obras por demais reflectem. **À Espera de Julgamento** tão depressa nos empolga com sequências quase diriamos notáveis (muitas cenas filmadas nas prisões, uma sequência final, numa clínica psiquiátrica, etc), como nos decepciona com fraquezas e concessões inaceitáveis (demagógicas comparações, nada subtis entre a situação dos presos e ocupantes de carruagens e barcos de recreio, etc...). Esta oscilação de tom é, aliás, uma constante na própria interpretação de Alberto Sordi, que, apesar disso arranca um dos seus melhores trabalhos nos últimos anos.

2. Que tenha havido um Papa mulher, eis o que tanto a história, como a lenda parecem confirmar. Sob uma e outra baseou-se Michael Anderson, um realizador excessivamente medíocre, para a realização do seu último trabalho: **Pope Joan A Papisa Joana** percorre, assim as etapas da lenda, ilustrando o caminho de uma filha de pregador, nascida na Alemanha durante o século IX, e que, por morte do pai, se disfarça de monge e vagueia pela Europa, fugindo das invasões saxónicas, acompanhada pelo seu amado Irmão Adrian. Por obra do acaso, a sua fama de pregador (a) acabou por chegar aos ouvidos do Papa, que o (a) escolhe para seu secretário (a) particular. De surpresa em surpresa, a ninguém surpreende já a ascensão a Papa. Mas, nem tudo fora ainda visto, pelo espectador boquiaberto Michael Anderson (que já nos dera **As Sandálias do Pescador** é sina sua!) reserva-nos mais um momento de grande expectativa: Joana, já Papa, recebe nos seus aposentos (o Imperador Luis (que momentos antes publicamente consagrara) e, do cruzamento inabitual de duas personalidades tão vincadas, nasce, em plena procissão pelas ruas de Roma, uma criança. Mãe, Papa e filho acabam estilhaçados pelo povo em fúria. Esta a história em episódios dramáticos, da **Papisa Joana**. O único interesse do filme (para além do anedotário que encerra), reside na pintura que nos dá da vida quotidiana num convento, em plena Idade Média. Vida quotidiana que rivaliza, em «liberdades», com muitos ditos «excessos», de hoje em dia...

De resto, nem a interpretação é brilhante, nem a realização de molde a interessar qualquer espírito medianamente inquieto. Poderá dizer-se que, se o cinema se serviu da lenda da **Papisa Joana**, esta em nada foi servida pelo cinema.

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
32.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O VENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
2.ª e 4.ª feira: 21.45 h.
5.ª, 6.ª e Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingo: 16 e 21.45 h.

HOJE
2 Sessões: às 20.45 e às 23 h.
Telefone do teatro: 55 51 33
Uma fabulosa Revista de Bons e Maus Costumes no Teatro MONUMENTAL
uma produção de VASCO MORGADO
com CAMILO de OLIVEIRA em MULHERES É COMIGO!
com AIDA BAPTISTA
UM EXITO
LINDA SILVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA
THE RED ROSE BALLET
DOMINGO «matinée» às 16 horas

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
12.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIRÓS
Sexo, nunca! somos britânicos...
No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS
Encenação de
Maria Helena Matos
2.as, 3.as, 5.as e 6.as feiras: 21.45
4.ª feira: Descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO: «matinée» às 16 h. e à noite, 21.45 h.

PRÉDIO — ALUGA-SE

ESCRITÓRIOS (Ao Marquês de Pombal)

Moderno. Óptimo local. Composto de 4 andares, r/chão loja cave s/ cave, no total de 60 divisões, com área de 1.600 m2. Instalação eléctrica apropriada à instalação de computadores. Com 40 climatizadores. Dois ascensores. Trata B. P. A., Av.ª António Augusto de Aguiar, n.º 17-B. Telfs. 531210 / 560797. Sr. Tomás.

restaurante 1900
uma cozinha de grand prix
(no autodromo do estoril)
Marcações: 241-559 · Encerrado à 2ª feira

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC
Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos
FIOS PARA TRICOT
Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.
Descontos especiais às tricotadeiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
LISBOA

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)
hoje e todos os dias às 22 horas, sábado e domingo às 16 horas
OH PAPÁ POBRE PAPÁ
a mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste...
De ARTHUR KOPIT.
Marc. T. 677299—Maiores 18 anos — Subsidiado Fundo Teatro

DL/NACIONAL

A GRANDE NOITE DO FADO: "O MAIOR ESPECTÁCULO DO ANO"

A «Grande Noite do Fado», que a Casa da Imprensa volta a realizar no próximo sábado, no cenário popularíssimo e tradicional do Coliseu dos Recreios, promete constituir, na sequência dos anos anteriores, «o maioe espectáculo do ano».

O programa está a ser organizado pelos jornalistas para este encontro artístico dos nomes da cena com o público dos bairros da capital. Para além da saliente presença da embaixada da Emissora Nacional (com Hermínia Silva, Paco Bandeira, Gina Maria, Lily Tchiumba, Mário Silva e a orquestra de variedades dirigida por Tavares Bello) e do desfile de 40 intérpretes em repretação das mais creditadas colectividades de Lisboa, Cascais, Oeiras, Estoril, Alhandra, Montijo, Sintra, Vila Franca de Xira, Barreiro, Almada e Setúbal, estarão no palco figuras aplaudíssimas dos nossos tablados.

Com efeito, a par do concurso amador de Fado (com valiosos prémios da editora Imavox e da Casa da Imprensa para os intérpretes e colectividades distinguidas pelo aplauso da assistência) actuarão Alfredo Marceneiro, António Mourão, Cidália Moreira, Manuel de Almeida, Maria Valejo, os guitarristas José Maria Nóbrega, António Chainho, Jorge Canede e Joaquim Pinto, os actores Florbela Queiróz, Norberto de Sousa e Octávio de Matos, a cançonetista Vitória Maria, e ainda os intérpretes fadistas mais cotados nas noites «fadistas de Lisboa». Para já, mais duas atracções: o ventriloquo José Freixo e o cançonetista italiano Drago (atracção gentilmente cedida pelo «Maxime»).

Mas este cartaz ainda não está completo: amanhã divulgaremos os nomes de todo o elenco e, bem assim, a relação dos intérpretes amadores e as colectividades que representam. Mais uma notícia: convem que se saiba que no decorrer da Grande Noite do Fado serão entregues os Prémios da Imprensa anuais de Desporto e Tauromaquia (que couberam respectivamente, a José Henrique, Adília Silvério, Carlos Lopes, Luisa Cavaleiro Madeira, Eng. Vasco Pinto de Magalhães, José Mestre Baptista, Ricardo Chibanga e o Grupo de Forcados Amadores de Lisboa capitaneado por Nuno Salvação Barreto).

O prémio a José Henrique, guarda-redes da equipa nacional, será entregue por Eusébio, o melhor marcador europeu e «capitão» do «team» português: momento que, decerto, será aproveitado para pública homenagem ao Benfica pela conquista do título de campeão nacional.

Para locução do festival, entre outros nomes, a Casa da Imprensa já regista a adesão de Fialho Gouveia, Maria Aurora Rui Castelar, Alice Cruz, Carvalho Ramos e José Carneiro de Almeida.

Espectáculo para maiores de 6 anos, para o qual continua, no Coliseu, a venda de bilhetes.

INFÂNCIA

Uma publicação que pretende destinar-se ao meio estudantil, altamente conservadora, mas nem por isso avessa ao reformismo, defende assim, num dos seus últimos números, a criação de infantários na universidade.

O número de universitarios casados têm aumentado em porporção geométrica em cada ano lectivo pelo que é cada vez maior o quantitativo de os universitários Pais de Familia, a enfrentarem durante o período de aulas graves problemas da assistência aos filhos geralmente de tenra idade.

Uma comissão de alunos levantou no ano lectivo passado o problema e foram contactados os Serviços Sociais que de um modo pouco satisfatório propuseram uma resolução para o problema.

O assunto morreu, mas neste ano lectivo ele volta a apresentar-se com toda a acuidade, dado que por vezes, as mães universitárias são impedidas de estudar devido a terem filhos de pouca idade e não possuirem recursos económicos suficientes para recorrer a instituições particulares.

É urgente a criação de uma creche modelar dependente das autoridades académicas, portanto dos serviços sociais, funcionando na cidade universitária, prestando assistência quer á U. Clássica quer a U. Tecnica, possuindo dotações próprias que lhe permitem ter pessoal preparado ao nível das melhores instituições particulares.

Sem dúvida que muitas dezenas de universitários teriam o maior empenho em trabalhar em regime «Part-time» na creche.

Esperamos que as autoridades académicas providenciem uma rápida resolução para o problema que se enquadra profundamente no espírito reformista que a Universidade atravessa.

Lutemos a favor das mães universitárias. A Nação precisa de técnicos. Ter filhos é motivo para um maior apoio.»

Centenário de nascimento de António Carneiro

Com a presença do chefe do Estado, inaugura-se amanhã na Fundação Calouste Gulbenkian, a exposição retrospectiva da obra de António Carneiro, integrada na comemoração do centenário do nascimento deste pintor portuense.

A exposição consta de mais de duzentas peças classificadas: retratos, paisagens e pinturas simbolistas, assim como desenhos e ilustrações.

FITAUTO
LIMITADA
SERVIÇO ESPECIALIZADO FIAT
MECÂNICA ● ESTAÇÃO DE SERVIÇO
BATE-CHAPA ● PINTURA ● PEÇAS
ACESSÓRIOS
AV. ELIAS GARCIA, 22-A — TEL. 76 23 55 - 76 01 13
— LISBOA —

O TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS e a FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO (F. N. A. T.)

Apresentam no

COLISEU DOS RECREIOS

Na quarta-feira, dia 11 de Abril, pelas 21,30 horas

CONCERTO

com:

Boris Christoff
Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional
Coro do Teatro Nacional de S. Carlos
Maestro-Director Silva Pereira

Para este espectáculo encontram-se bilhetes à venda, **a preços reduzidos, a partir de 5.ª-feira, dia 15, na Sede da F. N. .A T.** — Calçada de Santana, 180, podendo ser adquiridos pelos beneficiários deste Organismo e pelos sócios dos Sindicatos Nacionais e dos C. A. T. e C. R. P.

(Grupo B — 10 anos)

CANDIDATO A "3 OSCARS" DA ACADEMIA
MELHOR FILME / MELHOR REALIZADOR - JOHN BOORMAN
MELHOR MONTAGEM

Deliverance
Um filme de JOHN BOORMAN
JON VOIGHT · BURT REYNOLDS in "DELIVERANCE" com NED BEATTY
RONNY COX · arg. James Dickey bas. na sua novela prod. e real. de John Boorman · PANAVISION®
TECHNICOLOR® · From Warner Bros. A Warner Communications Company
GRUPO D/18 ANOS
AMANHÃ-ESTREIA ÀS 21,45 NO ROMA

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK
3.ª SEMANA
UM AUTÊNTICO "FESTIVAL" DE GARGALHADA!

AMANHÃ

6.ª-feira, 16 de Março de 1973

FEIRA DA MOEDA DO CENTRO

A partir das 20 horas no salão das piscinas municipais de Coimbra

INTERCÂMBIO NACIONAL DE MOEDAS, MEDALHAS, NOTAS

e agora também a maior e mais concorrida feira do País

PETAL PORTUGUESA

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO PLÁSTICOS, S. A. R. L.

Assembleia Geral Ordinária CONVOCAÇÃO

Nos termos legais e estatutários é convocada a Assembleia Geral Ordinária de PETAL PORTUGUESA — MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO PLÁSTICOS, S. A. R. L., para se reunir em Lisboa, no Largo do Conde Barão, n.º 34, 2.º Esq.º, pelas 18 horas do dia 29 de Março, com a seguinte ordem de trabalho:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas apresentados pelo Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1972.

2.º — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade e deliberar sobre os mesmos.

Lisboa, 13 de Março de 1973

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral — *Dr. Manuel Ferreira de Lima.*

SOPORANTE

SOCIEDADE PPORTUGUESA DE RESTAURANTES S. A. R. L.

Assembleia Geral CONVOCAÇÃO

É convocada a assembleia geral desta sociedade, para reunir em sessão ordinária, na sua sede social, na Rua de S. Julião n.º 100-3.º Esq.º, às 21,30 horas do dia 30 de Março de 1973, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º—Discutir, aprovar ou modificar o balanço, relatório e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1972.

2.º—Proceder à eleição de alguns corpos gerentes.

3.º—Deliberar sobre qualquer outro assunto de interesse para a sociedade.

Lisboa, 14 de Março de 1973

O Presidente da Assembleia Geral

Dr. Francisco Teles de Matos Chaves

DL/GERAL

TAP 73

Darniche e Alpine como o previsto

Por AUGUSTO VILELA
Enviado Especial do «DL»

Com Bernard Darniche à frente, seguido de Jean Pierre Nicolas e de Warmboldt, 76 concorrentes em prova iniciaram hoje ás 13 horas a segunda etapa do Rallye TAP, entre Ofir e Lisboa. A superioridade manifestada pela Alpine nesta primeira fase da prova, não surpreendeu ninguém, antes correspondendo a todas as previsões. Em Viseu, onde se disputou a primeira prova de classificação (cujos resultados ditaram a ordem de partida para a etapa de hoje), Darniche e Nicolas foram os mais rápidos, enquanto Jean-Luc Thérier não se colocou na terceira posição em consequência de uma avaria nos intercomunicadores dos capacetes, que lhe provocou bastantes dificuldades para entender as notas que o seu «co-equiper» lhe ditava. Por outro lado, quis usar no troço de Viseu uma combinação de pneus que não resultou tão bem como esperava. Enquanto os outros dois pilotos da Alpine usaram somente pneus Michelin Nora, Thérier montou uma combinação formada por «Xas» à frente e «Nora» atrás. Desta combinação resultou que o carro se atravessava mais de traseira com evidentes reflexos no tempo conseguido, o que permitiu que o alemão se intercalasse entre ele e os outros dois pilotos da Alpine. Este, (nota curiosa), usou para a prova de Viseu um tipo de pneus com pregos.

De qualquer forma, a ideia até agora formada (é opinião geral) é de que o homem a bater será uma vez mais o espectacular Warmbolt, vencedor do ano passado, e que continua por essas estradas fora a entusiasmar os milhares e milhares de espectadores, que por todo o lado ocorrem a ver passar o «rallye». Como «outsiders» perigosos, e quase ao nível de favoritismo da Alpine encontra-se a fortíssima equipa Fiat. Ao fim e ao cabo, o mesmíssimo cenário de várias outras provas anteriores. O sueco Waldegaard é o melhor dos Fiat, á frente de Paganelli e Pinto, mas os doisúltimos tiveram razões que explicam o seu menor andamento.

«Os nossos escapes são laterais e bastante pesados: caíram durante a prova de Viseu e fizemos todo o percurso com eles a bater no chão». Explicarnos-ia depois Paganelli. «**Mas não há problemas. O «Rallye» é longo e ainda agora começou**», disse-nos confiante este italiano amável e sempre bem disposto que se sente tão bem em Portugal que até já resolveu, no próximo ano, fixar-se por cá, temporariamente, para fazer mais provas nacionais.

Mário de Figueiredo é o melhor dos portugueses, saindo de Ofir na décima posição. Embora satisfeito, pensa que em relação a si próprio podia ter feito ainda melhor.

NADA DEFINITIVO

Francisco Romãozinho, em décimo quinto lugar, é o segundo melhor português, e referindo-se à etapa de ontem, considerou que tinha sido uma etapa sem história, (para ele evidentemente), excepto no troço de Viseu em que se avariou o comando do acelerador do seu carro.

«**Estou convencido que podia ter feito 15 a 20 segundos menos se não fosse este problema. Os tempos verificados confirmam a minha opinião inicial: os Alpine, enquanto estiverem activos, devem ser os mais rápidos e os Fiat, pela qualidade e quantidade colocam-se logo a seguir**».

Romãozinho é de opinião que este ano pode haver mais portugueses nos dez primeiro lugares, porque se prevê uma luta mais aberta entre vários candidatos à vitória o que, aliado ao péssimo estado das estradas deverá provocar numerosos abandonos.

«**Conscientes deste facto concluiu Romãozinho os portugueses poderão tirar partido dele para obterem, no final, classificações bastante honrosas. A segunda etapa, quanto a mim é uma etapa sem significado. Pode ser importante para eliminar concorrentes mas não para encontrar um vencedor**».

Em décimo sexto lugar, a seguir a Francisco Romãozinho, encontra-se Américo Nunes que parece francamente entusiasmado com o seu novo «Porsche Carrera RS». Também ele podia ter andado um pouco mais, mas experimentou dificuldades com o sector da alavanca do seu novo Porche, cujas posições são diferentes o que lhe provocou algumas exitações traduzidas em segundos.

A etapa de ontem não teve a caracterizá-la incidentes de maior: foi calma, com a maioria dos concorrentes a reservar-se para mais tarde. Mas, em Coimbra, onde a Comissão de Turismo local proporcionou uma agradável recepção aos concorrentes, ia havendo um caso com Mário de Figueiredo, justamente o português melhor classificado: no meio da barafunda dos pedidos de autógrafos uma jovem foi-se embora levando-lhe a carta de control, poucos segundos antes da sua hora de entrada. Felizmente o caso passou-se na presença de John Corsmit, inspector da Fiat, e como a carta apareceu pouco depois, Mário de Figueiredo apenas ficou com os sobressaltos dum «rallye» estragado.

A etapa de hoje termina às 22,41 no Parque Eduardo VII, e ttem quatro provas de classificação, todas em bom piso, não se prevendo que possa já definir posições.

DARNICHE: o mais rápido em Viseu, o primeiro a sair de Ofir.

CERÂMICA DA BEIRA, LD.ª

TONDELA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Convoco a Assembleia Geral desta Sociedade, a reunir nos escritórios da FÁBRICA DA NAIA, no dia 31 de Março de 1973, pelas 13 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Discussão do relatório, balanço e contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1972.

Não comparecendo número de sócios que atinja o capital necessário para legalmente se tomarem deliberações, a Assembleia geral funcionará com qualquer número de sócios, no mesmo dia e local, pelas 15 horas.

Os livros e documentos referentes ao balanço a discutir, encontram-se à disposição de todos os sócios, no escritório da Empresa, em Tondela, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

Tondela, 16 de Março de 1973.

CERÂMICA DA BEIRA, LD.ª
O gerente
a) **José Leitão Amaro**

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Grupo VII — Concurso para fornecimento de medicamentos

Até às 17,30 horas, do dia 28 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos, deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o concurso em referência.

Lisboa, em 14 de Março de 1973.

O ADMINISTRADOR

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Artur Paiva. Agente de jornais — ARRAIOLOS

RALLYE TAP também CRONOMETRAGEM **LONGINES**

Polanski em Tribunal

FORLI, ITÁLIA, 15 — Um tribunal da cidade italiana de Forli considerou que o filme «What?», de Roman Polanski, não é obsceno.

O tribunal — a quem competiu julgar o caso por haver sido em Forli a estreia italiana da película — considerou não terem razão os indivíduos que se queixaram de o filme apresentar algumas cenas escabrosas.

Segundo os juízes, «What?» tem apenas determinadas cenas em tom irónico, mas que não ofendem a moral pública.

Animatógrafo apresenta

estúdio NUCNUCNUNU

GRUPO D/18 ANOS

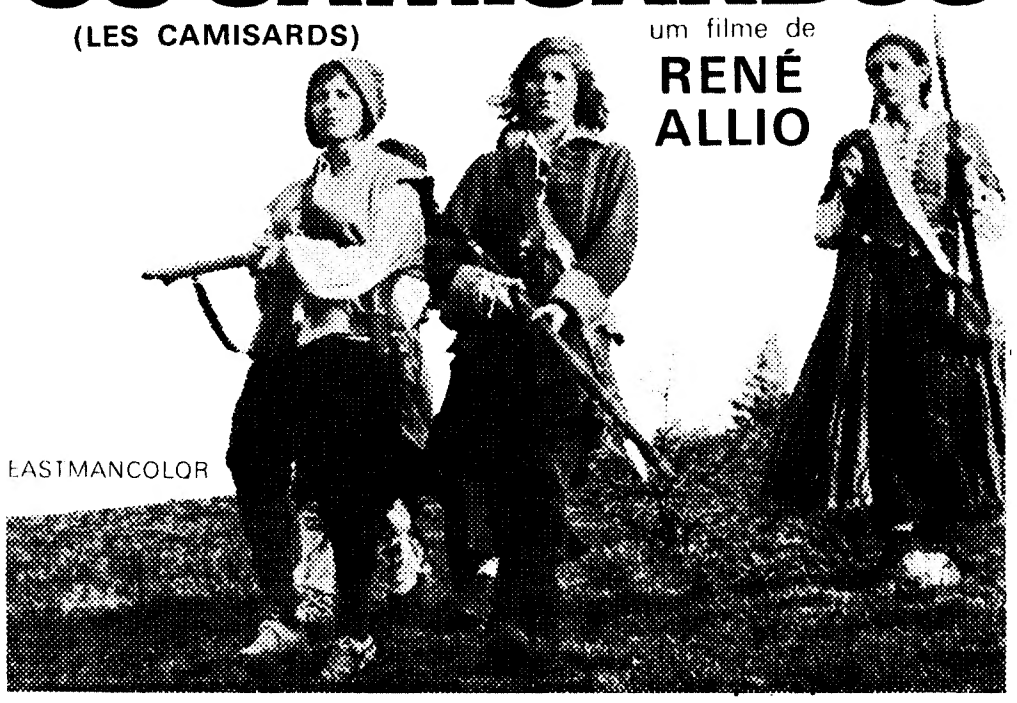
AMANHÃ ESTREIA

Quem são os Camisardos? Porque lutam? Em nome de quê?

OS CAMISARDOS

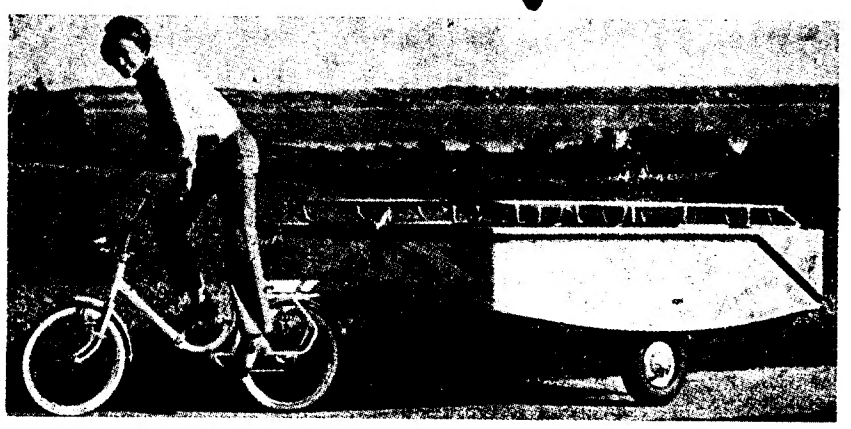
(LES CAMISARDS)

um filme de **RENÉ ALLIO**



EASTMANCOLOR

Combi-Camp 500



A SUA CASA DE FÉRIAS SOBRE RODAS
SÓ 190 KGS.

PREÇOS ESPECIAIS
FACILIDADES DE PAGAMENTO

DURANTE NAUTICAMPO

CAMPINÁUTICA — AVENIDA ALMIRANTE REIS, 89-C — LISBOA
CASA SENNA — RUA DO CRUCIFIXO, 75-2.º — LISBOA

DL/NACIONAL

"O imposto repetido"

. **Da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos recebemos a seguinte carta:**

. «Em referência à notícia inserta no n.º 18 033, de ontem, dia 8, do Jornal de que V. Ex.ª é mui digno Director, sob o título «O imposto repetido», tenho a honra de solicitar de V. Ex.ª se digne informar esta Direcção-Geral, com vista à conveniente apreciação do assunto focado, qual a identidade e morada do proprietário do automóvel com que se deu o acidente, bem como indicar a Repartição de Finanças onde terá sido dada a resposta nos termos constantes da parte final da notícia.»

Embora este ofício nos tenha sido enviado a título particular, optámos pela sua publicação para que se faça sentir a falta de medidas que façam terminar uma situação injusta. Por isso, quando redigimos a notícia em questão, não tivemos a intenção de individualizar casos, mas sim o de chamar a atenção «para quem de direito», sobre uma determinada questão.

Mais: pensamos que não será muito importante resolver um caso considerado em si mesmo, mas prevenir tantas outras situações que poderão surgir. Se, contudo, a Direcção-Geral de Contribuições e Impostos persistir nos seus objectivos de saber o nome do proprietário do veículo, tem, na notícia que foi publicada todos os elementos que a ele poderão conduzir.

Quanto à frase que reproduzimos, apenas temos a garantir que a mesma foi reproduzida em face de elementos que nos foram fornecidos, mas que não podemos denunciar. Talvez seja bom que a Direcção-Geral investigue junto das Secções de Finanças sobre o modo como as coisas se passam no dia-a-dia.

Despedimentos na empresa Nitratos de Portugal

. A seis trabalhadores da empresa Nitratos de Portugal, S.A.R.L., foi já posta, no espaço de poucos dias, a opção entre o seu despedimento mediante recebimento das respectivas indemnizações legais ou a recolocação que a empresa se propõe tentar obter-lhes numa outra. No caso do trabalhador optar pela última solução, ficará aguardando sem que, no entanto, **«a mesma envolva para qualquer das partes um prévio compromisso formal»**.

A intenção da empresa de **reduzir os seus quadros de pessoal** era conhecida há já bastante tempo, tendo o Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa dirigido já quatro ofícios ao secretariado de Estado do Trabalho e Previdência a expor a sua preocupação sobre possíveis despedimentos a efectuar nas empresas Nitratos de Portugal e Ágran, esta última integrada na primeira desde Agosto de 1968. O pessoal das duas empresas funciona em conjunto desde Julho daquele ano, tendo a maior parte do pertencente à Agran sido transferido para o quadro da Nitratos. Por isso o Sindicato dos Profissionais de Escritório considera que **«despedir agora o pessoal que por quaisquer razões não está ainda no quadro da Nitratos, só porque é Agran, é argumento falacioso»**.

No último ofício, entregue ao secretário de Estado do Trabalho e Previdência no dia 9, aquele organismo sindical refere que **«o que acontece realmente é que se procedeu a nova reestruturação dos serviços, que entrou em vigor em 1 do corrente, e que a administração considera que há pessoal a mais. Mas também é do conhecimento geral que há pessoal a mais na Sacor, e ela não está a fazer despedimentos»**.

E acrescenta o Sindicato:

. **«Se a «casa-mãe», a Sacor, onde o problema se reveste de muito maior gravidade, considera, e bem, que tem também uma função social a desempenhar e que esta desaconselha os despedimentos, porque os há-de fazer Nitratos?»**

Mercês honoríficas

. Foi condecorado com a medalha de ouro de serviços distintos o dr. Aníbal S. José Lopes, director da Delegação em Angola da D.G.S.

Foram louvados por serviços no Ultramar e condecorados com a medalha de serviços distintos, com palma, os seguintes oficiais: majores Fernando Catarino Tavares e José Eugénio da Costa Estorninho (Angola) e José Manuel Caldeira de Pina Castelo Branco de Carvalho Figueira (Moçambique) e capitão Carlos Borges Figueiredo (Guiné), a título póstumo.

Sociedade «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

CONCURSO PARA EXPLORAÇÃO DE UMA LOJA NA ESTAÇÃO DE CASCAIS

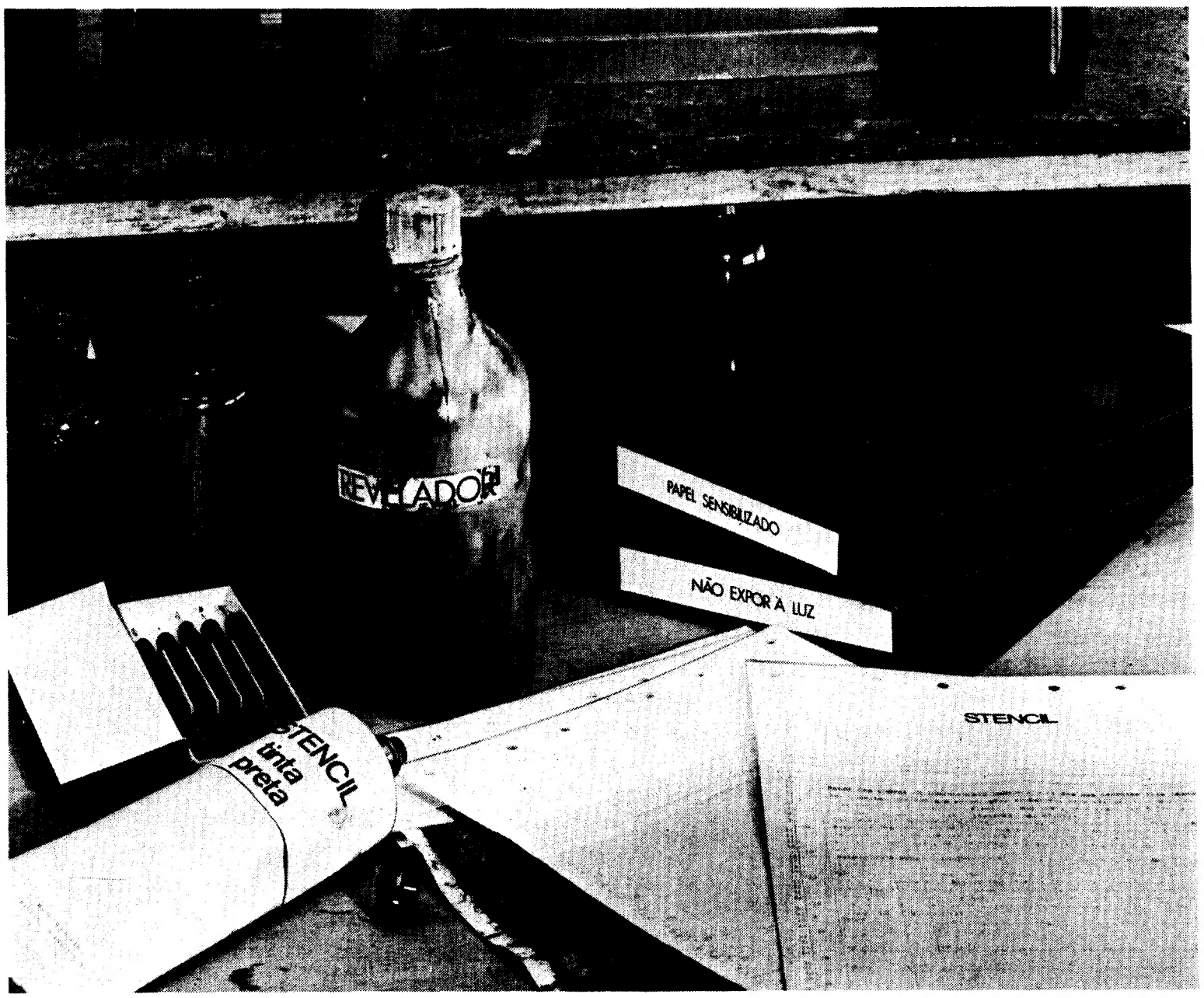
1 — Até às 16 horas de 20 de Março de 1973, aceitam-se propostas para a exploração durante o período de 1 de Abril de 1973 a 30 de Dezembro de 1976 de uma loja na estação de Cascais.

2 — A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente nos escritórios centrais, estação do Cais do Sodré—1.º andar, todos os dias úteis das 9-30 às 12 h e das 14-30 às 18 h, excepto aos sábados.

Lisboa, 10 de Março de 1973.

O DIRECTOR-GERAL
A. Bual

O custo de uma cópia não é o preço de uma cópia



CINEVOZ RX-02-72

É fácil saber um preço.
É mais custoso analisar um custo.

O custo de uma cópia vulgar é empate de capital, é tinta, é matriz, é produto químico líquido, é tempo de operador especializado, é assistência técnica, é papel sensibilizado ou especial.

O custo de uma cópia Rank Xerox* é preço de cópia, preço que conhece perfeitamente, é papel Bond não sensibilizado e um dedo a carregar num botão.

Um dedo não especializado...
...o seu, por exemplo!

E ao preço irrisório do papel, e ao tempo de se carregar num botão, acrescente-se a qualidade, a eficácia e a versatilidade Rank Xerox. Inigualáveis.

Efectivamente o custo de uma cópia Rank Xerox é o seu preço de cópia!

Não acha?

RANK XEROX

* RANK XEROX e XEROX são marcas registadas da Rank Xerox Limited.

DL/NACIONAL

Corporação dos Espectáculos

. Realizou-se a primeira reunião ordinária de Direcção da Corporação de Espectáculos, após o falecimento do toureiro Manuel dos Santos, vice-presidente deste organismo.

A parte inicial dos trabalhos foi ocupada com a apreciação de várias propostas para um programa de homenagem daquele empresário.

No prosseguimento dos trabalhos, a Direcção debruçou-se sobre o estado actual da preparação do estudo técnico-económico sobre as actividades dos espectáculos, em vista do qual vai ser lançado um inquérito às empresas. Procedeu-se também à definição dos termos em que poderá ser prestada cooperação, pedida pelo departamento oficial, no estudo da revisão do sistema fiscal português.

CINEMA DEMASIADO REAL

SOLIERA (ITALIA), 15 — A cena em que resistentes italianos faziam ir pelos ares uma ponte em poder de tropas alemãs, durante a Segunda Guerra Mundial, e que faz parte de um filme que está a ser rodado em Soliera, foi demasiado real: técnicos do estúdio empregaram explosivos a mais, destruíndo dois pontões da ponte sobre o rio Secchia, que é diariamente utilizada por dois mil automobilistas.

A viagem para Modena demorará mais meia hora até que a ponte esteja reparada.

«Os Lusíadas»

Encerra no próximo dia 31, a exposição comemorativa do IV centenário da Publicação de «Os Lusíadas», patente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

A exposição, composta de quadros, peças de arte, tapeçarias e medalhas, encontra-se aberta ao público todos os dias úteis, das 13 às 20 horas e aos Domingos das 14 às 19 horas.

CENTRO DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS

O prof. dr. Vítor Hugo Moreira Fontes foi exonerado, a seu pedido, de componente do Centro de Estudos Demográficos e louvado «pela prestimosa colaboração que, durante longos anos, deu ao Centro».

AINDA A QUESTÃO DAS BANANAS

. **De Luís Gregório, administrador-delegado da Companhia de Navegação, recebemos com pedido de publicação o seguinte esclarecimento:**

. . «As informações que prestamos à Imprensa sobre as anomalias verificadas num dos carregamentos de bananas que semanalmente chegam a Lisboa vindos de Angola, tinham como objectivo completar com factos do nosso conhecimento as referências feitas pelos jornais às ditas anomalias. Não queriamos, nem queremos, estabelecer polémica, inclusive com os nossos clientes e carregadores, cujos justos interesses nos compete servir e defender a todo o transe.

Neste caso do transporte de bananas entre Angola e Lisboa, a Nacional tem ainda responsabilidades acrescidas na medida em que recebeu delegação da Companhia Colonial de Navegação e da Empresa Insulana de Navegação, para satisfazer as necessidades dos exportadores de Angola, com 4 navios bananeiros afretados, um de bandeira portuguesa e 3 de bandeira estrangeira, tre os quais se inclu «Phaon».

O único esclarecimento cional que agora nos pa ter justificação diz respei intervenção da firma inde dente de peritagens — Co mar, Sociedade Portuguesa Superintendência e Peritag SARL. Sabemos que os nú ros obtidos por esta foram culados pelos processos mais de amostragem e que classificações das bananas englobarem numa mesma signação «banana cheia «banana três quartos», se do a terminologia da port 20.923, não prejudica qu quer conclusões, visto que bos os tipos são considera bons para comercialização

Em jeito de ponto final, ta nossa atitude de escla mento público, insistimos que a Companhia Nacional Navegação está a provider activamente no sentido d determinarem as causas avarias a fim de, na hipó de o navio ser responsáve interesses da carga recebe indemnizações justas. Tem sempre este o procedim da Nacional em casos id cos, nomeadamente na av verificada no navio «Cast da» no mesmo tráfego em vereiro de 1967. Todavia questões complicadas que volvem seguros e contrato fretamento com entidades diversas nacionalidades, c no caso presente, apesa nossa experiência, nem pre é possível conseguir a luções rápidas que de mos.»

«NADAR E SALVAR»

«Nadar e salvar» é o título do concurso que o Instituto de Socorros a Náufragos vai organizar em colaboração com o Secretariado para a Juventude.

Podem concorrer com desnho ou redacção, todos os rapazes e raparigas, que se habilitam a diversos prémios, como inscrições em cursos de aprendizagem ou aperfeiçoamento de natação e oferta de quotização por períodos de 12,6 ou 3 meses. Os seis primeiros classificados recebem 2 barcos, 2 colchões de praia, óculos e barbatanas.

Entretanto, prosseguem na Nauticampo 6 sessões diárias, com início às 17.30 em que se pretende interessar a juventude no salvamento a náufragos, primeiros socorros e a prevenção de acidente nos tempos de descanso.

MOÇAMBIQUE IMPORTA TRIGO DA ÁFRICA DO SUL

(L) — A alta muito acentuada que sofreram as cotações do trigo no mercado mundial devido às aquisições efectuadas pela Rússia e pela China e às graves secas verificadas na Austrália, principal fornecedor de trigo do Estado Português de Moçambique, tiveram algumas consequências na campanha de comercialização daquele cereal pelo Instituto dos Cereais de Moçambique.

Muito embora esta campanha tenha decorrido normalmente foi necessário procurar um outro fornecedor de trigo: a Africa do Sul. Assim, em 1972 recorreu-se à importação de 83 mil toneladas de trigo para satisfazer as necessidades internas de todo o Estado.

Por outro lado, há ainda a registar um factor bastante positivo dentro da comercialização deste cereal: iniciou-se a exportação para o Malávi, de farinha de trigo produzida em Moçambique pela laboração de trigo recebido em regime de importação temporária.

A PARTIR DE HOJE

Aliviado o tráfego da marginal

. Abriu esta manhã ao trânsito o novo ramal de ligação entre a E.N.250 e a E. N.613 que permitirá desviar da estrada marginal todo o tráfego que de Caxias se dirige para ALgés e Lisboa, possibilitando a eliminação da viragem à esquerda e naquele sentido, segundo informa a Direcção dos Serviços de Exploração da Junta Autónoma das Estradas. Aquela entidade afirma ainda que o estabelecimento do novo itinerário permitirá assim aumentar a desejada fluidez do elevado volume de tráfego naquela zona, com reflexo imediato no aumento da segurança da circulacão e no melhor escoamento do Nó da Boa-Viagem. Finalmente a Junta Autónoma das Estradas apela para o espírito cívico e de responsabilidade dos utentes da estrada, dado que considera tal estado de espírito «indispensáveis ao êxito de todas as soluções rodoviárias».

A MAIOR DIVERSIDADE NA APLICAÇÃO DE CAPITAIS EM PROPRIEDADES NO PAÍS

OS MAIORES ESTALEIROS DA CONSTRUÇÃO CIVIL E ACTIVIDADES AFINS DA PENÍNSULA

J. PIMENTA S.A.R.L.

Aplique o seu dinheiro em propriedades construídas por uma organização séria de sólido prestígio

EDIFÍCIO-SEDE QUELUZ — Av. António Enes, 25. Tel. 95 20 21/5

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º. Tel. 4 58 43
CASCAIS — Conjunto Turístico da Pampilheira. Tel. 28 39 88
PAÇO DE ARCOS — B.º Comendador Joaquim Matias. Tel. 243 35 11/243 14 23
PORTO — Rua Campo Alegre, 17-3.º. Tel. 69 32 71/69 32 28/69 32 58
PRAIA DA ROCHA — Estrada do Vau. Tel. 2 43 32

DELEGAÇÕES

BRAGA — Av. Marechal Gomes da Costa, 590-3.º, Dt.º. Tel. 2 64 16
CASTELO BRANCO — Rua da Figueira, 5-1.º
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 470-1.º, Sala 1. Tel. 2 41 52
GUARDA — Rua Marquês de Pombal, 3-2.º. Tel. 765
VISEU — Aven. Dr. António José de Almeida, 23-4.º, Fr. Tel. 4 61 03/2 52 47

AGENTES — AVEIRO — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 83, 2.º ● LEIRIA — Av. Combatentes da Grande Guerra, 12-1.º. Tel. 2 41 33. ● PORTALEGRE — Av. Pio XII, 1-1.º, Esq.º. Tel. 728 ● BRAGANÇA — Largo do Toural ● TORRES VEDRAS — Tel. 2 29 56 ● LAMEGO — Rua do Almacave, 114. Tel. 373 ● VILA REAL — Rua Alexandre Herculano, 5. Tel. 2 36 29 ● S. BRÁS DE ALPORTEL — Tel. 4 23 88 ● CHAVES — Rua de Santo António, 169 ● FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO — Almenda do Douro.

SUBAGENTES

Alexandre Lopes Leal — Vale de Espinho — SABUGAL ● Alexandrino Leal Perdigão — MEDA ● José Rodrigues Alves — ALMEIDA ● Joaquim Lopes — AGUIAR DA BEIRA ● Jorge Luís Amado Pinto — TRANCOSO ● António Lopes Tibúrcio — VILA FRANCA DAS NAVES ● Abílio Traça — Freixedas — PINHEL ● Evaristo Andrade de Campos — FORNOS DE ALGODRES ● Delfim Mendes Saraiva — CELORICO DA BEIRA ● Manuel Pereira Monteiro Quinaz — PINZIO ● Joaquim Augusto Freiras Cardoso e Rui A. M. Evangelista, Rua da República, 133, 1.º — FIGUEIRA DA FOZ ● Laurentino Batista da Costa Peixoto — Noval Anha — VIANA DO CASTELO ● António Carlos Rebelo da Silva — PÓVOA DE LANHOSO ● Augusto José Miranda Quintas — Lugar da Estação — Barroselas — VIANA DO CASTELO ● Casimiro José Lages — Lanhelas — VIANA DO CASTELO ● Romeu Teixeira de Queirós Saavedra — Canedo de Basto — CELORICO DE BASTO ● Domingos Torres Vieira — Castelo do Neiva — VIANA DO CASTELO ● Eugénio António de Jesus Alves — ESTREITO ● Hermano Martins Reis — Sobreira — FORMOSA ● Abel Natário — ORVALHO ● José Gaspar «Conde» — FUNDÃO ● José Malcata — ROSMANINHAL ● Argentinos & Pintos, Lda. — CASTRO D'AIRE ● Germano Ferreira da Costa — Parada — CARREGAL DO SAL ● Fernando Lopes Pereira — Vilharigues — VOUZELA ● Agência de Viagens Barbosa, Lda.—VILA NOVA DE TASEM ● Agência de Viagens Barbosa, Lda. — SEIA ● Francisco Lopes — TABUAÇO ● António Augusto da Costa — TABUAÇO ● Horácio Oliveira Matias —CADAVAL ● Raul Fernandes Gomes — VINHAIS ● Amadeu Pereira Leite — MIRANDA DO DOURO.

DL/NACIONAL

O Banco Espírito Santo teve um lucro de 97 mil contos

A assembleia-geral ordinária do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa reunirá no próximo dia 26, a fim de aprovar o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal relativos ao exercício do ano findo. Procederá ainda à eleição de administradores, por terem terminado os mandatos o comandante Roquette Ricciardi e o embaixador Franco Nogueira, assim como à eleição de membros da mesa da assembleia-geral, conselho fiscal e comissão de vencimentos. A assembleia dos accionistas também deliberará acerca da alteração dos artigos 15.º e 16.º dos estatutos.

O relatório do conselho de administração começa por evocar os factores que condicionaram a evolução económica no campo internacional: o agravamento da crise monetária, a polémica em torno da manutenção ou do abandono do estalão ouro, a generalização da inflação.

Passando à análise da situação nacional, o relatório salienta que o País continuou a receber grandes somas de divisas estrangeiras por ingresso de invisíveis, como as transferências dos emigrantes e as receitas do turismo, o que permitiu compensar o saldo negativo **da balança comercial. Ao mesmo tempo que avolumaram as reservas do Banco de Portugal, os ingressos de invisíveis reforçaram as disponibilidades do mercado monetário, as quais constituem, por si mesmas, um elemento inflacionista.**

Depois de referir elogiosamente as medidas recentemente adoptadas pelo Ministério da Economia e das Finanças para contolar a inflação, o relatório sublinha que a maior imobilização das disponibilidades bancárias se traduz num encargo que apenas em parte poderá ser compensado com a maior diferença entre taxas activas e passivas. E acrescenta ser de lamentar que a liquidez originada pelas transferências do estrangeiro não seja aproveitada em maior escala para o lançamento de novos empreendimentos criadores de riqueza. Vem a propósito referir que o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa distribuiu durante o ano passado mais de 81 milhões de contos de crédito, o que terá contribuído para encorajar e auxiliar novas iniciativas. E ainda colaborou activamente na regularização do problema dos «atrasados interterritoriais».

NOVO BANCO EM ANGOLA

Anuncia o relatório o próximo início da actividade em Angola do Banco Inter Unido, cujo capital inicial se elevará a 170 000 contos. Dez por cento do capital foi reservado para oferta local ao público, os restantes noventa por cento serão partilhados, em partes iguais, pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e pelo First National City Bank of New York.

O Banco Espírito Santo também participou, em associação com alguns dos principais bancos europeus, americanos e japoneses, na criação do Libra Bank, com sede em Londres, e cujo objectivo principal é a realização de operações de médio prazo na América Latina.

Além de ter tomado parte em numerosas emissões oferecidas ao público, o Banco Espírito Santo continuou a participar no estrangeiro em sindicatos bancários para a tomada firme de obrigações colocadas nos mercados internacionais.

Em Setembro passado, iniciaram a sua actividade seis novas agências bancárias e duas novas dependências urbanas, ambas no Porto. O Banco Espírito Santo aguarda a concessão de novas autorizações para a abertura de agências, o que será «um factor altamente positivo para o desenvolvimento económico regional e consequente fixação populacional, assim se contribuindo para reduzir o índice de emigração».

Os lucros líquidos do último exercício elevaram-se a 97 mil contos. O conselho de administração propõe a manutenção do dividendo dos anos anteriores, ou sejam 8,25 por cento, cativos de impostos. O conselho de administração refere que a conta de lucros e perdas foi afectada pelo agravamento das despesas, em particular com o pessoal, as quais serão grandemente aumentadas com a entrada em funcionamento da Caixa de Previdência. Este crescente agravamento das despesas poderá vir a determinar um encarecimento das condições de crédito e doutros serviços, o que teria repercussões desfavoráveis sobre a economia nacional.

Durante o ano passado, o capital e reservas do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa subiu para 1325 milhares de contos o total do activo para 92754 milhares de contos, os depósitos para 31812 milhares de contos, as disponibilidades de caixa para 7476 milhares de contos. Sublinhe-se, ainda, que o número de contas de depósito aumentou para 505820.

Já depois concluído o relatório do conselho de administração, faleceu o dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva, presidente do conselho geral da instituição. O conselho de administração presta homenagem a quem tão relevantemente serviu a Nação e a actividade bancária portuguesa e rende tributo ao carácter generoso, à inteligência, à compreensão e aos seus sentimentos de profunda humanidade.

Termina hoje o prazo para o recenseamento eleitoral

Termina hoje o prazo para entrega de requerimentos nas Juntas de Freguesia solicitando a inscrição nos cadernos eleitorais. Apesar de algumas juntas de Lisboa terem anunciado que encerravam os seus serviços à meia-noite, a grnade maioria mantém os horários praticados nos outros dias e uma parte importante não chegou, sequer a praticar horários especiais para efeitos de rescenseamento. Pelo menos as freguesias de Ajuda, Alcântara, e Coração de Jesus anunciaram que se mantinham abertas até às 24 horas.

Na Junta de Freguesia da Ajuda, primeira a anunciar o prolongamento de horário, o movimento tem sido intenso, segundo nos informaram, registando-se uma média de 60 a 70 requerimentos diários.

O recenseamneto eleitoral, em ano de eleições, como é o caso, provoca normalmente um movimento de inscrições que se não verifica nos anos não-eleitorais. Num inquérito sumário que efectuámos nas Juntas de Freguesia nos primeiros dias de Fevereiro verificámos que o movimento era escasso mas devido a apelos incessantes que têm sido feitos aos cidadãos eleitores na Imprensa, na TElevisão em Sindicatos e através de comissões cívicas, o volume de requerimentos entrados nas Juntas de Freguesia cresceu substancialmente.

O RECENSEAMENTO EM ODIVELAS

O sr. David Marques, presidente da Comissão Recenseadora da Freguesia de Odivelas enviou-nos a seguinte carta:

«Relativamente à informação contida na página 9 do número de 8 do corrente, cumpre-me vir esclarecer V.ª Ex.ª e todos os leitores de tão apreciado diário.

A Junta de Freguesia de Odivelas é uma das poucas que tem escrivão privativo, possuindo uma secretaria que funciona com o horário da Secretaria Municipal, portanto, das 09.30 às 12.30 horas e das 14.00 às 17.30 horas. Aos sábados o seu funcionamento é das 09.30 às 13.00, não constando que no aludido dia 24 de Fevereiro tenha sido antecipado o encerramento.

Ainda que não seja obrigada por Lei, a dita Junta deliberou que até ao dia 15 do corrente a Secretaria funcionasse, a título excepcional, para efeitos de recenseamento, das 21.00 às 22.00, às terças e quintas-feiras.

Tal deliberação mostra bem a boa vontade em atender os interessados a inscreverem-se no Recenseamento Eleitoral, como é óbvio.

Quanto à segunda observação, contida na mesma local, deve considerar-se que se trata de uma interpretação errada.

A apresentação de uma petição dactilogrfada não poderá ser recusada, desde que o interessado faça prova de que sabe ler e escrever, conforme o estipulado na Lei n.º 2.015.

O reconhecimento da assinatura por notário não faz, por si só, prova de que o requerente sabe ler e escrever, a não ser que também apresente o reconhecimento da letra.

Incluso temos a honra de enviar a V.ª Ex.ª o artigo publicado no Jornal «Epoca», em 2-1-73, para os fins que entender por convenientes.

Mas informo v.ª Ex.ª que os horários da Comissão de Recenseamento da Freguesia de Odivelas foram alterados para satisfazer o interesse do público».

N.R. — **A carta da Comissão Recenseadora da Freguesia de Odivelas não desmente nenhum dos factos que apontámos, com o único desejo de que o serviço da citada Junta de Freguesia fosse melhorado para, benefício dos cidadãos residentes em Odivelas. Verificámos com regozijo que, efectivamente, o serviço foi melhorado com a abertura nocturna da secretaria da Junta, o que mostra bem como depois do dia 24, e não antes, foi concretizada «a boa vontade» da Junta «em atender os interessados e inscreverem-se no Recenseamneto Eleitoral» sobretudo os que trabalham durante o dia e, «como é óbvio», não podiam faltar ao emprego para entregar o requerimento nso serviços da Junta. Entretanto não deixamos de afirmar que, infelizmente, o caso de Odivelas não era único. Agora há menos um. Com a mesma prontidão com que criticámos os serviços daquela autarquia, aqui lhe enviamos a expressão do nosso contentamento, que gostaríamos de ter enviado mais cedo. Quantos requerimentos não poderiam ter sido entregues se a Junta tivesse adoptado há mais tempo tais disposições?**

AINDA A «GUERRA» DOS HORÁRIOS

Ainda sobre o recenseamneto um leitor que se identifica mas que nos pede a não divulgação do seu nome, enviou-nos a seguinte carta:

«Começaram a surgir, em fins de Janeiro deste ano, afixados nas paredes de alguns prédios de ruas pertencentes à freguesia de S.João, editais a convidar os habitantes a recensearem-se. Diziam esses editais que o pedido de inscrição nos cadernos eleitorais podia ser feito de 1 de Fevereiro a 15 de Março na sede da Junta da Freguesia, situada na Rua Morais Soares, 23, durante o horário normal da secretaria, excepto aos sábados. Pois bem, se o horário normal da secretaria é igual aos horários das empresas onde muitos habitantes desta freguesia trabalham, qual é a possibilidade dos mesmos se poderem recensear se o não podem fazer sequer aos sábados? E que alguns de nós trabalhamos, previlegiadamente, em regime de semana americana mas nem tal situação nos favorece.»

Problemas da empresa

No Instituto de Novas Profissões, o prof. Manuel Fraga Iribarne, da Universidade de Madrid e antigo membro do governo espenhol, profere hoje, às 19 horas, uma conferência sobre «Problemas actuais da Empresa». Esta conferência integra-se no ciclo «Ciências empresariais e empresa» que o Instituto organizou para os alunos de Relações Públicas e Publicidade e de Organização e Gestão de Empresas.

O maior sortido em pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

PRETENDEMOS

TERRENO URBANIZADO

COM PROJECTO APROVADO E PRONTO A CONSTRUIR

Em zona de primeira categoria **LISBOA** ou **COSTA DO SOL**, que permita mediante licenciamento de alternativa a implantação de 4 torres com dez a doze pisos e 4 fogos por piso.

A planta das torres que se pretende construir inscreve-se em um quadrado com 26 m de lado, tendo uma área coberta de 413 m2.

Resposta ao n.º 752.

...aquela máquina!

O Homem da **REGISCONTA** vem acumulando saber e experiência desde 1954.

Em todos estes anos ele tornou-se um especialista.

Ele sabe de máquinas *

Na verdade, ele é *...aquela máquina!*

* DIVISÃO DE MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO ■ MÁQUINAS DE ESCREVER FACIT ■ MÁQUINAS DE ESCREVER COM BANDA PERFURADA DURA ■ SOMADORAS E CALCULADORAS ADDO-X, DIEHL / FACIT / ODHNER / PHILIPS / TOTALIA ■ FICHEIROS ROTATIVOS DIEBOLD / REMINGTON ■ PLANNINGS EFFICIENTA ■ MÁQUINAS DE FRANQUIAR FRAMA / NEOPOST ■ MÁQUINAS DE DITAR PHILIPS ■ CERTIFICADORAS DE CHEQUES SAFEGUARD ■ MÁQUINAS DE CONTAR MOEDAS E NOTAS GLORY ■
DIVISÃO DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE ■ ADDO-X / ASCOTA / PHILIPS SOEMTRON ■
DIVISÃO DE COMPUTADORES ELECTRÓNICOS ■ PHILIPS ■
SERVICE BUREAU ■ COM POTENTE COMPUTADOR PALLAS ■
DIVISÃO DE REPRODUÇÃO DE DOCUMENTOS ■ FOTOCÓPIA LUXACOPY / OCÉ-MINOLTA / U-BIX ■ OFFSET ROTAPRINT ■ CÂMARAS INCAF ■ DUPLICADORES ORMIG / RONEO ■
DIVISÃO DE CAIXAS REGISTADORAS ■ ANKER / HASLER / HUGIN ■

REGISCONTA
MÁQUINAS REGISTADORAS E DE ESCRITÓRIO, S.A.R.L.
LISBOA — Av. Duque de Loulé, 72 — Tel. 560091 (16 linhas)
PORTO — Rua Álvares Cabral, 406 — Tel. 29282 (4 linhas)
COIMBRA — Rua Dr. Manuel Rodrigues, 16-20 — Tel. 26108
FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 27-A — Tel. 24347
LEIRIA — Av. Heróis de Angola, 125-1.º, Esq — Tel. 23386

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Madeira e Leão, Lda., Rua Capitão Leitão, 48-A — ALMADA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Casa das Novidades», Rua Jacinto Nunes, 31 GRÂNDOLA

DL/ESTRANGEIRO

Ocupação israelita de ilhas provoca conferência árabe

CAIRO, 15 (R.) — A ocupação por forças israelitas de pequenas ilhas situadas no Mar Vermelho vai ser debatida numa conferência de seis países árabes convocada pelo secretário da Liga Arabe.

Os jornais do Cairo dizem hoje que a Liga Arabe convidou o Egipto, o Sudão, a Arábia Saudita, a Jordânia, a República Arabe do Iemene e a República Popular do Iemene a tomarem parte na conferência durante a qual será discutida a estratégia árabe no Mar Vermelho, uma via marítima vital para os países da região.

Segundo notícias divulgadas inicialmente pela imprensa americana, comandos israelitas disfarçados de civis foram estacionados em várias das ilhas desabitadas do Mar Vermelho para protegerem os petroleiros que por ali navegam com destino a Israel.

Entretanto o embaixador do Iemene do Norte no Cairo revelou que o seu Governo enviou unidades navais em visita de inspecção às ilhas para verificarem concretamente o que se passa e a Liga Arabe será informada oportunamente dos resultados.

A comissão militar da Liga Arabe está igualmente a elaborar um relatório completo sobre o assunto que será apresentado na sua assembleia ordinária do próximo dia 31 de Março.

GUERRILHEIROS MARROQUINOS ARMADOS PELA LÍBIA

RABAT, 15 (R.) — O Governo marroquino declarou a noite passada que elementos subversivos que se infiltraram em Marrocos no princípio deste mês foram equipados pela Líbia com metralhadoras ligeiras, rádios, explosivos e uniformes.

Num comunicado, o Ministério do Interior de um grupo armado que travou recontros com as forças de segurança de Marrocos no princípio deste mês. Três deles foram mortos, 11 capturados e dois continuam a ser procurados.

O comunicado finalizava dizendo que os homens armados tinham cúmplices em Marrocos, os quais tinham sido aprisionados. Os homens revelaram durante os interrogatórios que as suas armas, material e fundos tinham sido obtidos da Líbia.

Marrocos cortou as relações diplomáticas com a Líbia no Verão de 1971 quando o regime do coronel Muammar Gaddafi apoiou os militares rebeldes de Marrocos que efectuaram um abortivo golpe de Estado contra o rei Hassan.

COMUTAÇÃO JORDANA DE PENAS DE MORTE

AMÃ, 15 (R.) — O rei Hussein comutou as sentenças de morte proferidas contra o dirigente dos guerrilheiros Fatah Mohammed Daoud Odeh (Abu Daud) e 16 outros homens presos na Jordânia no princípio do mês passado — foi anunciado a noite passada nesta cidade.

O decreto real não diz quanto tempo Abu Daud e os outros 16 guerrilheiros terão de passar na prisão.

KOSSYGUINE EM TEERÃO

TEERÃO, 14 (R.) — O primeiro-ministro soviético Alexei Kossyguine declarou esta noite nesta capital que uma solução do problema do Médio Oriente eraaaa agora o principal dever internacional a seguir ao acordo de paz do Vietnam.

Kossyguine, que se encontra aqui em visita oficial, num discurso pronunciado num banquete oferecido em sua honra, rejeitou a corrida aos armamentos como um meio de resolver disputas bilaterais e disse que tal política somente levaria a tensão na região.

NEGOCIAÇÕES OLP — SUDÃO

BEIRUTE, 15 (DPA-ANI) — O Sudão e a organização de libertação da Palestina (OLP) decidiram iniciar negociações com vista à solução das divergências que surgiram depois do ataque à embaixada da Arábia Saudita em Cartum por um comando de organização Setembro Negro.

O ministro iraquiano do Interior, general Saadoun Ghaidan, anunciou em Beirute, depois de uma reunião com Yasser Arafat, que a OLP porá termo imediatamente à sua campanha contra o Sudão, e que enviará um emissário a este país para efectuar negociações com o Governo de Cartum.

SEGUNDO O CRONISTA JACK ANDERSON

Ameaça de guerra de interesses no mundo Ocidental

WASHINGTON, 15 (R.) — Muitos dos governantes europeus estão convencidos de que o presidente Nixon complicou de tal modo a situação monetária internacional que o mundo ocidental se encontra ameaçado por uma desastrosa guerra de interesses comerciais, escreve hoje o cronista Jack Anderson no «Washington Post».

Citando informações confidenciais obtidas pela CIA na Europa, Anderson diz que o chanceler Willy Brandt, numa reunião com os seus ministros, teria comentado: «Os americanos não devem estar bons da cabeça».

Ainda segundo Anderson, o presidente Pompidou a título particular, teria declarado suspeitar que os Estados Unidos, no fundo, não se preocupam com a venda especulativa de dólares na Europa porque os principais beneficiários são as grandes companhias americanas com interesses no estrangeiro. Na realidade, essas firmas conseguiram assim trocar enormes quantidades de dólares que ninguém queria por divisas europeias que passaram a valer mais à mediida que o dólar enfraquecia e, com essas divisas, podem agora efectuar novos investimentos na Europa.

Anderson escreve que as repercussões diplomáticas na Europa da política monetária do presidente Nixon tem sido tão sérias que o conselheiro presidencial Henry Kissinger está a estudar a situação com prioridade sobre todos os outros problemas.

Kissinger teria ainda manifestado as suas apreensões ao presidente Nixon, pedindo para ser ouvido sobre as questões monetárias em face do impacto que elas têm sobre as relações entre os Estados Unidos e a Europa.

COMO CONTROLAR AS FIRMAS MULTINACIONAIS?

PARIS, 14 (FP) — Como controlar as operações das firmas multinacionais que ocasionam os movimentos especulativos de capitais, quanto mais não seja por exigência de uma boa gestão e que, por consequência, agravam as crises monetárias?

Será este um dos temas que europeus e americanos vão discutir amanhã, sexta-feira, no nova reunião dos ministros das Finanças dos 14 principais taíses ocidentais.

Estudos recentes indicavam como sendo de 268 biliões de dólares a liquidez de que podem dispor estas firmas. Compara-se com as reservas monetárias que são as «munições» dos Estados para defender eventualmente os seus câmbios. Apenas uma dezena de biliões de dólares quanto a França.

Um novo relatório acerca destas firmas multinacionais foi publicado agora, de autoria de um grupo de técnicos franceses.

Este documento de 160 páginas fornece o inventário das principais questões levantadas a este respeito e conclui: «o desenvolvimento» e ainda «as tendências actuais não pode continuar a ser o que são «sem darem» resultados aberrantes».

O relatório é a favor de medidas reguladoras das funções das firmas.

Alguns números citados pelo relatório francês: no último decénio a percentagem de crescimento dos investimentos de caracter intternacional andava a volta dos 10 por cento por ano, o que é muito superior (quase o dobro) das percentagens de crescimento das economias nacionais e mesmo do comércio mundial.

REUNIÃO DA OPEP

VIENA, 15 (FP) — Reunem-se hoje aqui na sede da OPEP os onze países que fazem parte da orgaanização e assegu-ram 80 por cento da produção mundial de petróleo. A reunião é a requerimento da Venezuela para ser discutida a crise mundial de energia, mas a situação mundial monetária poderá também ser examinada, sobretudo a fraqueza do dólar. Com efeito, os direitos que estes países recebem das companhias baseiam-se no dólar, e o poder de compra deste diminuiu. A OPEP já em 20 de Janeiro do ano passado conseguiu uma compensação para a perda de valor do dólar. Certos diplomatas e cambistas são de opinião que os emiratos do Golfo Pérsico pediram já para não serem pagos em dólares.

Quanto à crise da energia, os países da OPEP vão examinar quanto se poderá pedir mais pelo petróleo, perante o facto dos Estados Unidos terem de importar cada vez mais o produto.

Os membros da OPEP são: Argélia, Líbia, Venezuela, Indonésia, Arábia Saudita, Iraque, Irão, Koweit, Abu Dabhi, Qatar e Nigéria.

Perón: é cedo para o regresso

MADRID, 15 (R) — O antigo presidente Juan Peron declarou ao jornal madrileno «ABC» que ainda é muito cedo para se falar do seu regresso á Argentina, na sequência da vitória de Hector Campora, o candidato ás eleições presidenciais por ele escolhido.

Campora afirmara que não assumira o cargo de presidente se Peron não fosse autorizado a regressar á Argentina.

Peron, que tem vivido a maior parte do tempo exilado na Espanha, desde que em 1955 o seu governo foi derrubado, declarou que sempre se considerara «uma espécie de patriarca do justicialismo (movimento peronista)».

«Tenho 77 anos — sublinhou Peron — o meu raciocínio já não está tão seguro e o meu coração sente-se intimidado. Já não ambiciono qualquer espécie de poder».

Escasseiam alimentos na localidade sitiada mas os índios resistem

WOUNDED KNEE, 15 (R.) — O combustivel e os alimentos começam a escassar nesta localidade sitiada, onde cerca de trezentos índios Sioux continuam a resistir ao cerco das forças federais, depois de se terem proclamado «nação índia independente» no domingo.

Denis Banks, coordenador nacional do American Indian Movement (AIM) e um dos principais militantes nesta ocupação de protesto, disse aos jornalistas ontem à noite que a situação é muito crítica.

Cinco das pessoas que se encontram sitiadas em Wounded Knee precisam urgentemente de medicamentos e uma delas poderá morrer dentro de horas se não receber injecções de insulina.

Banks disse que os alimentos são tão escassos que os índios estão reduzidos a uma refeição por dia.

Noventa por cento das botijas de gás para aquecimento já se gastaram e 24 famílias foram evacuadas debaixo de neve para a pequena igreja da localidade, que continua a estar aquecida.

Banks disse que os Sioux não tencionam apesar de tudo abandonar Wounded Knee, mas poderão aceitar um salvo conduto para que os seus representantes atravessem as linhas governamentais a fim de irem conferenciar com funcionários do Governo federal.

Um informador do Governo disse que um médico e um enfermeiro se ofereceram como voluntários para irem a Wounded Knee tratar os doentes e acrescentou que hoje durante o dia seriam também enviados alimentos para os sitiados.

O informador deu a entender aos jornalistas que esta decisão não era motivada pelo agravamento das condições atmosféricas mas sim pelo facto de terem recomeçado as negociações.

Entretanto a invernia faz-se sentir com extremo rigor, caindo nevões acompanhados de vento que chega a atingir os 80 quilómetros por hora.

Os índios que ontem à noite conversaram com os jornalistas aqueciam-se em volta de uma fogueira, no interior da carcassa metálica de uma camioneta abandonada que barra a estrada principal de acesso e lhes serve de posto avançado de vigilância. A um quilómetro e meio de distância a estrada era guardada por agentes federais, protegidos por gabardinas forradas de pele e capuzes levantados. De ambos os lados da estrada viam-se dois carros blindados semi-enterrados na neve.

Americanos libertados pela China

HONG-KONG, 15 — (R.) — A China libertou hoje os seus dois últimos prisioneiros americanos, dois pilotos cujos aviões foram abatidos quando efectuavam missões na guerra da Indochina e que estiveram detidos durante mais de cinco anos.

Os dois homens, o capitão de mar e guerra Robert Flynn, de 35 anos, e o major Philip Smith, de 38, pareciam encontrar-se de boa saúde quando atravessaram a ponte ferroviária de Lo Wu e chegaram a esta colónia britânica.

A sua libertação registou-se três dias depois da China entregar o agente da CIA americana, John Downey, que esteve preso durante mais de 20 anos por acusações de espionagem, após o seu avião ser abatido durante a guerra na Coreia.

FLASH ELECTRONICO
Multiblitz
a iluminação perfeita para o fotógrafo profissional mais exigente.
ESTAB. M. SIMÕES JR. S. A. R. L.
10 R. DOS DOURADORES LISBOA
208 R. SANTO ANTÓNIO PORTO
ASSISTÊNCIA TÉCNICA IMEDIATA

Trabalhos de renovação da via

LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Óbidos e Caldas da Rainha, a partir do dia 8 de Março de 1973, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes automotoras:

Automotora n.º 4025 (que parte de Lisboa - Rossio às 13-45 h) — Entre Óbidos e Caldas da Rainha, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarro;

Automotora n.º 4122 (que chega ao Cacém às 17-35 h) — Entre Caldas da Rainha e Óbidos, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

CALEIDOSCÓPIO

TITO PROPOSTO PARA O NOBEL — A URSS propôs a candidatura do presidente Tito, da Jugoslávia, para o prémio Nobel da Paz. Nikolai Tikhonov, presidente da comissão russa da paz, escreveu à comissão do Prémio Nobel, em Oslo, apoiando a candidatura do presidente jugoslavo — de acordo com a «Pravda», órgão do Partido Comunista russo. UPI/ANI).

REFORMAS SOCIAIS — O primeiro-ministro Liam Cosgrave e o seu Governo de coligação iniciam hoje o programa de vastas reformas sociais que ele prometeu à República da Irlanda. Cosgrave, de 53 anos, foi ontem eleito primeiro-ministro pelo Parlamento e anunciou a formação de um gabinete composto por catorze ministros dos Partidos Fine Gael e Trabalhista. (UPI/ANI).

NEVE COLORIDA — Durante a noite de terça para quarta-feira, caiu neve azulada e avermelhada na região de Razgrade, Nordeste da Bulgária. A camada do manto gélido atinge 2 centímetros de espessura. Ignoram-se as causas do fenómeno. A região de Sofia não foi poupada pelos rigores do Inverno mas em todas as estradas principais é normal o trânsito. (F. P.).

RUSSOS EM ESPANHA — Perto de seis mil russos já estiveram este ano em Tenerife, como tripulantes de uma centena de arrastões que em Santa Cruz se abasteceram. Entretanto, a companhia russa de bailados chefiada por Moisseiev vai actuar no Palácio dos Desportos de Madrid durante um mês, até 15 de Abril. A agência EFE considera a hipótese de estas permanências de pescadores nas Canárias e de bailarinos em Madrid serem o prenuncio de um estabelecimento de relações entre a Espanha e a Rússia. (EFE/ANI).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Jacinto Francisco, Largo da República, 57-2º — CANEÇAS

DL/ESTRANGEIRO

Explodiram nove bombas na Ilha de Chipre

NICOSIA, 15 (R.) — Explodiram nove bombas em três cidades cipriotas às primeiras horas de hoje, danificando prédios e automóveis, mas não causando vítimas.

As explosões foram as últimas de uma série de atentados bombistas nesta ilha do Mediterrâneo, que tem sido oficialmente atribuídos a partidários do general Grivas, o antigo comandante de guerrilheiros da Eoka.

Duas das bombas explodiram defronte dá residência do comandante da Polícia e do seu adjunto em Limassol, a sudoeste de Chipre.

Mais quatro bombas deflagraram hoje junto das residências de oficiais da Polícia em Papahos, na costa ocidental da ilha, onde tem sido este ano frequentes os atentados bombistas contra a esquadra da Polícia da cidade.

As restantes três bombas explodiram em Famagusta, a leste de Chipre — duas junto de residências de oficiais da Polícia e a terceira perto da casa de um homem de Trikomo, terra natal do general Grivas. Um automóvel ficou destruído em consequência de uma das deflagrações.

Funcionários afirmam que o general Grivas organizou grupos clandestinos para continuarem com a sua oposição a um Chipre independente e concretizarem o objectivo da «Enosis» — união com a Grécia — que é contrariado pelo presidente, o arcebispo Macários.

Perón: Todas as forças políticas participarão no governo

MADRID, 15 (EFFE/ANI) — «Aos povos hispano-americanos recordo que só unidos e solidários poderemos realizar o nosso caminho, que é comum. Se ao ano 2000 não nos encontrat unidos, é muito provável que nos surpreenda dominados» — afirmou à agência espanhola Cifra o antigo presidente argentino Juan Domingo Peron.

«O Justicialismo mantém a sua intenção de formar um governo de unidade nacional, capaz de realizar a liberalização e iniciar a reconstrução nacional. As instituições armadas como as demais instituições do Estado argentino, — prosseguiu Peron — têm uma missão a cumprir, como explicitamente está prescrito na Constituição e regulamentado pelas leis nacionais.

«A participação no Governo é um assunto que há-de ser resolvido pelo dr. Hector Campora. Até agora, segundo os acordos realizados entre todas as forças políticas em Buenos Aires, no dia 19 de Novembro, e na reunião efectuada em Vicente Lopez, durante a minha permanência na Argentina, no Governo hão-de articipar todas as forças políticas por intermédio dos seus representantes».

Depois de declarar que o problema criado ao país é de tal gravidade, tanto no aspecto económico como no político e social, que um só partido político pode ser impotente para o resolver, Peron afirmou pensar que a tarefa a realizar é da competência de todos os argentinos e que o problema do país há-de ser resolvido com a colaboração de todos.

«E necessário alcançar um Governo de cooperação total, sem oposições negativas, no qual todos possamos colocar algo de nós, a fim de se alcançarem os objectivos desejados: liberalizar o país e iniciar a sua reconstrução».

«A nação argentina — prosseguiu Peron — necessita de uma revolução que permita actualizar o seu desenvolvimento, de acordo com a evolução acelerada e profunda que caracteriza o mundo dos nossos dias. O povo deixou de ser um convidado de pedra para o festim dos grupos privilegiados e converteu-se no protagonista da história nacional. Se isto não se realizar — sublinhou o antigo presidente — ninguém poderá governar no futuro sem o concurso do povo. A virtude do Justicialismo, se alguma se lhe pode reconhecer, é precisamente a de haver colocado o povo como protagonista do seu próprio destino.

Mais adiante, Peron declarou que voltará à Argentina logo que lhe seja possível e quando isso for de utilidade para o país. E recordou que a Constituição lhe permite, como cidadão argentino, entrar, residir, ou sair do país.

Noutro ponto ds suas declarações, o antigo presidente sublinhou que a vitória da frente justicialista demonstra que «o povo não atraiçoa os que dizem a verdade e defendem os interesses populares».

VIETNAME DO SUL

Fim oficial da missão do exército dos EUA

SAIGÃO, 15 (R) — Morreram 10 civis e mais 88 ficaram feridos ao rebentarem hoje granadas de mão lançadas para dentro de um pagode, cheio de gente, durante uma festa religiosa.

Foi o pior ataque terrorista anunciado pelo comando militar de Saigão, desde o cessar-fogo em 28 de Janeiro, e registou-se no meio de notícias de violentos bombardeamentos perto da cidade sul-vietnamita de Quang Tri, local de troca de prisioneiros norte e sul-vietnamitas.

O ataque à granada ocorreu às primeiras horas da madrugada quando sul-vietnamitas participavam num festival religioso na vila de Soai Xien, no delta do Mekong, 120 quilómetros a sudoeste de Saigão.

As cerimónias budistas nas províncias vietnamitas começam geralmente ao terminar a tarde e prosseguem durante toda a noite.

O comando de Saigão comunicou que artilheiros comunistas dispararam ontem 1.638 granadas de artilharia contra posições governamentais ao sul da cidade de Quang Tri, matando três soldados e ferindo mais dez. Noutras áreas foram anunciados alguns ataques terrestres e de bombardeamento em menor escala.

Ao mesmo tempo, o Vietname do Sul prosseguia com os planos para libertar mais 1.000 prisioneiros de guerra comunistas durante o dia de hoje, a despeito do aumento dos bombardeamentos.

A entrega de 300 soldados sul-vietnamitas foi, porém, demorada quando o Vietcong e os norte-vietnamitas não puderam entrar em contacto com oficiais que os guardavam.

A retirada de tropas americanas continuou, mas as fontes oficiais não disseram exactamente quantos soldados tinham partido do país desde que a evacuação recomeçou ontem, após ser temporariamente suspensa por causa de disputas acerca das entregas de prisioneiros de guerra americanos.

O exército americano na República do Vietname terminou hoje oficialmente a sua missão com uma cerimónia simples em que a sua bandeira foi arriada.

Na citação lida durante a cerimónia afirmou-se: «O exército americano no Vietname efectuou todas as missões para que foi destacado com profissionalismo e determinação. Agora o exército americano no Vietname vai regressar ao seu país».

FÉRIAS NA PRAIA

COM A GARANTIA DE VIAGENS APOLO

PALMA DE MAIORCA
Partidas todas as terças e quintas-feiras
Preços desde 3.680$00

TORREMOLINOS
Partidas todos os domingos
Preço 2.320$00

CANÁRIAS
Partidas todas as quintas-feiras
Preços desde 2.770$00

Peça informações e inscreva-se na Rua Rosa Araújo, 2 — Tel. 536971

Meliá
a mais completa organização mundial de viagens

FERNANDA E HELENA
Cabeleireiras

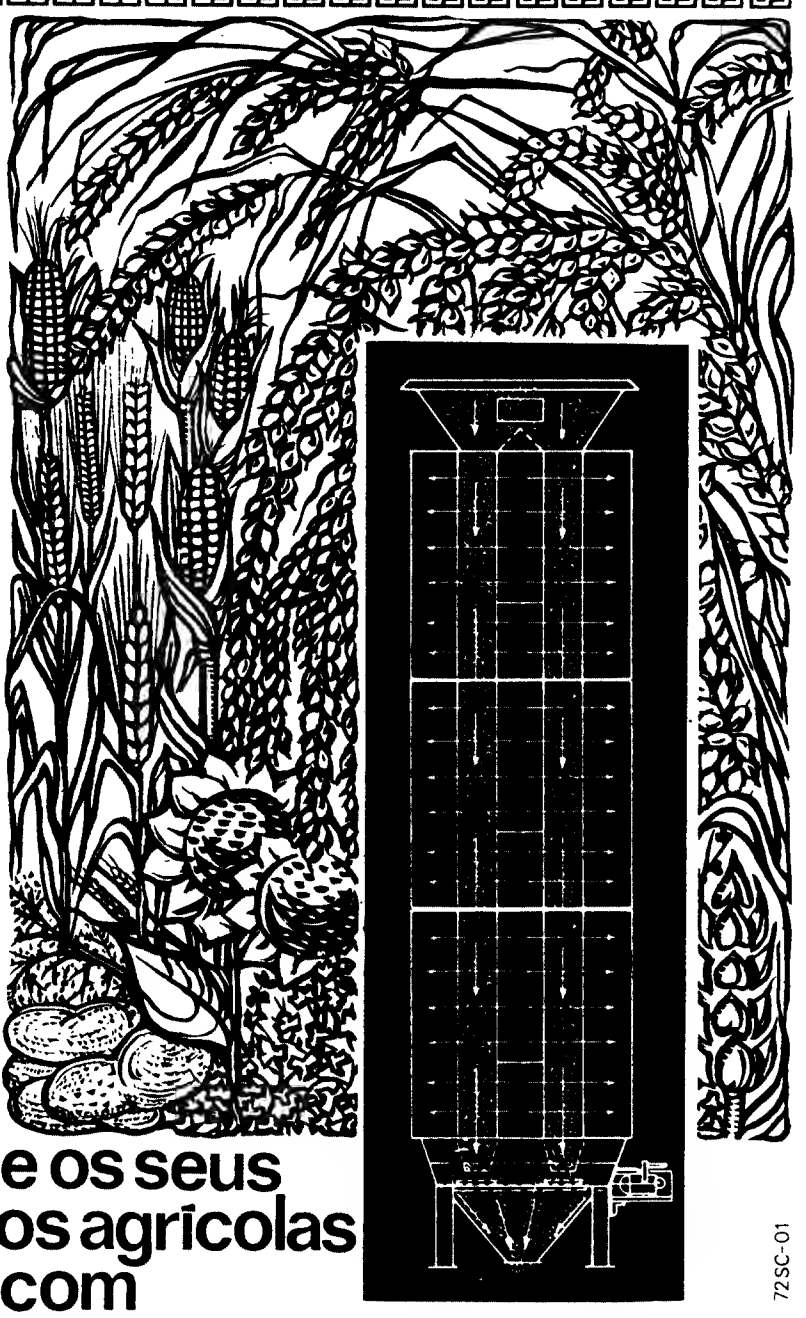
Comunicam a abertura do seu moderno Instituto de Beleza

ONIX

Rua Nova do Almada, 100 - 1.º

PIEDADE — manicura
MARIA FERNANDA — Massagista/visagista
GRAÇA MARIA — pedicura
LAURA — tintureira

ESPERAM A SUA VISITA



valorize os seus produtos agrícolas com

SECADORES PARA CEREAIS

Entregando-os em óptimas condições ou armazenando-os com a garantia de não ter quebras futuras.

VERTICAIS: (tipo cascata) para todos os cereais.
HORIZONTAIS: para forragem e cereais.

Características: 1-POLIVALENTES • 2-MANIPULAÇÃO, CONTROLE DE TEMPERATURA E HUMIDADE RELATIVA AUTOMÁTICA • 3-SECAGEM UNIFORME • 4-FÁCILMENTE ACRESCIDOS COM ADIÇÃO DE UNIDADES BASES, VERTICAL OU HORIZONTALMENTE • 5-BAIXOS CONSUMOS • 6-ECONÓMICOS EM MÃO DE OBRA • 7-QUEIMADORES UTILIZANDO DIVERSOS MATERIAIS DE QUEIMA • 8-COM CÂMARAS PARA ARREFECIMENTO.

NA NOSSA VASTA GAMA ENCONTRARÁ TAMBÉM DESIDRATADORES DE PRODUTOS HORTÍCOLAS, SAL, ETC..

J.J.GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L. ao serviço da lavoura
DIVISÃO AGRÍCOLA — AZINHAGA DOS LAMEIROS - ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR - LISBOA-4
TEL. 79 40 95-96-97-98

72SC-01

SENHORES CAPITALISTAS!!!

COLOCAI O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES COM GARANTIA HIPOTECÁRIA, AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292-1.º — LISBOA — Tel. 36 93 84/5/6

DL GERAL

CONSELHOS DE PRODUTIVIDADE E DE ESTATÍSTICA

Foram nomeados: presidente do Conselho Nacional de Produtividade o dr. Vasco Maria Vasques da Cunha de Eça; e para fazerem parte do Conselho Nacional de Estatística como vogais representantes das comissões de planeamento regional o eng. António Augusto de Figueiredo da Silva Martins, efectivo, e dr. Manuel Constantino Góis, suplente.

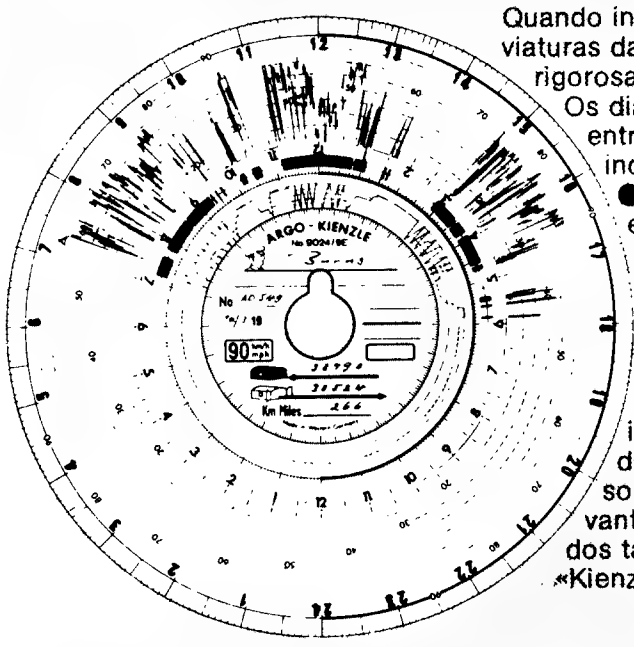
EQUIVALÊNCIA NO CICLO PREPARATÓRIO

Foi determinado, sob proposta da Junta Nacional da Educação:

«Sempre que a equivalência de quaisquer habilitações ao ciclo preparatório do ensino secundário tenha ficado dependente da aprovação em um exame **ad hoc** sobre a disciplina de Francês, deste ciclo, poderão os interessados optar por um exame **ad hoc** sobre a disciplina de Inglês, do mesmo ciclo preparatório do ensino secundário».

Pagar-se-ão a si próprios

Kienzle ARGO



Quando instalar tacógrafos Kienzle nas viaturas da sua frota poderá controlá-las rigorosamente do seu gabinete. Os diagramas fornecer-lhe-ão, entre outras, as seguintes indicações:

- Tempos de marcha e de paragem
- Velocidades atingidas
- Forma de conduzir dos motoristas.

Envie-nos o talão e receberá informação detalhada sobre as vantagens dos tacógrafos «Kienzle»

Firma

Título

Nome

Morada

Localidade

Soc. Lubrificantes Inglesas, Lda.
Av. Praia da Vitória, 73-A
Lisboa
Telef. 53 25 74

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA. — Av. Praia da Vitória, 73-A — Telef. 53 25 74 — Lisboa

AGENTES NO NORTE — Mário Cardoso e Filho, Lda. — Rua Manuel Carqueja, 54 — Porto

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800$00
Balanças - Casa de banho	150$00
Torradeiras	180$00
Frigoríficos 140, L.	1790$00
T. V. 2 canais	3390$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SANTARÉM

LARGO DO MILAGRE, 27 — SANTARÉM
Telefones 546 - 588 - 1340 - 1360

De harmonia com o disposto no art.º 61.º e 62.º, do Estatuto do Pessoal de Administração das Instituições de Previdência Social, se comunica que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 20 dias, a contar desta data, para provimento das vagas existentes nas categorias de:

— Chefe de Secção
— 1.º Escriturário

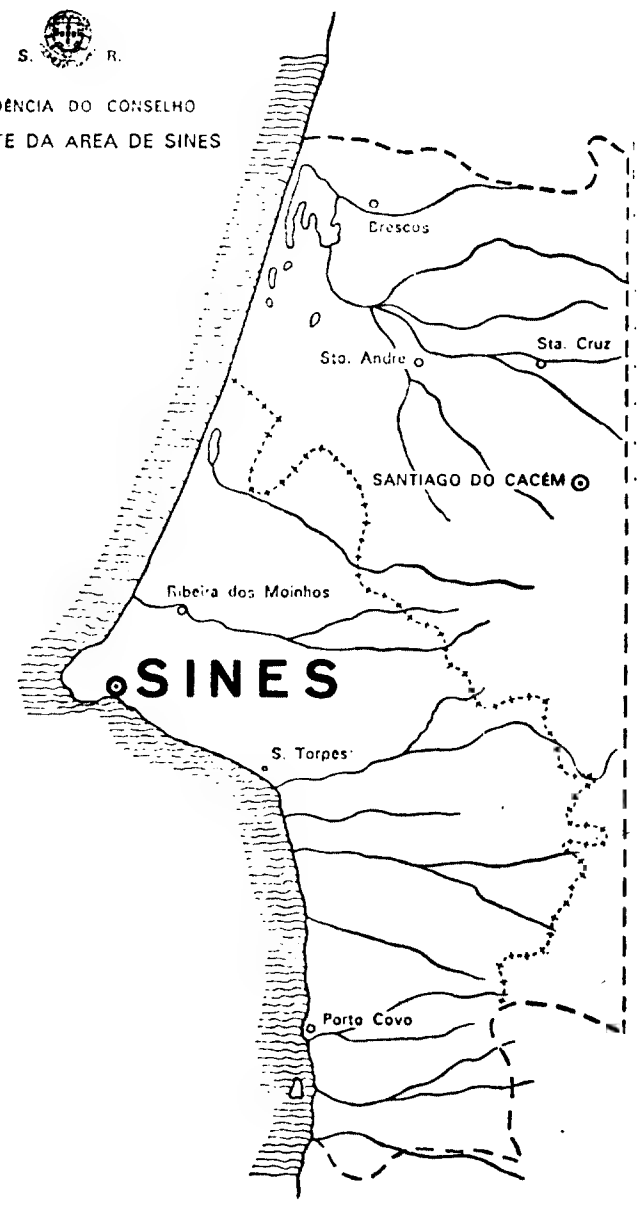
Os interessados devem apresentar dentro do referido prazo os seus requerimentos, com indicação dos elementos seguintes: nome completo, idade, estado, residência, classificação no concurso de promoção e organismo onde presta serviço.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

GABINETE DA ÁREA DE SINES

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA N.º 3/73

Construção de 209 Fogos na Zona de Expansão de Sines



Faz-se público que no dia 20 de Abril de 1973, pelas 9.30 horas na delegação do Gabinete da Área de Sines, Rua Artilharia Um, 33, em Lisboa, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada n.º 3/73 — Construção de 209 Fogos na Zona de Expansão de Sines.

O concurso é por séries de preços e o valor da empreitada global, para efeitos de concurso, é de Esc. 49 500 000$00.

A obra é posta a concurso nas seguintes bases:

a) adjudicação da empreitada global, que corresponde à execução dos 209 fogos que estão distribuídos pelos blocos de edifícios tipos A, B e C;
b) adjudicação somente da empreitada de construção de qualquer dos 3 tipos de blocos, individualmente, ou para os agrupamentos em que os concorrentes estiverem interessados.

Para ser admitido ao concurso é necessário:

a) prestar uma caução provisória a favor do Gabinete da Área de Sines conforme valores constantes do quadro anexo:

MODALIDADES	VALOR BASE	CAUÇÃO PROVISÓRIA
Blocos A	26 800 000$00	670 000$00
Blocos B	7 700 000$00	192 500$00
Blocos C	15 000 000$00	375 000$00
Blocos A e B	34 500 000$00	862 500$00
Blocos A e C	41 800 000$00	1 045 000$00
Blocos B e C	22 700 000$00	567 500$00
Blocos A, B e C (Empreitada Global)	49 500 000$00	1 237 500$00

b) dever corresponder a cada modalidade uma proposta, podendo ser comuns, na parte compatível, os restantes documentos que as instruem;
c) ser titular dos alvarás de empreiteiro de obras públicas da I Categoria ou da 1.ª Subcategoria da I Categoria e da classe correspondente ao valor da proposta;
d) fazer entrega da proposta até às 17 horas do dia 19 de Abril de 1973.

A documentação do concurso poderá ser consultada de segunda a sexta-feira das 10 às 12 e das 15 às 17 horas, na sede do Gabinete da Área de Sines, sita no Largo Ramos da Costa, em Sines, ou na Delegação em Lisboa, secretaria da Direcção de Serviços do Centro Urbano, Rua Artilharia Um, 33 - 5.º

O DIRECTOR DO GABINETE
António da Silva Martins, Eng.º

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso n.º 31 — Fornecimento de Material para sutura.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 5 de Abril próximo, para o mencionado concurso

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), em qualquer dia útil das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 9 de Março de 1973.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) **Alexandre Pinheiro**

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA DOENÇAS DA BOCA

DL/GERAL

Em três linhas

Por ter sido aprovado em concurso de provas públicas, foi nomeado, por dois anos, professor catedrático da Faculdade de Farmácia de Lisboa, o dr. João Adriano Borralho da Graça.

///

Foi concedido à administração do Jardim Zoológico e de Aclimatação em Portugal um subsídio para comparticipação na execução de trabalhos e melhoramentos nas suas instalações.

///

O juiz desembargador do Ultramar, dr. Matias Ribeiro Farinha foi nomeado, em comissão, no cargo de vogal do Conselho Superior Judiciário do Ultramar.

///

Assumiu as funções de inspector superior das Alfândegas do Ultramar o dr. António Adriano Aires.

///

Podem ser requeridos, em provimento interino, os lugares de escriturário-dactilógrafo de 1.ª classe da Conservatória do Registo Civil de Almada e conservadores do Registo Civil e notários em Barrancos, Madalena (Açores), Monforte e Ourique (3.ª classe).

///

Vem no «Diário do Governo» (3.ª série, n.º 62) a relação, publicada pela Direcção-Geral do Comércio (Repartição do Comércio), das sociedades cuja fundação, modificação, dissolução ou cancelamento foram inscritos no mês de Novembro findo.

///

Foi nomeado, por dois anos, professor catedrático do 1.º Grupo (Química) da Faculdade de Farmácia de Lisboa o dr. Lício da Silveira Godinho.

///

Está aberto concurso para provimento de um lugar de técnico auxiliar da Escola Técnica de Alcobaça.

///

Foram transferidos da titularidade do Município da Guarda para a Sociedade Hotel de Turismo da Guarda, Ld.ª os direitos e deveres emergentes da declaração de utilidade turística daquele hotel.

///

O dr. Júlio Soares Guerra foi nomeado adjunto do director-geral dos Serviços Tutelares de Menores.

///

O perito económico da Inspecção Provincial de Crédito e Seguros de Angola, dr. Domingos Nabais foi nomeado, em comissão de serviço, assistente eventual, além do quadro da Universidade de Luanda.

///

Revogado o despacho de 17 de Maio de 1971 relativo à Adega Cooperativa de Belmonte, S. C. R. L., considerando-se, assim, em vigor e com plenos efeitos os respectivos alvarás de aprovação e alteração dos estatutos.

///

Foi nomeado membro do Conselho Consultivo da Divisão Regional da Covilhã do Serviço Nacional de Emprego, o sr. Vitorino de Almeida Bonina, em representação da Federação dos Grémios do Comércio dos Distritos da Guarda e de Castelo Branco.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concursos para o 2.º Trimestre de 1973

Concursos públicos n.ºs:

28 — Fornecimento de Batatas
29 — Fornecimento de Frutas
30 — Fornecimento de Hortaliças

Concurso limitado n.º:
718 — Fornecimento de leite marca «SOBEE».

Recebem-se propostas até às 10 horas do dia 26 do corrente mês, para os mencionados concursos.

Os interessados poderão consultar os cadernos de encargos no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), em qualquer dia útil das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas até à hora e data marcada para o recebimento das propostas.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 9 de Março de 1973.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) Alexandre Pinheiro

Comprar um Opel é muito mais do que comprar um automóvel. É comprar também vantagens extra. A qualidade Opel e a garantia de uma assistência eficiente, completa e total. Assistência Licar.

Porque a Licar criou um centro de assistência realmente à altura da Opel. Desde a dimensão das instalações, passando pelos modernos equipamentos electrónicos de medida e controle até à organização de mão de obra.

Um centro em que tudo foi pensado para sua maior comodidade, economia e rapidez de serviço. Para que o seu Opel tenha uma vida mais longa e saudável. O que também é uma forma de lucro, quando o quiser trocar por um novo Opel. E a Licar tem o maior interesse em mostrar-lhe os novos modelos Opel-Kadett, Rekord II, Manta, 1604 S e 1904 SR.

Por tudo isto, a Licar é uma dupla vantagem para o seu Opel!

LICAR
CONCESSIONÁRIA PARA A LINHA OPEL
ASSISTÊNCIA: RUA DR. JOSÉ ESPÍRITO SANTO • CABO RUIVO • STAND: Av. CASAL RIBEIRO, 48A

DL/DESPORTOS

Assim não...

Aqui (Leixões-Sporting) não se chegou a agredir o árbitro. Mas pela cara e pelos gestos dos jogadores matosinhenses vê-se que se andou por muito perto. Agressões, sim, houve-as recentemente em outros campos cabendo, consequentemente, perguntar: até quando?

Mais algumas perguntas: onde está o «capitão» do Leixões, para protestar contra a grande penalidade que o árbitro marcou (Marinho está na grande área estendido)? Ou cada participante no jogo tem o direito de correr atrás do árbitro e sacudi-lo, para lhe chamar nomes, talvez até sorrateiramente dar um puxão mais forte? E não constituirão estas cenas e estas aparatosas perseguições ao juíz de campo um incitamento claro à invasão? Depois aparece gente a queixar-se das consequências...

Julgamos, face a esta imagem e a outras ainda mais graves que vão sendo divulgadas, que está na hora de a Federação ou a Comissão Central apenas permitir ao «capitão» de equipa ir protestar junto do árbitro. Como medida profiláctica, julgamos ser urgente e de efeitos salutares. Para que o futebol não seja o espectáculo degradante em que, de vez em quando, ameaça tornar-se.

RECEBA

1900$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

"Águia de Ouro" para Borges Coutinho

«É com prazer que digo: ao longo desta gerência alcançámos resultados financeiros nunca antes atingidos e, no plano desportivo, êxitos estrondosos», disse, na Assembleia Geral do Benfica, (de ontem à noite) o presidente da colectividade da Luz, o dr. Duarte Borges Coutinho, ao traçar uma súmula do que tem sido a actividade do Benfica nos últimos tempos e antes ainda de a Assembleia lhe atribuir, por aclamação e com a maior salva de palmas da noite, a «Águia de Ouro», maior distinção benfiquista.

A Assembleia benfiquista aprovou o Relatório e contas da Direcção relativo ao exercício de 1972, sendo de destacar, como o fez a direcção pela voz do seu presidente, que houve um saldo positivo de quase 15000 contos e que **«ainda este ano concluir-se-ão os campos números dois e três, um dos quais engloba uma pista de tartan.**

O problema mais controverso abordado na sessão foi a concessão de duas «Águias de Ouro», a «Águia de Prata» a Germano Campos e o título de «Sócios de Mérito» aos associados Carlos Octávio de Almeida e Jaime Catarino Duarte. Todos os galardões foram atribuídos por aclamação e unanimidade da Assembleia, excepto a «Águia de Ouro» ao director do semanário do clube. Esta concessão suscitou viva controvérsia e chegou mesmo a tumultuar a sessão acabando por ser atribuída por maioria. A Águia de Ouro» para Duarte Borges Coutinho foi sublinhada com aplausos vibrantes da centena de associados presentes e constituiu o momento alto da sessão.

Foram ainda apresentadas duas propostas para deliberação da Direcção e discussão em futura Assembleia: uma para atribuição de «Águias de Prata» a Francisco Campas e dr. Homero Reis e outra solicitando o mesmo galardão apenas para Francisco Campas, a «Águia de Cobre» para o dr. Homero Reis e o título de «Sócios de Mérito» para Jaime Caldas e Silveira Gomes.

Presidiu à Assembleia o dr. Mário Oliveira, secretariado por Fernando Caseiro e dr. Mário José Marques Mendes.

Duarte Borges Coutinho: para ele o maior galardão do Benfica e as palmas mais quentes da noite fria.

Paris-Nice:

AGOSTINHO PERDE TEMPO

A quarta etapa do Paris-Nice comportava inicialmente 136 quilómetros. As más condições atmosféricas, porém, obrigaram os organizadores a suprimir alguns troços. Foi decidido, por fim, escolher novo ponto de partida em Tournon, estabelecendo os corredores a ligação com Valence, à distância apenas de 79 quilómetros. Godefroot foi o vencedor, com o tempo de 2 h. m. 30 s., continuando Eddy Merckx a comandar a classificação geral.

Os 88 ciclistas creditados com o tempo de Godefroot registaram a média de 53,023 kms/h., o que não se pode considerar todavia extremamente significativo dada a pequena quilometragem da etapa.

Joaquim Agostinho chegou em 89.º lugar com 2 minutos e 54 segundos.

No contra-rápido por equipas, disputado de tarde, a «Bic» (com Agostinho) perdeu mais dois minutos e um segundo: desta vez ante a superioridade da «Rokado». A classificação apresenta agora Agostinho em 44.º lugar, a 2 minutos e 10 segundos do guia Eddy Merckx.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 28 DA 12.ª ÉPOCA-18 DE MARÇO DE 1973

O Alcoa x22 22x 1x2 1x11; Beira Baixa — 212 222 112 21x1; Boa Nova — 11x 22x 112 11x2; Cardeal Saraiva — 122 12x 1x2 11xx; Cavalgada do Ritmo — 1x2 222 1x2 11x1; Comércio de Portimão — 112 222 112 1112; Correio dos Açores — 2x2 222 112 1x11; Correio de Coimbra — 212 222 112 x11x; A Defesa — 22x 122 112 xxx1; Desportivo das Beiras 122 2x2 112 1x12; Diário do Minho — 212 222 112 x1x1; O Distrito de Setúbal — 12x x2x 1x2 x111; Ecos de Estremoz — 21x 222 112 11xx; Estrela da Manhã — 1x2 2xx 112 xx11; Eu Sei Tudo — 12x 212 11x 121x; Folha do Domingo — 2xx 222 11x x111; Imagens Piedenses — 221 222 11x x2xx; O Jornal de Felgueiras — 122 22x 112 x1xx; Jornal do Fundão — 11x 1x2 112 x1x1; O Jornal da Lixa — 112 122 1x2 1x11; Jornal de Santo Tirso — 222 222 1xx 1x12; Jornal de Sintra — 1xx 121 112 11x1; Jornal do Sul — 212 x2x 1x2 1x1x; Jornal de Viseu — 112 12x 12x x21x; Linhas de Elvas — 112 22x 111 2111; Mosaico — 2x2 222 11x 21x1; Notícias de Felgueiras — 2xx 222 1x2 2xx1; Notícias de Gouveia — 22x 2x2 xx22 1212; Povo Algarvio — 11x 222 122 11x2; A Rabeca — 2x1 2x2 11x x111; Revista Desportiva — 212 2x1 1x2 x1xx; Jornal Desportivo — 212 222 1x2 1x11; Brado Africano Desportivo — 222 222 1xx xx11; Brado Africano Ronga — 1x2 222 x11 2x11; Domingo Alegre — 211 12x 112 xx11; Roteiro Sonoro — 11x x21 1x2 x111; Terceiro Programa — 211 1x1 11x 211x; Passatempo — 211 122 112 xx1x; Bondiazinho — 111 121 1xx x1x1; Cidade 73 — 212 121 1x2 1111; 20 Ponto D — x11 x21 112 111; Penalti — 111 2x2 2x2 1x11; Póvoa de Lanhoso — 1x2 212 112 2x1x; Programa Sem Nome — 2x2 1x1 1x2 22x1; Quadrante Desportivo — x22 222 1xx 1111; Quadrante Norte — 111 221 x12 x112; Rádio Altitude — 212 222 x22 x111; Reconquista — 112 222 112 211x; Renovação — 2x2 22x 112 1xxx; Repórter do Dia — x22 222 11x 21x1; República — x22 x12 x22 11x2; Resenha Desportiva — 222 22x 112 x21x; Revista de Som — x1x 222 112 1111; O Sorriso da Hora do Almoço — 222 222 112 21xx; O Telégrafo — 212 2x2 112 11xx; O Templário — 21x x22 1x2 2x11; A Voz Desportiva — 112 222 1x2 1x1x; A Voz do Domingo — 212 222 112 xxx1; Voz de Lamego — 112 22x 112 111x; A Voz dos Ridículos — 122 2x1 xxx 11xx; Rádio Desporto — 221 121 211 1121; Notícias do Totobola — xx1 221 1xx x111; A Nossa Chave — 1x2 222 112 x1xx; Último Palpite — 121 22x 12x 221x; Açores — 22x 222 1x2 2xx1; O Algarve — x12 22x 11x 11x1; O Comércio de Leixões — x22 22x 1x2 1x11; O Comércio do Porto — 2x2 222 112 21x1; Correio do Minho — 212 222 1x2 1x12; Correio do Vouga — 212 222 112 21x1; ÀS 10 Espere por Nós — 2xx x22 11x xx21; Rádio Sports — 21x x2x 1x2 1xxx; Ecos de Cacia — 112 222 112 11x1; Ecos do Desporto — xx2 222 112 xx1x; Época — 212 222 1x2 x1x1; Dos Fracos Não Reza A História — x12 12x 122 xxx2; Gazeta das Caldas — 22x 222 1x2 11xx; A Ilha — 222 222 1xx 2x11; Jornal das Aves — x11 xx2 122 1111; Litoral — x12 222 112 x1xx; O Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — 2xx 222 112 xxx1; Manchete Desportiva — 11x 222 112 2111; Maria da Fonte — 222 222 112 x111; Mundo Desportivo — x1x 222 112 xx11; Notícias de Chaves — 112 x2x 112 2x11; A Ordem — 122 222 121 1211; Peça Que Não Maça — 222 222 112 xxxx; Diário de Lisboa — 2x2 222 122 2222; Voz do Casa Pia — xxx 222 112 1111; O Primeiro de Janeiro — 2x2 222 11x 21x1; Auto Rádio — 221 x12 x12 21xx; Boletim Desportivo TA — 222 1xx 2xx 1112; Estúdio 64 — 21x 22x 1x2 12x1; Miscelânea Musical — 2xx 121 111 xx12; Montra do Êxito — x12 x2x 11x 2xx1; Música e Desporto — 2xx xx1 x11 xxx1; Placard Desportivo — 2x2 2x1 121 21xx; Programa da Manhã — 122 x2x 2x2 1x11; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Só Rádio — 2x2 222 x12 x1x1; Placard Desportivo Açores — 221 212 x12 x212; Clube do Ar — 2x2 222 x1x xxxx; Diário do Porto — 2x2 221 11x x12x; Ritmo e Amizade — x22 222 1x2 x122; Notícias de Évora — 212 222 112 xx11.

	R E S U M O			B O L A S (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. BENFICA HUAMBO-ATLÉTICO	34	17	55	4	2	6
2. COVA PIEDADE-GIL VICENTE	48	27	31	5	3	4
3. BAVISTA-PORTO	17	25	64	2	3	7
4. PENAFIEL-LEIXÕES	18	14	74	2	1	9
5. BELENENSES-BENFICA	7	15	84	1	1	10
6. VILANOVENSE-BEIRA MAR	18	23	65	2	3	7
7. MONTIJO-MARINHENSE	91	11	4	10	1	1
8. BURGOS-OVIEDO	63	32	11	7	4	1
9. CORUNHA-REAL MADRID	9	23	74	1	3	8
10. SARAGOÇA-ESPANHOL	42	40	24	5	4	3
11. ATALANTA-BOLONHA	57	38	11	7	4	1
12. INTER-MILAN	56	45	5	6	5	1
13. ROMA-TORINO	60	31	15	7	4	1

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

212 222 112 1111

FUTEBOL DL/DESPORTOS

HERÉDIA CASTIGADO

A Federação de Futebol aplicou mais uma torrente de castigos, nomeadamente ao vimaranense José Carlos (3 jogos de suspensão), ao portista Herédia (1 jogo) e, ainda na Primeira Divisão, repreensões a Damião (União de Coimbra), Pavão (Porto), Espírito Santo e Alexandre Moreira (Montijo) e Calado (Belenenses). O Leixões e o Boavista foram castigados com a multa de 1 500 escudos «por comportamento incorrecto de uma parte do público», enquanto que o Farense foi punido com multa de 500 escudos por «demora na entrada em campo» o que valeu repreensão ao União de Coimbra. Quanto às divisões secundárias, a Juniores e a Juvenis, também a lista de penalidades foi extensa.

O Belenenses abordou Jerónimo (do União de Coimbra) para a hipótese de futura transferência para o Restelo.

Serão postos à disposição do público 2 129 000 bilhetes para os 28 encontros da «Taça do Mundo» de Futebol, que se realizarão na Alemanha Federal, em 1974. Um primeiro «lote» de 1 720 000 será posto à venda no dia 2 de Abril próximo, dos quais 470 000 reservados ao estrangeiro.

O Boavista desloca-se ainda este mês à Madeira e Açores, para efectuar diversos jogos particulares durante o interregno do «Nacional».

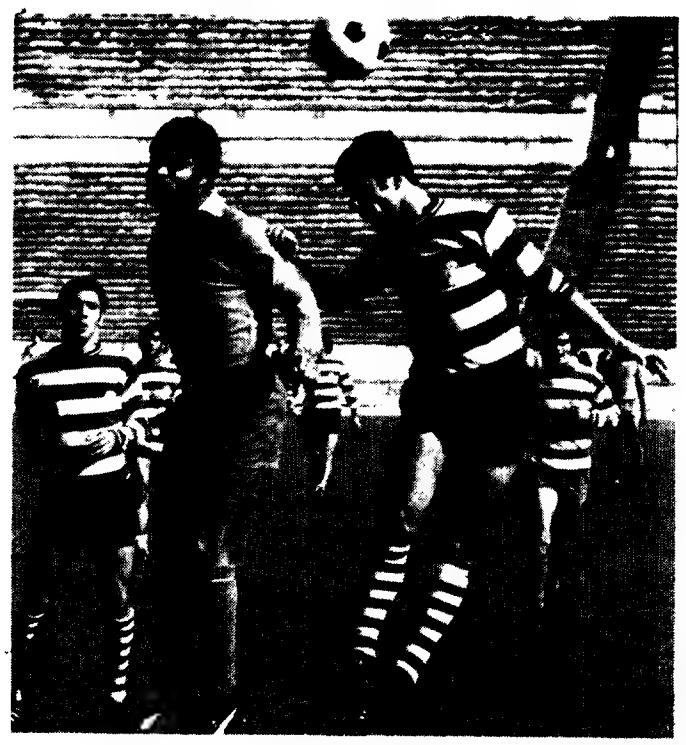
Para a disputa do troféu «Vinho do Porto» está quase certa a presença do Leeds United, que participaria ao lado do Benfica, Porto e Boavista naquela organização dos «axadrezados».

Mais cinco jogos no regional de reservas, com os seguintes desfechos: Oriental, 4-Torriense, 0; Sintrense, 2-Estoril, 0; Sporting, 7-Santa Iria, 0; Talaíde, 0-Belenenses, 5 e Vilafranquense, 2-Alverca, 1. Acrescente-se que o encontro Talaíde-Belenenses se efectuou, por troca, no campo do Restelo.

Para o torneio de Juniores da U.E.F.A., a Bélgica venceu a Espanha, por 2-1. Peres Bandeira, por incumbência de José Augusto, foi espreitar os belgas, a Bruxelas.

O Atlético toma hoje à noite o rumo de Africa. Na comitiva, dirigida por Agostinho Gil, seguem o treinador Ted Smith, o massagista Rosado e os jogadores Gaspar, Esmoriz, Santos, Lapa, Zeca, Belchior, Candeias, Baltasar, Nogueira, Semedo, Mesquita, Clésio, Coelho, Vasques, Rui e Leitão.

Já se encontram no Continente as turmas do UDIB (Guiné) e Ferroviário de Lourenço Marques (Moçambique) que vêm defrontar para a «Taça de Portugal», respectivamente, o Farense e a CUF. Por seu turno, o Marítimo (adversário do Vitória de Setúbal) chegará amanhã a Lisboa, pelas 18 e 45.



Treino da selecção nacional: Eusébio (que no sábado, no Coliseu, entrega o Prémio de Imprensa ao seu colega José Henrique) disputa a bola ao sportinguista Bastos.

Os juniores do Benfica campeões de Lisboa

Decididamente, o Benfica capricha em, este ano, não deixar um só título para o seu rival. Ontem, em Pina Manique, «levantou» mais distrital de Juniores, batendo o Sporting por 1-0, no prolongamento de um encontro que atraíu enorme assistência ao parque de jogos do Casa Pia. O tento foi da autoria de Oeiras e os clubes alinharam assim:

BENFICA: Amaral; Almeida, Maia, Fernando e Pinto; David, Reis e Durand (depois António Pedro); Oeiras, José Maria e Adolfo.

SPORTING: Valter; Dinis, Zézinho, Duarte e Inácio; Ventura, Jorge e Henrique; Vieira (depois Adalberto), Armando e Palhares.

No treino da Selecção Nacional principal, um grupo do Sporting (com Murça e Quaresma) bateu a formação escolhida por José Augusto por 2-1 (tentos de Toni, Manaca e Dinis).

A vista de Tostão continua a ser um problema para o famoso jogador do Vasco da Gama. Agora, aí o temos novamente nos Estados Unidos, internado no Hospital de Houston durante duas semanas, para nova série de exames clínicos.

Para o Campeonato de Juniores do Porto, o Leixões foi batido nas Antas por 0-2, o que obriga a uma «finalíssima» Porto-Leixões. Ontem, as formações dos dois clubes estavam assim ordenadas: **F.C. DO PORTO**: Jesus; Mascarenhas, Alcino, Guedes e Santos; Artur e Cadete; Maia, Teixeira, Carlos Machado e Amorim. **LEIXÕES**: Lúcio; Martinho, Armando, Valdemar e Ferreira; Arlindo e Amaral; Regufe, Meireles, Serrano e Vítor.

Golos de Maia e Artur.

O Santos (do Brasil) foi batido por 3 a 2 pelo Clube Inglês da 3.ª divisão Plymouth Argyle, depois de estar a perder 3 a 0 ao intervalo, num desafio particular que esta noite se realizou em Plymouth e que teve a assistência de 37 639 pessoas. Os golos do Santos foram obtidos por Pelé (de grande penalidade) e por Edu. Na passada 2.ª feira, o Santos tinha sido batido em Londres, por 2 a 1, pelo Fulham, que se encontra na Segunda Divisão...

Resultados dos encontros de 2.ª «mão» dos 8.os de final da Taça de França de Futebol: Arles (2.ª Divisão)-St. Etienne (1.ª Divisão), 0-4, classificado o St. Etienne; Bordeus (1.ª)-Lyon (1.ª), 3-1, classificado o Lyon; Reims (1.ª)-Nimes (1.ª), 0-2, Nimes classificado; Lille (2.ª)-Marselha (1.ª), 0-2, Marselha classificado; Red Star (1.ª)-Sochaux (1.ª), 3-1, batidos pelo mesmo resultado no encontro de 1.ª «mão», os parisienses (Red Star), classificaram-se por 5-4 em «penalties».

Sindicato dos Caixeiros de Lisboa

DIA 16 DE MARÇO

NA VOZ DO OPERÁRIO

ÀS 21 H E 30 M

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

PARA TODOS EM CONJUNTO DISCUTIRMOS E TOMARMOS MEDIDAS SOBRE:

OS NOVOS PERÍODOS DE ABERTURA

DAREMOS TAMBÉM INFORMAÇÕES CONCRETAS SOBRE O CONTRATO DO RAMO RETALHISTA

É muito importante a presença de todos

NÃO FALTE

A DIRECÇÃO

INSTITUTO ZOÓFILO QUINTA CARBONE

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 27.º dos Estatutos é convocada a Assembleia Geral Ordinária para apreciação do relatório e contas relativos ao exercício de 1972, no dia 31 do corrente, pelas 18,30 na sede do Instituto, Quinta das Lindas, Tercena.

Lisboa, 14 de Março de 1973

O Presidente
da Assembleia Geral
J. M. Barros

Grémio Nacional dos Industriais de Construção e Reparação Naval

CONVOCATÓRIA

Convoco todos os agremiados para a Assembleia Geral a realizar na Sede do Grémio Nacional dos Industriais de Construção e Reparação Naval, Rua Jorge Afonso, 31-6.º, em Lisboa, no próximo dia 30 do corrente pelas 16 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— *Eleição da Direcção e da Mesa da Assembleia Geral para o triénio de 1973/75 nos termos do n.º 1 do art.º 29.º dos Estatutos.*

De harmonia com o parágrafo 1.º do Art.º 31.º dos Estatutos, se a Assembleia não puder funcionar à hora estabelecida por falta de sócios em número suficiente, reunirá uma hora mais tarde com qualquer número de sócios.

Lisboa, 13 de Março de 1973

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral — *Francisco J. Valle Guimarães.*

Sindicato Nacional dos Profissionais de Serviço Social

R. Luciano Cordeiro, 18-3.º Dt.º
LISBOA-1 Telefone 53 79 62

CONVOCATÓRIA

Em conformidade com os art.ºs 1 - 1.º e 9 - 1.º do Dec. 51/72, convoca-se a Assembleia Eleitoral para 30 de Março das 18 às 21 horas, na sede do Sindicato — R. Luciano Cordeiro, 18-3.º, Dt.º — Lisboa 1, com a seguinte ordem dos trabalhos:

Eleição dos Corpos Gerentes do Sindicato para o triénio 73/75.

A Presidente
da Assembleia Geral
a) **Adelina Odete Fernandes Marques**

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	458$	458$	–
Cons 3 %	504$	504$	–
Cons 3 1/2	–	585$	–
Centenários	–	1.313$	1.315$
Tes 5 % 57	–	1.000$	–
Tes 5 % 59	–	–	–
Exter 1.ª s	–	634$	–
Extern 1.ª c	–	636$	–
Extern 3.ª s	–	–	–
Extern 3.ª c	–	730$	–
Caut 3.ª s	–	–	185$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	900$	900$	910$
C M L 5 3/4 %	–	1.025$	–
C P 5.5 % 67	–	–	980$
C P 5.5 % 68	–	–	980$
C P 5.5 % 69	–	950$	1.000$
Corr 5 3/4 %	940$	–	940$
Metr 5 3/4 %	–	–	995$
Tur 5 3/4 %	–	1.035$	–
C P 6 3/4	–	–	1.030$

ELECTRICAS

G. 5% — 58	–	840$	–
G. 5% — 59	–	850$	–
G. 5% — 62	–	–	–
G. 5% — 63	–	940$	–
G. 5% — 64	–	940$	–
G. 5% — 65	–	940$	–
G. 6% — 67	–	950$	–
G. 6% — 69	950$	950$	–
G. 7%	–	–	1.040$
H. E. A. A. 5%	800$	790$	810$
H. E. C. 5%	740$	740$	750$
H. E. C. 6%	–	–	960$
H. E. D. 5%	–	740$	760$
H. E. D. 6%	–	950$	–
H. E. N. P. 5%	–	–	750$
H. E. S. E. 5%	–	–	950$
H. E. S. E. 6%	–	–	–
H. E. Z. 5% — 57	–	–	790$
H. E. Zêz. 6%	–	940$	–
N. Elec. 5%	–	740$	–
N. Elec. 6%	–	960$	–
Termoel. 5%	–	–	730$
U. E. P. 5% — 60	–	–	745$
U. E. P. 5% — 63	–	–	–
U. E. P. 6%	–	–	–
U. E. P. 7%	–	–	–

DIVERSAS

A P T 5 % 56	–	860$	–
A. P T 5 % 58	860$	860$	865$
Lisnave 6 %	–	–	–
Nitratos 60	–	–	–
Pet 2.ª e 3.ª %	–	–	–
Sacor 7 %	–	–	1.025$
Sacor 5 % 54	–	955$	–
Sacor 5 % 60	–	880$	–
Sid 5 % 2.ª	–	–	–
Sid 5 % 3.ª	–	–	750$
Sid 5 % 4.ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	–
U Fabril 67	920$	910$	920$
U Fabril 68	–	–	920$

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	–	–	–
Rev 5 % 59/60	–	–	–
Moçamb 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	810$	810$	820$

Banco Borges e Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	8-3-73	14-3-73	15-3-73
GERAL	280,1	282,3	**281,3**
METROPOL	290,1	294,4	**293,5**
ULTRAM	207,0	193,3	**192,1**

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	6.200$	6.200$	6.250$
Algarve	2.950$	2.930$	2.970$
Alentejo	2.470$	2.470$	2.480$
Angola	5.360$	5.360$	–
Borges&Irmão	8.290$	8.250$	8.300$
Crédito Predial	5.700$	5.700$	–
Espírito Santo	16.700$	16.600$	16.700$
Fomento	5.400$	–	–
F.&Burnay	–	–	73.000$
Intercontinental Português	–	–	–
N.Ultramarino-m.	8.150$	8.000$	8.100$
N.Ultramarino-c.	11.100$	11.000$	11.100$
Pinto&SottoMayor	18.450$	18.450$	18.500$
Portugal-n.	–	–	–
Portugal-p.	–	–	–
P. Atlântico	16.500$	16.400$	16.500$
Totta&Açores	9.250$	9.230$	9.250$

De Seguros

Alentejo	600$	600$	–
Bonança	25.300$	25.300$	25.500$
Império	–	43.000$	47.000$
Mundial	2.870$	2.850$	2.880$
Soberana	7.900$	7.800$	7.900$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.145$	1.145$	1.150$
C P E n	1.145$	1.145$	–
E Beiras	1.810$	1.810$	1.820$
G Elec c	347$	346$	347$
H E A A	166$5	166$5	–
H E N P	–	–	290$
H E S E	–	–	1.700$
U E P	178$	178$	179$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.500$	1.480$	1.500$
Ag Incomati	–	2.100$	2.300$
Ag. S T e P	–	–	–
Aç Angola	2.100$	2.100$	2.200$
Alg Angola	–	–	–
Ang Agric	–	700$	750$
Boror	–	200$	–
Boror Com	–	–	75$
Buzi	96$	95$	96$
Cabinda	–	–	145$
Com Lobito	690$	690$	695$
D A T 100	2.180$	2.150$	2.200$
H E Revué	480$	–	480$
I do Princ	–	–	–
Moçambique	–	360$	375$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	401$	401$	405$
Zambézia	75$	74$	75$

Diversas

Ag.Lx.-ant.	–	–	820$
Ag.Lx.—34	–	–	830$
Ag.Lx.—36	–	–	–
Cel.Guadiana	–	5.000$	5.500$
C.Leiria-p.	18.000$	17.800$	18.000$
C.Tejo-p.	49.800$	49.800$	50.000$
F. Ramada	1.390$	1.385$	1.390$
Fornos Eléctricos	290$	287$	290$
P.Celulose	–	–	6.400$
Siderurgia-p.	7.420$	7.400$	7.500$
Siderurgia-n.	–	4.100$	4.180$
Socel	5.000$	–	5.000$
Cidla	9.750$	9.700$	9.750$
C.U.F.	3.520$	3.500$	3.540$
Intar	600$	600$	604$
Nitratos	–	1.300$	1.350$
Petroquímica	1.250$	1.200$	1.250$
Sacor	5.150$	5.150$	5.180$
Tab.Portugal	–	6.500$	7.000$
Tabaqueira	–	11.000$	11.600$
U.F.Azoto	840$	840$	850$
Empor	430$	430$	450$
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colónias	1.520$	1.500$	–
Nacional Navegação	–	–	–
Navegação(Col.)	–	–	2.200$
P. Pesca	1.050$	1.040$	–
Matur	3.800$	3.800$	3.900$
R.Marconi	2.600$	2.600$	2.650$
T.A.P.	1.350$	1.300$	1.350$
Compal	–	650$	750$
Salvor	–	–	–
Penina	–	–	–
Grão-Pará	2.250$	2.250$	2.400$
Lisnave	14.850$	14.850$	14.900$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	–
F. I. D. E. S.	–	213$	219$4

COTAÇÕES

PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	30$00	33$00
Alemanha	Marco	8$60	9$00
América			
Dollars de 1 a 2		24$30	25$20
Dollars de 5 a 20		24$70	25$60
Dollars de 50 a 1000		25$00	25$90
Argentina	Peso Novo	–$–	–$–
Austria	Schiling	1$20	1$26
Bélgica	Franco	$61,5	$65
Brasil	Cruzeiro	3$60	4$40
Canadá	Dólar	24$30	25$20
Dinamarca	Coroa	3$90	4$30
Espanha	Peseta	$42	$46
França	Franco	5$35	5$70
Holanda	Florim	8$55	8$95
Inglaterra	Libra	61$50	64$50
Itália	Lira	$04	$044
Marrocos	Dhran	–$–	–$–
Noruega	Coroa	4$05	4$40
Suécia	Coroa	5$45	5$85
Suiça	Franco	7$65	8$05

Ouro

Inglaterra	Libra Isabel	610$00	660$00
Inglaterra	1/2 Libra	630$00	670$00
Ouro fino Barra		70$00	76$00

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara, 16 Telef. [illegible]28045
Rua do Ouro, 52 Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados. Alvin Show
13.00 Vária
13.15 Por favor não comam os malmequeres.
13.45 Telejornal-1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite.

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa. Educação musical.
19.30 Telejornal-2.ª edição.
19.45 Woobinda.
20.10 Sangue na estrada
20.25 Há só uma terra
20.55 Presença do passado.
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.05 Final do Festival da Canção de S. Remo
00.05 Telejornal-4.ª edição
00.10 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados.
20.45 Um dia com...
21.00 Por favor não comam os malmequeres.
21.30 Telejornal-3.ª edição.
22.00 Foi êxito na TV. Os aldrabões.
22.50 Amaral Neto
23.40 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados. Barney.
13.00 Feminino singular.
13.20 Arnie
13.45 Telejornal-1.ª edição
14.15 Conheça o Portugal desconhecido.
14.20 Logo à noite.

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa. Física moderna
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.10 TV Palco.
20.30 Ensaio
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 Os homens de Shiloh. Os comancheros.
23.45 Telejornal-4.ª edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados.
20.45 Vária.
21.30 Telejornal-3.ª edição
22.00 Variedades. «Os Anos 30» (I Parte)
22.45 Encontro com o mundo. As origens da arte em França.
23.20 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Comboios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o vento era fraco e o céu estava geralmente limpo com excepção do Algarve e Baixo Alentejo onde estava muito nublado.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8º
P. DOURADAS	0º
COIMBRA	6º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	8º
FARO	11º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

LISBOA
Máxima 18,1º

PENHAS DOURADAS
Mínima 5,2º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13º
Atmosfera 10º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.06	3,5 m	7.11	1,1 m
13.45	3,5 m	19.28	1,2 m

Dia 16

2.05	3,8 m	8.05	0,9 m
14.37	3,7 m	20.18	1,0 m

Dia 17

2.55	4,0 m	8.49	0,8 m
15.23	3,9 m	21.01	0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Regiões do Norte e vale do Tejo: céu geralmente limpo; vento fraco a moderado de nordeste. Regiões do Sul e Vale do Tejo: céu geralmente muito nublado; vento fraco; possibilidades de nevoeiro especialmente no Algarve.

AMANHÃ

NASCER ÀS — 7.47
OCASO ÀS — 19.44

DIA 18 DIA 26 DIA 3 DIA 10

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário — ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje: Nino Bravo
18.20 espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Trechos de operetas
20.00 Diário sonoro
20.20 Resumo do programa — o conjunto Crazy Horse
20.30 27.º episódio do folhetim «El-Rei D. João II»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música só música
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.10 Guitarradas, pelo conjunto de António Luís Gomes
22.30 Ritmos de todo o Mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria
02.00 Fecho

Programa Estereofónico - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Paixão segundo S. João (oratória), de Bach
00.35 Prelúdios op. 32, de Rachmaninoff, pelo pianista Yara Bernette
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vertice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gô-gô
23.00 Noticiário — programa à gô-gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário
16.04/18.00 Programa CDC
17.00 Noticiário — programa CDC (cont.)
17.56/21.00 Norte dia a dia
18.00 Noticiário
19.00 Noticiário
20.00 Noticiário
21.00 Noticiário
21.00/24.00 Genérico

21.05 Só-rádio
21.35 Canções que foram êxito
21.45 O arauto da verdade
22.00 Noticiário
22.03 Variedades
22.30 Quando o telefone toca
23.00 Noticiário
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.05 Radiorama
18.00 Hora do recreio
18.21 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 19.00 (jornal do serviço de noticiários e reportagens do R. Renascença)
19.30 Página
21.05 Meditando
21.08 Poesia é diálogo
21.15 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE R. PORTUGAL
6.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-I
ATÈ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704)
ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235 (Tel. 728277)
ALVALADE:
Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida Rodrigo da Cunha); (Tel. 722384); **Rio de Janeiro,** (Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América (Tel. 721409)
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 às Galinheiras (Tel. 790969)
ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (Tel. 534027)
ARROIOS
Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (Tel. 821973
AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, 219 (ao Marquês de Pombal) (Tel. 43641).
AVENIDAS NOVAS:
Figueiras, Av. Marques de Tomar, 20 (Tel. 44995)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11-A (Tel. 311216)
BAIXA:
Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 126 (Tel. 873875)
BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (Tel. 704828)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Tel. 684424)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, R. Maria Pia, 358-A (telefone 686176); **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162 (Tel. 669485)
LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-A (Tel. 660720)
LUMIAR
Matos Viegas, A. Rainha D. Amélia (Quinta das Mouras) (Tel. 794141)
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (Tel 842725)
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Tel. 612248)
SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193)
S. BENTO
Feniz, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 678531)
S. MIGUEL
S. Miguel, Praça de Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469)
SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (Tel. 778439)

TURNO C-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-B (Tel. 636620) **Vieira da Rosa,** Rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187).
ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja, 31-C (Tel. 717505)
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (Tel. 731478)
ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 9 (Tel. 43340)
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (Tel. 41845)

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luis de Camões, 24 (Telefone 322798)
BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (Tel. 611454)
CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 5 (Tel. 662838);
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 133 (Tel. 686640)
CARNIDE
Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)
JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (Tel. 662327)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
MOURARIA
Silva, Calçada de Santo André, 16 (Tel. 862074)
OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Olivais Sul) (Tel. 313610)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (Tels. 728395-720703)
RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (Tel. 681947)
SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (telefone 761035)
SOCORRO
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829)
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Telefone 381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Telef. 20087)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170); **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); **Flama,** R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); **Confiança,** Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)
MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Simões, R. Helidoro Salgado, 26 (Telef. 980832)
COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef 224020)
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Santa Marta, R. dr. Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2273141)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 270254)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)
SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (Telef. 23425); **Bairros,** B.º Santos Nicolau (Telef. 23330)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

10.º TURNO

SUB-TURNO A

Canavarro, R. da Restauração, 53. **Constituição (da)** ; R. da Constituição, 93. **Ferreira de Carvalho,** R. do Bonjardim, 354. **Oriental,** R. do Bonjardim, 727. **Padrão,** Largo do Padrão., 342. **Ramos,** Pr. Exérc. Libertador, 91.

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda., R. de Cedofeita, 125. **Lidador (do)** R. do Lidador, 171. **Parente,** Rua das Flores, 114. **Sousa Soares,** R. de Santa Catarina, 141. **Vitória,** R. de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO H

Montes Clares, R. Dr. António J. de Almeida, 69 (T. 25904); **Viegas e Coelho,** R. da Sofia, 19-21 (Tel. 22089)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
6.ª Semana
Technicolor. Barba Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR» Rua Castilho — Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. «LIBERDADES FEMININAS», Monica Vitti e Claudine Auger.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana
«O ULTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555131)
15,15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A PAPISA JOANA» Com Franco Nero e Maximilian Schell. Panavision. (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
A obra completa de JEAN VIGO. A Propósito de Nice (c. m.) Taris (c.m.) Zero em comportamento Atalante. (Metro: Alameda).

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
59.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 4.ª Semana
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS». Massimo Ranieri, Florinda Bolkan. Amanhã e Sábado às 00.30 - Cinema fora de Horas
(Grupo D - 18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS»

APOLO 70
15.15,18.30 e 21 e 45
(Grupo D 18 anos)
12.ª Semana
Technicolor. Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen
Hoje às 24.00 - Clássicos à Meia-Noite «VANINA VANINI» de Roberto Rosselini (Grupo D - 18 anos)

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Alberto Sordi e Elga Anderson num dos mais extraordinários e polémicos filmes do ano! «À ESPERA DE JULGAMENTO» «Urso de Oiro» do último festival de Berlim - Technicolor (Metro - Estação Picoas)

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
A famosa peça de Casona num filme arrojado «AS 3 PERFEITAS CASADAS»

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
Technicolor. Frankie Howerd e Julie Ege «OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA»

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Um filme de Laurence Olivier baseado na obra de Tchekov «AS 3 IRMÃS» com Alan Bates

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
Panavision, colorido «AVENTURA DO POSEIDON», com Jene Hackman, Ernest Bargnine, Red Buttons, Carol Lynley e Stella Stevens.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) Eastmancolor Annie Girardot em «DESENCONTRO» Um filme de Serge Korber

IMPERIAL (Tel. 821933)
21.00
(Grupo C-14 anos)
3.ª Semana. Em continuação de estreia «LIMONADA JOE». Em complemento «O CARNICEIRO».

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18,15 e 21.45
3.ª Semana triunfal de Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «CONTINUAM A CHAMAR-LHES OS 2 PILOTOS MALUCOS DO MUNDO» uma paródia à pirataria aérea.

CASINO (Tel. 2642/264949)
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«MUNDO CÃO»

LONDRES (Tel. 731313)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
17.ª Semana. Colorido. A estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (ADEUS BERLIM) Snack bar - «Pub the Flag» o melhor encontro gastronómico

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Sérgio Carbucci «O CÂNTICO DA NAVALHA» Adriano Celentano, Claudia Mori. Eastmancolor. 2.ª Semana

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O FALSO PROFETA» e em complemento «RAPARIGAS MODERNAS»

S. JORGE (Tel. 54151)
15.15-18.30 e 21.45
Em 3.ª Semana
Grupo D 18 anos
O Carnaval continua! «COM JEITO VAI... NA PÂNDEGA»

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semana
Colorido «MULHERES SEM MARIDO». Em complemento «A PARTILHA»

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
3.ª Semana
(Grupo D-18 anos)
«OS NOIVOS DE MINHA MULHER» Alfredo Landa (o delicadinho) Esperanza Roy. Technicolor-Color

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
4.ª Semana. O mais ousado filme de Otto Perminger «AMANTES DESCONHECIDOS»
Grupo D 18 anos)
Technicolor

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
Colorido. A mais excitante aventura jamais filmada «A AVENTURA DO POSEIDON», com Jene Hackman, Ernest Borgnine, Red Buttons, Carol Lynlei e Stella Stevens.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«OH papá pobre papá».

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«O Lago de Drácula»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Traficantes de sonhos»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Ponto de encontro»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Caíu uma garota na minha sopa» e «Entre a honra e o amor»

MAYER
21.00 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

MOSCAVIDE
21.30 (14 anos)
«Explosão de garotas»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Os piratas do Arquipélago»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«Hospital»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Quando a Primavera acaba»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Mundo Cão»

Palácio
21.30 (10 anos)
«Missão na China Vermelha»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O gosto da vingança»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«A Doce Vida da Casta Susana» e «Os pistoleiros da Casa Grande»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«O destino marca a hora»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«Um raio de sol na água fria»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Candidato»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21 15 (10 anos)
«Os 11 do Oceano»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O homem que matou Liberty Wallance»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (14 anos)
«A Cama dos comuns»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O Esquadrão da morte»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Um caso de urgência»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«O 4.º Mandamento»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Noite sem fim»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Perseguição»

COLISEU
21 30 (18 anos)
«Os toiros de Mary Foster»

ÁGUIA D'OURO
21 30 (10 anos)
«O ás vale mais»

ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«A filha do milionário»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Amor ilícito»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Variedades»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Centuriões do século XX»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Condenado» e «O duplo homem»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Companheiros»

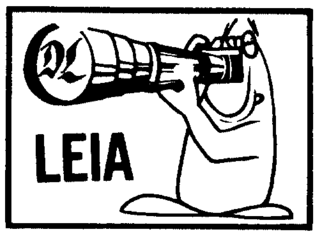
COIMBRA

SOUSA BASTOS
21 30 (18 anos)
«Comissário Pepe»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«O Mecânico»

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«A estátua»

GIL VICENTE
21.30 (18 anps)
«Amor ilícito»



BARS BOITES

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades Maria Helena Odete Maria Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h as 21 h e das 22.30h as 05.00h.**

TAMILA — Marao e s/conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.**

LUSO Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar. fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

SAN-PAYO — Bar-boite c/musica constante Aberto ate às 5h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado)

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Antonio Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

PRINCIPE NEGRO **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368967.**

EL CIDE Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades

CASEBRE — Rua da Barroca 133 **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos Cantam Carlos Barra. Deolinda Rodrigues e Nazare A 1 00h convidado special em tempo-Show Folclore pelos cinco tipicos de Vila Franca de Xira Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

CACO — Dancing c/musica ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

FRAGATA REAL — Maria Valejo Maria Jò-Jò Nelo e Joaquim Campos em Fado lisboa Joao Queiróz em Fado de Coimbra acompanhamento de Antonio Parreira e Francisco Gonçalves Artistas convidados Ana Rosmaninho Natalia Desejos e João Cabral **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365187**

DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Procurado desde 1966 foi entregue ontem ao Tribunal

LUANDA, (ANI) — Chegado anteontem a Luanda, vindo de Macau por Hong-Kong, e Joanesburgo, acompanhado por um chefe de brigada da Polícia Judiciária de Angola, foi entregue ao Quarto Juízo Criminal de Luanda e recolheu aos calabouços da Cadeia Central, João Bertino Xavier Torres, que fugira de Portugal em 1966, acompanhado por um sócio, depois de praticarem uma burla no montante de mais de dez mil contos em que foram afectadas diversas empresas e entidades particulares locais.

Bertino Torres foi encontrado em Macau quando ali se encontrava, sob falsa identidade, a gerir uma filial da firma CAPELA 51, que montara anos antes na cidade italiana de Messina, de sociedade com outro também já detido na Itália, à ordem da Interpol.

Os dois sairam de Luanda, de avião, para Lisboa, em 1966, e dali para Paris. Antes de seguirem para a Itália, onde montariam a sua empresa comercial de representações, passaram pelo Paraguai e pelo Brasil.

QUARTEL-GENERAL DO IBERLANT

Foi nomeado o comodoro Alberto Magro Lopes para prestar serviço no Quartel-General do Iberlant como comandante-adjunto no Comando da Area Ibero-Atlântica da Organização do Tratado do Atlântico Norte, conforme o Protocolo sobre o Estatuto dos Quartéis-Generais Militares, decretado pela Assembleia Nacional.

Substitui o contra-almirante Décio Braga da Silva, que recolheu ao Estado-Maior da Armada por ter sido promovido ao actual posto.

Quase cinco milhões de pequenas propriedades

Segundo a informação final do «Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente-1968», contendo a divulgação dos resultados da estimativa a 20 por cento das explorações agrícolas com menos de 20 hectares observa-se que cerca de 90 por cento das explorações têm menos de 20 hectares, a que corresponde aproximadamente 39 por cento da área total das explorações agrícolas. Mais detalhadamente, verifica-se que 77 por cento das explorações não têm mais que 4 hectares e apenas 15 por cento da área total e que as explorações com menos de 1 hectare são aproximadamente de 39 por cento do total e não vão além de 2,5 por cento da área global.

As explorações com menos de 20 hectares são compostas por um total de 4 756 100 blocos de terreno, isto é, aproximadamente em média 6 blocos por exploração e assim distribuídas percentualmente segundo o número de blocos: 25 por cento com 1 bloco; 26 por cento com 2 e 3 blocos; 15 por cento com 4 e 5 blocos; 16 por cento com 6 a 9 blocos; 18 por cento com 10 e mais blocos. A quase totalidade destas explorações agrícolas (99,9 por cento) são exploradas em nome individual e cerca de 45 por cento delas por indivíduos com idades superiores a 54 anos.

Acidente provocado por uma ultrapassagem

Dois mortos (pai e filho) e quatro feridos foi o resultado do desastre de viação, que ontem ocorreu perto de Leiria.

Ao tentar ultrapassar três camiões, o condutor de um «mini» foi embater violentamente num outro automóvel que rodava em sentido contrário.

Encontraram morte imediata, António Mendes dos Santos de 32 anos e António dos Santos Júnior de 60 anos. O outro ocupante do «mini», Henrique Alves de Oliveira, 28 anos, ficou internado no hospital local.

Os passageiros da segunda viatura, Luís Amaro Bexiga, 50 anos, Augusto Pires Pedro Baptista, 23 anos e Cesário Sabido da Luz, 24 anos, regressaram a suas casas após terem recebido tratamento.

Karl Marx morreu ha noventa anos

Karl Marx, o fundador do materialismo histórico e do socialismo científico, morreu em Londres há 90 anos. Assinalando o facto, o nosso prezado colega «O Século» referiu-se à notícia que então publicou, reproduzindo a nota que adiava a publicação da biografia do revolucionário alemão.

Essa biografia, diz «O Século», acabou por ser publicada na terça-feira, 18 de Março de 1883, ocupando coluna e meia. Redigida com «adjectivação emotiva e grandiloquente» a biografia não foi transcrita pel'«O Século» de hoje que lembra aos seus leitores a existência de uma colecção do jornal na Biblioteca Nacional.

A BANDEIRADA DOS TÁXIS

Lisboa sofreu ainda mais esta manhã a carência de táxis. E enquanto os cidadãos se esforçavam por apanhar um carro livre na rua, centenas deles esepravam na Avenida 24 de Julho por uma operação que já estava anunciada há uns meses: a substituição do velho taxímetro por outro que permitirá aos motoristas cobrar 5$00 de bandeirada, $50 por cada 230 metros a mais ou fracção e $50 por cada minuto de espera. No entanto, poucos poderão já hoje receber as novas taxas. A lentidão com que são implantados os novos aparelhos permitirá, assim, à maior parte dos utentes, poupar pelo menos 2$50 no seu transporte.

Quem não está contente com isto são os motoristas que esperam há muitas horas (e em certos casos há mais de um dia), junto dos Serviços de Aferição da Câmara, a sua vez de serem «contemplados» com o novo taxímetro. E tratando-se dos proprietários dos veículos, o descontentamento é ainda maior. E que a portaria do Ministério das Corporações que determina a alteração permite-lhes beneficiar a partir de hoje do aumento... Simplesmente, isso só acontecerá se os carros já dispuserem do novo «marcador».

E às nova horas da manhã havia só um funcionário a substituír os taxímetros. Depois, era ainda necessária a aferição, ao fim de uma corrida entre a Avenida da Índia e a doca do Bom Sucesso, durante a qual o taxímetro teria de marcar 12$00. Tudo isto demorado. De tal modo, que as previsões eram para que apenas cerca de 70 carros ficassem «actualizados».

Agostinho Correia Henriques estava al2 desde ontem e só amanhã o seu carro «vai à selagem».

— **O carro devia poder marcar vez, para um homem poder ir à sua vida. Mas não se pode ter confiança. Todos querem passar à frente. Nós estávamos aqui em «bicha» e abriram a outra porta. Ficámos para o fim.**

Nessa altura, houve mesmo burburinho. Homens enervados pela espera excederam-se em palavras e gestos, «**É uma pouca vergonha**, ouve-se dizer. Por tudo isto, os Serviços da Câmara estão bastante cautelosos. Esta manhã faziam marcações para 2.ª feira.

Quem estava (finalmente) contente era o senhor Carlos Rodrigues Gil, cujo carro tinha acabado de beneficiar da substituição.

— **Custou, mas foi. Tinha deixado aqui o carro há 48 horas. E só tenho este para trabalhar. Agora ainda falta ser aferido, mas o pior já passou.**

Mas a alegria tinha as suas sombras. Houve um aumento, mas o senhor Carlos Gil não acredita muito na «fartura».

— **Estou convencido de que nas oficinas ainda vão «meter mais a unha».**

Às 10 horas da manhã, ahvia três táxis a funcionar com a nova bandeirada. Os outros esperavam. Os motoristas teciam comentários. Era um momento de euforia. Pequenos proprietários manifestavam o receio de que o público não aceite bem o aumento. Outros referiam-se às prioridades na atribuição das novas licenças, para mais 280 táxis, cujo concurso abriu hoje na Direcção Geral dos Transportes Terrestres. Este é extensivo aos proprietários de um veículo de instrução que exerçam a sua actividade em Lisboa e aos motoristas profissionais inscritos no respectivo Sindicato, por ordem de antiguidade. Nem toda a gente concorda.

Outros, menos ambiciosos perguntam-se simplesmente se este aumento vai ter repercussões no seu ordenado

E esperam que, finalmente, chegue, também para eles algum benefício.

As explosões em Lisboa

Continuação da pag. 1

«através das suas brigadas revolucionárias» as seguintes acções, descritas como de «sabotagem»: **«as da Base da NATO na Fonte da Telha em 7 de Novembro de 1971, da bateria de canhões em Santo António da Charneca, em 12 de Novembro de 1971, dos camiões da Berliet em Lisboa, em 11 de Junho de 1972, e ainda o roubo dos explosivos duma pedreira no Algarve, em 11 de Junho de 1972»**.

Posteriormente a estes, e antes das destruições operadas nos dias 9 e 10 do corrente, verificaram-se em Lisboa, no último dia de Dezembro e nos primeiros dias de Janeiro passados, rebentamentos de petardos de espalhamento de propaganda política.

Em AZEITÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é venddio por José Augusto Sacramento & Filhos, Ld.ª

NOTAS POLÍTICAS

ANIVERSÁRIO

Assinalando a data de hoje, que marca o 12.º aniversário da eclosão da guerra em Africa, o governador-geral de Angola e o comandante-chefe das Forças Armadas falaram à população através da Emissora oficial. O eng.º Santos e Castro, na sua meneagem, afirmou que **15 de bmarço não é data que, por si, se comemore. Ela nada significa quanto ao nosso processo histórico nem está ligada a actos que nos pertençam**. Trata-se de **um triste sinal do recuo da civilização, da ofensa ao direito dos povos, de ataque aos sentimentos humanos que levaram séculos a cultivar. É o regresso da barbárie. É uma das vergonhas dos tempos modernos**.

Por seu turno, o general Luz Cunha, depois de reconhecer que **a coligação, anunciada em Dezembro, dos dois principais grupos subversivos que nos atacam em Angola pode, se se concretizar, trazer alguma melhoria à sua situação**, manifesta, esperançadamente, a convicção de que **cada um dos movimentos procure dominar ou absorver o outro**, vaticinando que **sairá vencedor desta luta o que contar com mais poderosos apoios estrangeiros.**

SINES: PROGRESSO COM DÚVIDAS

Enquanto nos Gabinetes se estudam alguns problemas relativos ao futuro polo industrial de Sines, na vila surgem os mais diversos problemas, que vão desde as expropriações até aos incidentes levantados pela quebra de uma montra, na sequência das explosões que têm sido feitas para rebentar rochas, no local onde passará a futura estrada do Porto de Sines. Diz-nos o encarregado das obras:

— **Estes problemas têm que existir sempre. Mas não há perigo porque todas as explosões que aqui se fazem, foram devidamente estudadas e consultada a Comissão de Explosivos. O que acontece é que as pessoas não aceitam lá muito bem a construção do Porto. Parece que não querem é trabalhar**.

Entretanto, sabemos que os trabalhos, no que diz respeito à parte técnica, prosseguem segundo o ritmo esperado, estando o cumprimento do praso previsto dependente da forma como decorrerem as expropriações, especialmente junto à praia de Sines. E parece que alguns problemas têm surgido, nesse capítulo.

A população não perdeu a oportunidade de o fazer notar durante o Corso de Carnaval, referindo-se aos factos, em inscrições nos carros que desfilaram pelas ruas. Podiam ser lidas frases como estas:

«Vendemos o moinho, o terreno já não é nosso».

«Vamos comer todas as sopas que os meninos não querem.»

«Aqui era Sines, a antiga vila da paz».

No espírito de alguns agricultores e de pequenos industriais começa, entretanto, a surgir o fantasma da deserção da mão-de-obra que ainda existe.

NOVA CONFERÊNCIA E VÁRIOS PROBLEMAS

As expropriações ou compras amigáveis de terrenos destinados à construção do Porto de Sines e à estrada que a ele há-de conduzir, foram ontem focados durante uma conferência que o eng.º António Martins, director do Gabinete da Área de Sines, proferiu, no Palácio da Independência, sobre «O complexo de Sines», a convite da Liga dos Antigos Graduados da MP.

O conferencista referiu-se aos diversos aspectos da obra, desde o seu custo, até aos objectivos e implicações habitacionais e sociais que o projecto terá sobre toda a zona. Foi assim que falou sobre a esperança que os órgãos de governação têm de que a construção do Porto possa atrair ao nosso País um apreciável conjunto de iniciativas e investimentos internacionais.

Sobre o molhe de atracação, disse, o eng.º António Martins, que terá uma extensão de dois mil metros, com zonas de atracagem para navios até um milhão de toneladas, sendo o quebra-mar, cuja construção está prevista, o mais profundo do Mundo.

Quanto ao desenvolvimento económico da região, o técnico explicou que só uma utilização intensiva do porto poderá minorar o seu alto custo que será de vários milhões de contos, motivo por que se pensa já em termos de exploração das minas de Aljustrel, na instalação de uma refinaria de petróleo com capacidade para produzir dez milhões de toneladas por ano e de um complexo petroquímico. Prevê-se, entretanto, que à semelhança do que acontece no estrangeiro, seja construido junto deste porto de águas profundas uma unidade siderúrgica, ou algo com idênticas características.

Foi também motivo da atenção do conferencista a protecção à Lagoa de Santo André, sua recuperação e criação de uma zona de protecção à Natureza.

O navio "Uige" foi afretado pelo exército

Por Portaria n.º 190/73 de 15 de Março, o navio Uíge da Companhia Nacional de Navegação foi afretado pelo Ministério do Exército para transporte de tropas e material de guerra.

Enquanto tiver capitão-de-bandeira, só poderá ser utilizado em serviço do Estado e goza das imunidades inerentes aos navios públicos.

Regozijo em Avanca

AVANCA, 15 Causou grande regozijo a notícia ontem publicada pelo «Diário de Lisboa» da elevação à categoria de vila da freguesia de Avanca. Os sinos da igreja matriz repicaram festivamente e foram lançados ao ar muitos foguetes. Hoje as autoridades locais e as forças vivas desta freguesia vão enviar telegramas de agradecimento ao Presidente do Conselho, ministro do Interior e governador civil de Aveiro.

Atropelamentos em Lisboa

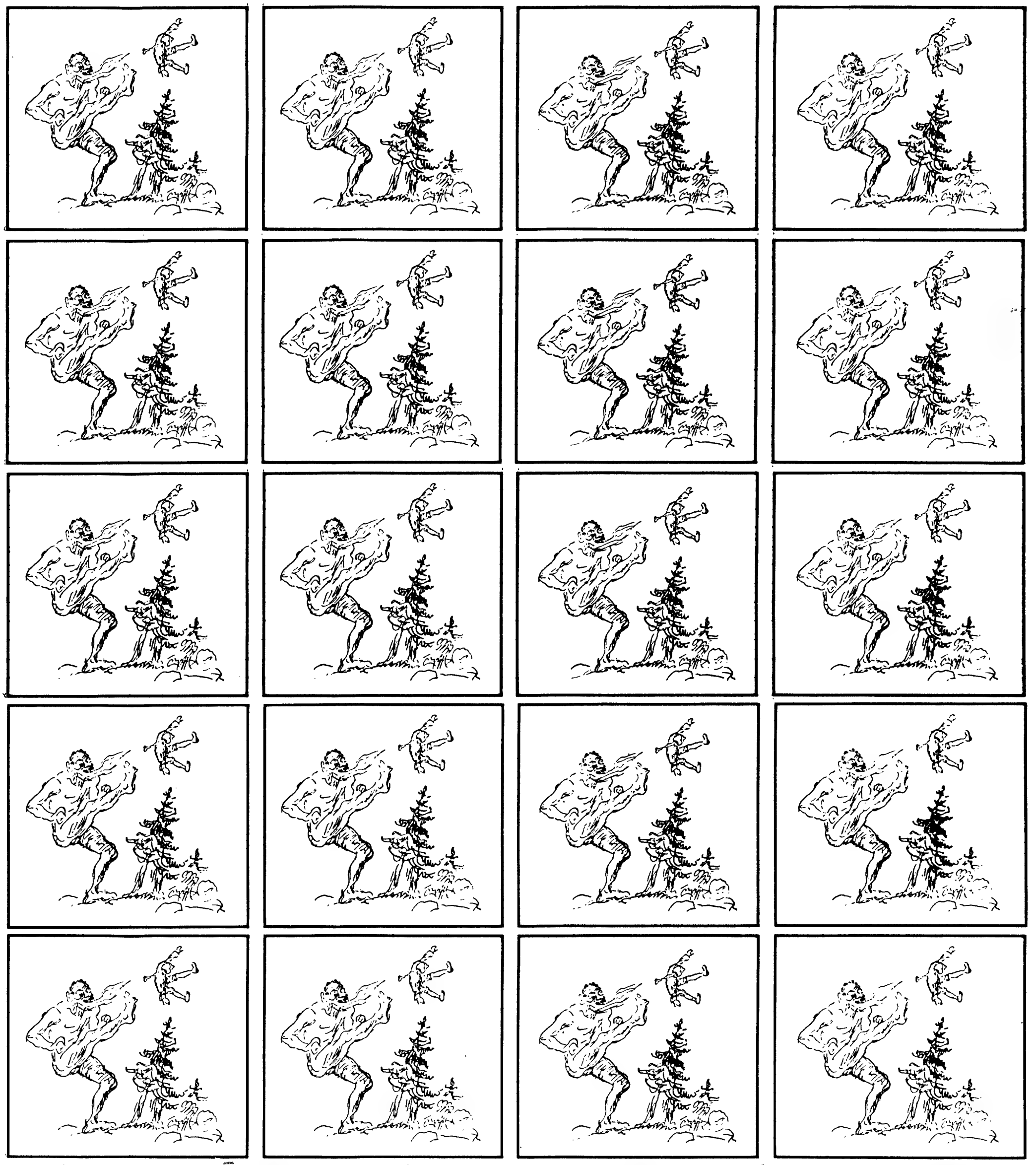
Em virtude de dois atroplamentos, ocorridos esta manhã, cerca das 9 e 20 no Campo Grande e na Avenida do Brasil foram conduzidos ao Hospital de Santa Maria, duas mulheres, em estado grave. O primeiro acidente deu-se a meio da Avenida do Campo Grande tendo sido vitimada Emília Rosa Agostinho, empregada hoteleira que juntamente com a filha se dirigia para o respectivo emprego. Enquanto que a filha se desprendeu da mãe e avançou para o outro lado da artéria (onde numa extensão de 600 metros esta hesitou e parou) sendo colhida pelo automóvel conduzido por Maria Alexandra Moura, de 21 anos, estudante de Direito.. A sinistrada esteve no mínimo 20 minutos, estendida no pavimento, à espera do 115, imediatamente pedido por outro condutor.

O outro acidente ocorreu mesmo em frente do Hospital Júlio de Matos, tendo sido atropelada por um autocarro de passageiros, da empresa Claras, a empregada doméstica Maria Assunção Miranda, casada, de 68 anos, residente na rua Maria Amália Vaz de Carbalho. Segundo testemunha ocular a vítima atravessou fora da passagem de peões, apesar de aviso por «klaxon», do condutor do veículo, José Vieira Lopes. Este travou não conseguindo, porém, evitar o atropelamento. O autocarro ultrapassou ainda o passeio, chocando com uma árvore e derrubando um poste de iluminação.

Ambas as mulheres encontravam-se, ao fim da manhã na sala de observações, sendo mais grave o estado de Maria Assunção Miranda.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS



POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS POLÉMICAS

Noticiario editorial

● LIVROS DO BRASIL

Com a publicação do volume «José e Seus Irmãos», conclui a editorial «Livros do Brasil» o lançamento de uma verdadeira obra-prima de Thomas Mann — sondagem penetrante e dramática sobre a condição humana e o destino dos homens.

Fiel ao relato bíblico, Thomas Mann soube, contudo, imprimir-lhe um cunho profundamente pessoal e conferir-lhe uma dimensão inédita. E, por isso, uma obra que sobrevive no tempo e que perdura entre os valores perenes da literatura.

Ao lado de «A Montanha Mágica» e «Os Buddenbrook», esta trilogia do célebre escritor alemão laureado com o Prémio Nobel vem enriquecer a colecção «Dois Mundos» que reúne a maior parte da produção de Thomas Mann ou, pelo menos, as suas obras de maior alcance e significação.

S.S. Van Dine regressa, com o seu livro «O Enigma do Crime no Jardim», à colecção «Vampiro», onde outras obras suas têm sido publicadas. O autor apresenta um enigma de permanente ineditismo e «suspense», utilizando os ormenore subtis que escapam à vigilância do leitor, mas não escapam à do detective.

● PLÁTANO EDITORA

Com a Biblioteca de Cultura Geral, pretende a Plátano Editora lançar uma série de sínteses do saber contemporâneo fazendo o ponto sobre temas cujo conhecimento é fundamental. O estilo acessível das obras a publicar nesta colecção não é incompatível, antes pelo contrário, com a seriedade da abordagem dos respectivos assuntos. O prof. Alves de Moura abre a BCG com uma obra sobre astronomia cuja actualidade neste tempo de viagens no espaço não é necessário sublinhar.

Esta Astronomia Popular está dividida em duas partes essenciais: a primeira leva o leitor, pelo pensamento, aos confins do mundo, para que fique com uma ideia de conjunto da maravilhosa engrenagem astronómica; a segunda trata propriamente da descrição simples, mas um pouco mais pormenorizada dos astros em geral.

Completa-se este estudo com a solução prática de alguns problemas que convém conhecer: orientação, variação do horizonte visual com a altitude, coordenadas terrestres, diferença de horas com a longitude e medição de ângulos.

● A LITERATURA PORTUGUESA NA CHECOSLOVÁQUIA

Em tradução de Zdenek Hampl, acaba de sair, profusamente ilustrada, actualizada no texto e na bibliografia, a **História da Literatura Portuguesa** da autoria de António José Saraiva e Óscar Lopes.

Com Williams vai-se a espuma mas fica a Lanolina!

Com um creme vulgar obtém-se uma espuma abundante...

...mas essa espuma vai-se à primeira passagem...

...Ai! Ai! Ai! A lâmina não desliza e ficaram pêlos por cortar...

Resultado: pele irritada, cortes e... a barba mal feita...

Uma camada de espuma de shaving cream Williams e...

...A lâmina desliza sòzinha...

Terminada a primeira passagem, a espuma foi-se, mas ficou a Lanolina...

Resultado: a pele fica macia e a barba escanhoada.

Os cremes de barbear Williams são feitos à base de Lanolina mas o creme Ice Blue também contém GLISSICONE

LIVROS RECEBIDOS

EDIÇÕES AFRODITE

TEATRO, VANGUARDA, REVOLUÇÃO E SEGURANÇA BURGUESA
F. Luso Soares
Colecção Ensaio/Documentos - n.º 3

EDIÇÕES DE AUTOR

A PALAVRA QUE SOMOS
A. J. Vieira de Freitas

EDITORIAL ESTAMPA

O QUE É O MARXISMO? - 2.ª edição
Vladimir Ilitch Ulianov
Tradução de José Aguiar
Colecção Teoria - n.º 12

EDITORIAL ESTÚDIOS COR

O TIO MILON E OUTROS CONTOS
Guy de Maupassant
Tradução de Franco de Sousa
Colecção Novelas e Contos Completos de Maupassant n.º 9

A MÁQUINA DO TEMPO
H. G. Wells
Tradução de Rosa Canelas
Colecção Mocho - n.º 11

OS LABORATÓRIOS DO FUTURO
Vários
Colecção Biblioteca do Ano 2000 - n.º 1

EDITORIAL PRESENÇA

O RENASCIMENTO ITALIANO
Jacob Burckhardt
Tradução de António Borges Coelho
Colecção Biblioteca de Textos Universitários - n.º 4

LIVRARIA SAM CARLOS

PÁTRIA PORTUGUESA - 11.ª edição
Júlio Dantas

LIVRARIA TELOS EDITORA

PORTUGAL 73 — ANO POLÍTICO — NOTAS PARA O CIDADÃO ELEITOR
Emílio Rui Vilar, Diogo Duarte e Manuel Bidarra de Almeida
Colecção Hoje e Amanhã

PARA PRÁTICA CRISTÃ DA POLÍTICA
Documento da Assembleia Plenária do Episcopado Francês
Tradução de Vasco Egídio dos Reis
Colecção Hoje e Amanhã

LIVROS DO BRASIL

JOSÉ NO EGIPTO
Thomas Mann
Tradução de Agenor Soares de Moura
Colecção Dois Mundos — n.º 111-B
O ENIGMA DO CRIME NO JARDIM
S.S. Van Dine
Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues
Colecção Vampiro — n.º 309

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

O SANTO DA MONTANHA - 6.ª EDIÇÃO
Camilo Castelo Branco
Fixação do texto por Laura Arminda Bandeira Ferreira
Nota preliminar de Maria Aparecida Santili
Colecção Obras de Camilo Castelo Branco - n.º 60

PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE

AS GRANDES RELIGIÕES
Joseph Gaer
Tradução de Luís R. B. Amâncio
Colecção Universidade Moderna - n.º 35

AUSCHWITZ-ANATOMIA DUM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO
Léon Poliakov
Tradução de António Pescada
Colecção Os Homens e a História - n.º 6

RETRATO DE GRUPO, COM SENHORA
Heinrich Boll
Tradução de Maria Adélia Silva Melo
Colecção Prémio Nobel - n.º 1

DICIONÁRIO DE PEDAGOGIA
Mauro Laeng
Tradução de Helder Rodrigues
Colecção Informação e Cultura - n.º 3

ARGENTINA - PERONISMO SEM PERON?
Pierre Kalfon, Vidiadhar Naipaul e outros
Tradução de António Pescada, Calado Trindade e António José Massano
Colecção Novos Cadernos Dom Quixote - n.º 4

A POLÉMICA CAMILIANA - 2

Camilo Castelo Branco, visto por Abel Manta

Perante o cômputo avantajado das polémicas de Camilo, e analisados os processos, nem sempre lisos, de derimir as contendas literárias (as pugnas camilianas repartem-se por um leque muito diversificado), interroga-se o estudioso quanto ao seu valor fecundo e à exemplaridade estimulante no contexto da cultura portuguesa. Por mais chiste que possa encontrar em algumas das suas réplicas, por muito que se lhe admire a versatilidade, a exuberância da imaginação e até a jocosidade de certos despautérios, terá forçosamente de concluir pela preponderância dos aspectos negativos.

Com efeito, este homem que tão friamente — na aparência pelo menos — entrava e saia de uma polémica, denotando apesar do bizarro comportamento vivos sentimentos de acrimónia no decorrer das justas literárias, que deu provas de uma vinculação profissional sem par — considerada de determinado ângulo — ao longo da sua laborosíssima actividade de escritor, que os contemporâneos, com a inclusão dos adversários, reputaram de «primeiro romancista da Península», raramente se preocupou com a discussão serena ou apaixonada das ideias, que porventura jamais terá entendido no seu genuino significado, denunciando de imediato a extracção anti-racionalista da sua formação.

Quando, por prevalecentes interesses pessoais, se considerava arregimentado na falange dos turiferários da monarquia — ele que sempre fora refractário ao espírito de partido! —, ao ver-se perante a necessidade de travar com vigor a progressão das ideias republicanas que dia a dia mais fundo penetravam na consciência nacional, nem então encarou a luta com a exigível seriedade intelectual.

Por demais vinculado aos princípios que engendrara para regência da actividade polemística, aconselhava Tomás Ribeiro — responsável do jornal «Repúblicas», de que Camilo era associado literário — a fazer uso do ridículo como arma valorosa contra os inimigos do rei.

«Convém fazer rir o público à custa de Arriagas, de Teófilos, Magalhães Lima, Conceições, etc. Empalados os caudilhos, personalizada a República neles — sem menosprezo da questão doutrinária — a questão morre como a lendária Maria Rita.»

E requeria para si, como catecúmeno esturrado, o odioso de semelhante atitude.

«Era esta a secção que eu tomaria sob minha responsabilidade», etc. (1)

De facto, a discussão de uma ideia, de um sistema, de um princípio, podia quando muito ser a origem de uma polémica, mas nunca a sua essência. Num habilíssimo golpe de pena, o famigerado folicullário transformava a pendência numa questão pessoal, mesmo quando os insultos não vinham poluir a gravidade ou o insosso do debate. Deve dizer-se em abono da verdade — e isto em nada desculpa o «primeiro romancista da Península» —, que os adversários, enfermando de idêntico vício, não procediam de forma mais correcta: o ataque pessoal (ou o debate a nível pessoal, como se para lá do escritor tudo fosse um «mar da palha») era um princípio universal que gafava o mundo das letras portuguesas.

No entanto, há uma singularidade intrínseca a diferenciar a produção polemística camiliana daquela que nos foi legada pelos seus directos avatares: padre José Agostinho de Macedo, fr. Fortunato de São Boaventura e António Feliciano de Castilho, menosprezando os de menor estatura. Como é óbvio, não vamos referir a contribuição de Camilo no «enriquecimento» do já engorgitado vocabulário das ofensas, reconhecido como ficou que todos á uma beberam a inspiração dos desaforos de linguagem na fonte ubérrima do sarcasmo gratuito.

Todavia, enquanto o devasso padre Lagosta e o erudito, mas não menos cavernícola, monge de Alcobaça esgrimiam contra os adversários da sua ideologia, representados pelos «pedreiros livres»; e Castilho se desafrontava com energia justificada das cavilações que lhe assacavam os inimigos e denegridores do seu apostolado em prol da instrução popular e gratuita, Camilo Castelo Branco, com uma única excepção, imprimiu a todas as suas polémicas um cunho pessoalista, à maneira de quem se encontrava segregado do «colectivo», mesmo nas ocasiões em que não defendia um exclusivo ponto de vista pessoal.

Quando distinguimos a polémica camiliana pelo seu cunho extremadamente «pessoalista», não estamos a pensar na técnica particular de esgrimir ou em qualquer outro predicado inovador. A esse respeito, Camilo limitou-se a seguir a esteira dos já assinalados avatares. «Pessoalista» no sentido mais restrito do termo, quer dizer, por colocar acima de respeitáveis condicionalismos abstractos as susceptibilidades da sua própria pessoa. Para Camilo não fazia sentido o debate, sereno ou entusiástico, em que se confrontassem pontos de vista necessariamente divergentes. Sendo um conversador aliciante, como inculca a tradição, era incapaz de dialogar, salvo se o adversário, ao discordar das suas opiniões, fizesse acompanhar os comentos de provas irrefutáveis de apreço e consideração. Ignoramos outro freio que lhe inibisse a truculenta agressividade. Mas não era vulgar isso acontecer.

A tendência do seu espírito era a discussão, mas a discussão abrupta e exaltada, sem as condicionantes da reflexão e a prática salutar do juizo crítico. Confundia invariavelmente a polémica com a sarrafusca de feira ou o espectáculo de circo: logo aos primeiros embates, esquecia as razões, boas ou más que lhe assistiam, para se preocupar em exclusivo com o saldo a seu favor das cabeças rachadas. Em suma, perfilhou e perpetuou o abominável postulado de que «quanto mais torpe, melhor!»

Quando se entra num prélio literário com a preocupação exclusiva de colher a todo o custo as palmas da vitória e os aplausos da multidão, marginalizados desde logo os princípios teóricos ou os factos concretos daquilo que importava clarificar, é evidente que o interesse público da contenda soçobra irremediavelmente na ressaca dos impropérios. Nesse preciso momento, deixa de existir polémica para subsistir uma outra coisa. Em regra, as razões universais daquilo que se discutia não existiam para Camilo (ou existiam quando lhe eram favoráveis), visto encontrar-se dominado visceralmente pelos interesses individualistas.

Nesta conjuntura, era fácil acontecer — e aconteceu! — que um argumento válido e pertinente na véspera se tornasse no dia imediato caduco e obsoleto. As mirabolantes e inverosímeis transformações dependiam em exclusivo das conveniências impostas pela estratégia do ataque ou da defesa. Assim se explicam algumas das suas imprevisíveis incoerências, ao mesmo tempo que se revela a fragilidade filosófica da sua concepção da função social do escritor e das pesadas responsabilidades que lhe cabem.

Vejamos um único exemplo.

Na descalorada polémica desencadeada como consequência da publicação do **Cancioneiro Alegre**, interveio, entre muitos outros, o escritor brasileiro Carlos de Laet, que viera a terreiro impugnar as acusações chistosas formuladas contra Fagundes Varela no comentário que Camilo lhe dedicara. O antologiador faceto verberara ao poeta brasileiro o uso abusivo do **haviam** em vez de **havia**. Carlos de Laet, do outro lado do Atlântico, manifestou estranheza pela admoestação, salientando que ao crítico mordaz lhe não assistia esse direito devido ao facto singelo de em inúmeros passos da sua obra seguir precisamente o critério perfilhado pelo alvejado. Em abono da sua causa, citava textos camilianos, com a indicação dos títulos onde os mesmos se encontravam.

Qual foi a reacção do polemista português em face da justíssima e pertinente observação do colega brasileiro? Estender a mão à palmatória, humilde e contrito (dispensava-se a enxovalhante atitude de penitente), estava fora de questão, por colidir afrontosamente com o marialvismo literário de Camilo. Todavia, esta teria sido a atitude digna de um intelectual responsável, se acaso nutrisse pelo público o respeito que lhe anda indissoluvelmente adstrito, para não falar já e em primeiro lugar do respeito que deve a si próprio.

Ora bem, a reacção de Camilo confirma tudo quanto dissemos a seu respeito. Ao ver em Laet um inimigo que era preciso esmagar, esqueceu de pronto o que escrevera no comentário sobre Fagundes Varela, e investe contra o antagonista estribado em obsoletas autoridades clássicas, passando a defender com encarniçamento o uso do verbo **haver** tal como fizera Fagundes e ele próprio nas alegadas situações.

A perplexidade domina o leitor. Finalmente, quando é que Camilo tinha razão: no momento em que critica Varela pelo seu «erro», ou quando se defendia da imputação que lhe fora feita de ter incorrido várias vezes no mesmo «erro»? O episódio serve apenas para exemplificar o que é reconhecido à saciedade; os tratos de polé que sofria a «verdade» nas prodigiosas mãos do exímio polemista; como a «verdade» era um conceito fluido, que tanto podia significar uma determinada coisa como o seu contrário, de acordo com as conveniências estratégicas do terrível fundibulário.

Sobrevalorizando as suas invulgares qualidades de estilista em confronto com o comum dos escritores que se lhe opuseram; considerando-se uma entidade intocável, uma espécie de «monstro sagrado» credor de privilégios de excepção; possuidor de um amor-próprio de incrível susceptibilidade (resultante em primeira instância do auto-reconhecimento do invejável virtuosismo que esforçadamente conquistara ao longo da profissão) que interpretava a menor crítica desfavorável à sua obra como sacrílego ultraje á sua pessoa (a maioria das vezes nem sequer estavam em discussão a dignididade profissional por exemplo, a operosidade e devotamento às letras — e o prestígio de escritor, que unanimemente os adversários sem excepção lhe reconheceram), comprazia-se em fazer valer a sua indiscutível superioridade no estrito domínio da literatura para esmagar com arrogância e sem-cerimónia os incautos que se lhe opunham, mesmo nos casos em que a razão e a justiça não estavam a seu lado.

Digno representante da ideologia ultra-romântica (fazendo orgulhosa e voluntariamente parte dos escolhidos pelo talento que se arregimentavam numa selecta maçonaria a que davam o título de «Grémio das Almas Eleitas», a sua personalidade, a seus próprios olhos, tornara-se numa coisa de carácter sacrossanto, em cuja perseveração os actos mais feios ou injustos adquiriam sem sombra de ambiguidade inesperados foros de legítimos. De facto — e desculpem-nos a insistente repetição —, Camilo, quando em apuros polémicos, não respeitava nem pessoas nem conveniências. Se fosse de todo imprescindível, sacrificava com imperdoável ligeireza uma amizade ou uma convicção profundamente arreigada, o que aconteceu algumas vezes, conquanto que do extravagante comportamento lhe adviesse no momento azado a almejada vantagem.

Já na sua época, e em data posterior, a reputação polemística de Camilo alcançou os dificultosos acumes da fama. Observe-se, no entanto, que também nessa altura os contemporâneos lhe apontaram as mais relevantes fragilidades de estrutura classista. Neste particular, o crítico moderno não poderá gabar-se de fazer descobertas sensacionais.

Como quer que seja, não há confronto possível, em mérito literário e em envolvências culturais, entre a produção polemística e o fabuloso acervo da ficção romanesca. De qualquer ângulo que se observe a nevelística camiliana, sob o ponto de vista linguístico, de uma óptica socio política (repositório documental de inegável valor), ou inclusive como exemplo de labor profissional, são merecidos os louros que a posteridade lhe concedeu. Contudo, no que respeita à sua actividade polemística, a atitude e o exemplo que nos legou não são dignos de serem aplaudidos nem imitados.

Ainda hoje algumas pessoas se quedam embevecidas perante a mestria e o à-vontade de fundibulário revelados pelo génio polemístico de Camilo. O facto corresponde a uma fidelidade ao marialvismo da grei, e a literatura não podia escapar a essa pecha nacional. Devido a degenerescência conceptual, minimizam o valor socio cultural, isto, a atitude crítica saudável que necessariamente deve existir subjacente a toda a polémica, em benefício de exterioridades marginais mas salientes na produção do famoso varredor da feira literária.

A sobrevalorização do pendor «pessoalista», em nosso parecer e em relação a factores de ordem estética, política, literária ou sociológica, é responsável pela degradação da sua actividade nesse sector, transformando-a numa ininterrupta e infrutífera gesta de guerreias, onde pouco há de aproveitável e quase nada que aprender, na acepção de autêntica deontologia do homem público, seja ele escritor ou exerça outra função de idênticas responsabilidades cívicas. Reconhecendo-lhe o humor e o chiste de que se servia invariavelmente para azorragar os adversários, em acções punitivas e impiedosas, a verdade é que a cultura portuguesa nesse domínio pouco lhe ficou a dever.

A casa de S. Miguel de Seide, hoje

1) In **Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomás Ribeiro**, p. 53

ALEXANDRE CABRAL

MONÓLOGO 3

Chama-me uma voz do longínquo desta tarde que desmaia aos meus pés. Um vazio atravessa o ruído de uma vida, uma lágrima o peso amargo da distância. Que liberdade empreendeste na qual recusaste a minha participação? Que comprimento é este que não fura as entranhas da tua dor, da minha dor — profundo desamparo de um homem que se encontra só e tem medo da noite branca que se vislumbra já por detrás desta vidraça translúcida?

Sentei-me aqui. Vejo o teu rosto do outro lado do Tejo, e o vazio que me rodeia e se irmana no lusco-fusco deste dia com sabor a morte, impede-me de vencer as águas e as muralhas que se erguem na minha frente.

Cada vida é o empreendimento solitário por uma liberdade. Sei-o bem. Sinto-o até à medula, perscruto-o em mim através de ti, mas recuso empenhar-me numa solidariedade total. Tu chegaste até onde não ousaste; eu fiquei aquém por não ousar chegar até ao limite que tu recusaste. E perdi-me em mim através de ti. Tornei-me ambíguo ao recusar a liberdade que me ofereceste. Disseste-me um dia: «as pessoas têm de me aceitar tal qual sou». Eu repensei as tuas palavras, sentado no muro, voltado para o Tejo que te engoliu, que te levou num barco coberto de música, luz e dor.

Os dias passaram e ninguém conseguiu fazer-me abandonar o reflexo da tua imagem nas águas, o refluxo dos dias que me trouxeram a permanência de uma recusa sistemática. Ali fiquei. Fez-se dia, fez-se noite. Vieram os outonos e os invernos que desgastaram ainda mais o vazio — única presença de ti para mim.

E tudo à minha volta tornou-se árido. A minha existência é um deserto que nenhuma voz atravessa — nem mesmo a tua. À noite apodera-se de mim o medo, é a tua ausência que atravessa as ruas, os bares que frequento sem frequentar, o álcool que mina, que corrói, que desgasta a ténue capacidade de ir ao teu encontro. E ninguém me assiste na dor que trago às costas. Deambulo sem destino, de lágrimas a correr para dentro, de ouvidos lacrados ao viol duro da liberdade que me ofereceste e que eu recusei. Apoio-me nas palavras, mas a multidão que se ergue na minha frente não compreende o que lhes comunico, na justa medida que recuso dizer-lhes aquilo que me consome. Falo-lhes de tantas coisas, mas, por detrás do vocabulário que utilizo, esconde-se um cataclismo de emoções e sentimentos que são o afluxo angustiante que me levam a ti. E mais uma vez vejo-me cercado pelo Nada: estou no meio do Tejo dividido entre o teu destino e o meu.

«As pessoas têm de me aceitar tal qual sou». No fundo apenas querias dizer que eu tinha de te aceitar tal qual és. Sei que é isso. Compreendo perfeitamente, mas não sou capaz. A liberdade é um termo lato. Para te aceitar terei de me aceitar no seio da sociedade onde vivo, no meio dos meus contemporâneos. Por outras palavras: terei de aceitar a tua liberdade. Mas é difícil, na medida em que tenho de recusar a sociedade a que pertenço. Lutar contra ela por ti seria o caminho mais justo, mas entre ti e ela estou eu, e sou eu que não ouso lutar porque a tua ausência apagou de mim a lucidez, o ânimo, o encanto da aventura e da luta.

E assim os meus dias são dias e nada mais. Vejo-os atravessar o meu destino, e experimento uma sensação estranha, um impasse angustiante que advêm do facto de estar aqui sentado à espera que um deus qualquer me dê um safanão. Mas, no íntimo, sei que não existe nenhum deus — e eis-me entregue irredutivelmente a este vazio. Só tu me poderás salvar. Es tu enquanto Homem que merece o meu empenho, a minha obstinada e lancinante luta pela liberdade — absurdo doentio neste recanto triste aonde escolhi esperar-te.

Mas os dias consumiram-me. O álcool dos bares insólitos passou a ser um mal de somenos importância; as noites pesavam bem mais no já pesado destino a que me havia votado. E eis-me a tentar persuadir-te que a tua liberdade não tinha qualquer sentido — era o meu jogo. Desonesto jogo convenhamos, que me entregou ainda mais ao vazio, e acabou por me revelar definitivamente aos teus olhos ávidos de vida e entregues para sempre à causa que tomaste para ti como sendo a mais viável. Disse-te inúmeras coisas: que era eu que tinha iniciado a viagem com as malas carregadas, que era eu que tinha partido louco de alegria e esperança, mas tu reduziste todo este mundo a uma só pergunta: «e depois?» Argumentei dizendo-te que não estava em causa esse depois, uma vez que tinha partido e o simples gesto de quem parte engloba em si mesmo todo um mundo de aspirações, de aventura. Mas tu em palavras muito simples, continuavas «e depois?»

Fechei os olhos para te ver e ali fiquei: era, naquele momento, a ânsia e a amargura de todo um povo. Estava irremediavelmente remetido para mim mesmo. «E depois?»

Com efeito, tinha saído, mas compreendi finalmente que o fizera para regressar novamente ao ponto de partida. Afinal que me valera a mim ter partido?

Tenho no sangue a dor desta solidão sem par; nos ouvidos o ruído das águas livres; no meu ser a triste condição de um destino. Sei agora que o oprimido só poderá realizar-se como homem revoltando-se; que a minha existência tombou sobre si mesma devido à opressão no interior da minha própria vida.

HELDER DE SOUSA

A saúde
e o bem estar
começam com

O Bévita
moderno alimento suiço
dissipa a fadiga
produzindo uma incomparável
sensação de bem-estar,
dinamismo e juventude.

Bévita mantém o organismo sadio,
limpo de todas às impurezas
e venenos que minam a saúde e
roubam o bem-estar.

Normaliza as funções do estômago
e dos intestinos
Ajuda o fígado
Mantém a linha
Dá-lhe uma vida nova

1 dl de leite*
+ 1 colher
de Bévita
= 1$00

*Se o leite não lhe cai bem,
pode substitui-lo por água,
sumo de fruta ou pelo
concentrado proteico Diesine.

Económico.
Saboroso.
Eficaz!
único no Mundo.

nas boas mercearias e supermercados

diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL
Av. da República, 46 - Lisboa 1

TRÊS POEMAS

DE JOSÉ MANUEL MIRANDA JUSTO

recortei um quadro para desfazer as simetrias desvirtuantes
recortava ao mesmo tempo as simetrias desvirtuantes que o quadro
recortava ao mundo desvirtuado quase simetrizado
dessimetrizava a virtude quadrada e virtual
resimetrizando a meu modo o mundo
e falei longamente de cabelo quando o discurso eram dedos
ou gumes e recortei desfazendo as desvirtudes
ou gumes e recortei desfazendo gumes
ou gumes e gostei desfazendo-me
ou tu e certos gumes
tu mito como sempre
tu ou espelho ou gente ou eu ou lá
ou ontem que também morreu
e recortou laços cordões ou quadros

coube no espaço que ficou por conhecer
o silenciar dos motivos ou
a importância a repetir movimentos
em minutos anuais suspensos
conhecidos das cores menos agudas
o silenciar de tudo o que é branco e
longo ou
ponteado e até diário e líquido como
deus e a cópula das aves
falêmos de um mundo veloz incansável
falêmos velozmente de um mundo
falêmos velozmente
falêmos velozmente
falêmos velozmente
falêmos velozmente
de um mundo solene
universal
e incansável
e lateral como tudo o que te é verde
(uma manhã inconcebeste certas cores)

deslindo-te nos telhados vermelhos
desalindo-te ou
vermelho-te
melho-te melhor hoje
medo-te até ou
cubro-te do vermelho molhado ou
hoje molho-te do vermelho coberto
que me ensinaste
nas-te-me ou
colocaste so-j-empre
coloc-ado preso ou
localizado
i-local durante eu
durante meu
durante a mim
durante comigo
comigo durante assim durante ou
meu durante eu durante ou eu

UM ESTILO NOVO
TAPETES PERSAS*
A PREÇOS REVOLUCIONÁRIOS
*COM CERTIFICADOS DE ORIGEM
A PERSIA ANTIGA
R. da Imprensa Nacional
116 B (à Esc. Politécnica)
Lisboa 2 – Telef. 674493

FRONTEIRAS

ASSIS ESPERANÇA

Que me desculpem os leitores algumas considerações pessoais, de que aliás não irei abusar, quanto à maneira como conheci Assis Esperança. Quando também eu comecei a escrever e publiquei o primeiro livro, fui levado por Alexandre Cabral à Veneza, e por ele apresentado a Assis Esperança e Ferreira de Castro. Por seu intermédio fui admitido na Sociedade Portuguesa de Escritores. Mais tarde, fiquei devendo ainda a Assis Esperança, como a muitos outros escritores portugueses, uma prova de camaradagem, de um tipo que as circunstâncias vividas nunca permitirão esquecer. E assim chego ao ponto que vem justificar estas linhas introdutórias. Com a publicação do seu **Pão Incerto** pediu-me Assis Esperança, ao oferecer-me um exemplar do romance, que lhe desse a minha opinião.

Nunca cheguei a fazê-lo. Talvez por me sentir pouco à-vontade em relação a um homem que muito respeitava e como escritor admirava. Não o fiz. Porém, hoje, nesta opinião crítica que, pelos motivos a que me referi nunca poderá ser de análise absolutamente fria __ o que não creio possível a quem quer que pretenda fazer crítica __ tentarei ir ao encontro do pedido que me fez, quando da publicação de **Pão Incerto**. Porque o que então diria a Assis Esperança mantém-se, por igualmente se manter uma característica que é comum a toda a sua obra e na qual iria apoiar-se a minha opinião.

Escreve Assis Esperança no prefácio a este seu romance **Fronteiras:** «circunstâncias de mais de uma ordem levaram o autor a reescrever este romance.» Trata-se, podemos dizê-lo, de uma nova obra, onde a emigração é o tema central. E igualmente devemos dizer quanto este prefácio é lúcido no tratar o problema da emigração portuguesa, e bem distante das habituais razões com que um escritor argumenta em defesa da sua necessidade de «reescrever um romance». Este prefácio justifica-o plenamente e, se o quisesse classificar com mais precisão, chamar-lhe-ia um estudo sobre a emigração, um estudo admiravelmente sintetizado, encerrando o essencial do problema e apoiado mesmo em eloquentes números de estatísticas.

O romance tem uma figura principal, Maria da Soledade, na sua incessante procura de uma felicidade que não encontra no seu país, que vai procurar em França, na Alemanha, através de muitos trabalhos diferentes, como operária em cadeias de montagem, como serviçal de famílias endinheiradas, mas onde só encontra a «soledade» que lhe completa o nome de Maria.

E vamos acompanhando esta Maria da Soledade, e não só a ela, mas ainda os emigrantes que vão «a salto», os indocumentados, os passadores que, de etapa em etapa, lhes vão organizando a aventura para onde o desespero os lançou e muitas vezes não conseguem levar a termo.

Se chegam, vão encontrar os «bidonvilles», a construção civil, a cultura da beterraba, as minas, quanto o francês e o alemão não querem para si. Elas, o trabalho fabril, as tarefas caseiras de «bonnes», os anúncios do **Figaro**, quando o trabalho lhes foge e novamente o querem encontrar e, se são jovens, os clubes nocturnos, o sistema das **call-girls**, os passeios na noite pelo **Bois-de-Bologne**, para **Belle-Allée**, onde sempre um automóvel se detém e uma porta se abre em convite.

Acompanhamos Maria da Soledade e, pelos seus olhos, vemos tudo isto. E é extraordinária a riqueza de pormenores, de factos, que Assis Esperança nos dá a conhecer. Tão grande é a abundância de dados que, não fossem os seus muitos anos de vida literária, o seu domínio na construção de um romance, este se ressentiria, fazendo-nos esquecer Maria da Soledade.

E na verdade, muitas vezes ela recua para um mais modesto plano, surgindo então, plenamente iluminada por todos os projectores colocados à boca de cena, a figura principal: a Emigração.

Então, também o romance **Fronteiras** se transforma. É estudo, é obra de sociologia. E tão clara se torna que o próprio diálogo é muitas vezes sacrificado, quando, em Assis Esperança, o sociólogo substitui o romancista, pois, nesses momentos, não é Maria da Soledade quem fala, mas Assis Esperança, que da voz dela se serve para prosseguir no seu bem elaborado estudo sobre a emigração. Aliás, Maria da Soledade, mulher beirando já os cinquenta, com o curso dos liceus, é uma emigrante diferente, com o grau de consciência indispensável para, como figura, servir de intérprete ao pensamento de Assis Esperança.

Menos romance? Mais obra de sociologia? Porém onde estão as fronteiras entre o que só como literatura se deva considerar e o que entra já pelos caminhos do historiador, do sociólogo ou do filósofo? Quantas e quantas vezes não contribuíu o escritor para o pensamento científico ou filosófico do seu tempo?

No estudo deste tempo que vivemos, grande, muito grande, tem sido a contribuição de Assis Esperança.

FRANCO DE SOUSA

OPINIÕES CRÍTICAS

O CORPO E A VOZ

ORLANDO NEVES

«O Corpo e a Voz», livro de poemas de Orlando Neves, agora publicado, divide-se em duas partes (Gramática Física e Canções de Amor e Terra), a primeira das quais, por sua vez, subdividida em Morte, Lar e Amor, três grandes temas que dominam todo o trabalho poético do autor. E se, na primeira parte do volume, Orlando Neves utiliza uma linguagem caracterizada sobretudo pela secura, pela crueza, uma linguagem que, em princípio rejeita a adjectivação («Digo o que digo só com substantivos que firam» __ confessa) e em que as palavras trazem o «umbigo de uma serpente» que lhes «enrosca o significado, já em «Canções de Amor e Terra» é o poeta lírico que escreve: «É nos teus seios que há barcos e pontes e povos de cores imensas e bocas famintas». E ainda: «Tu que sabes o mistério do interior do caule das plantas».

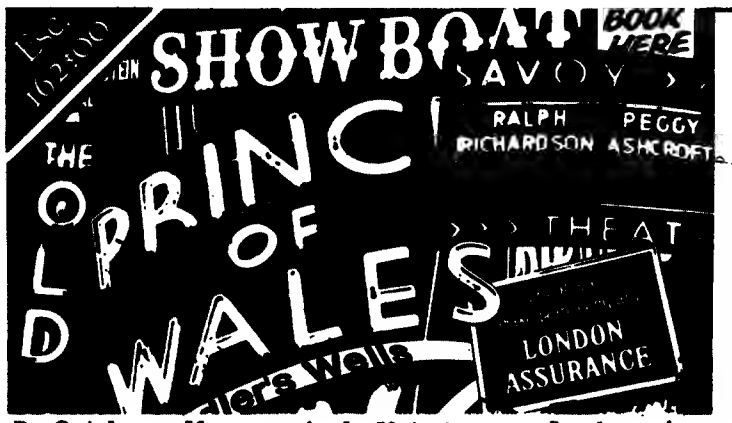
Qual o verdadeiro Orlando Neves? O poeta que, como diz Armando Ventura Ferreira, se exprime rude e friamente no seu **parti-pris** feroz em relação ao mundo do qual se obstina em não esperar nada que não seja rudeza e crueldade, ou o que escreve: «Tens um rolo de palavras devorando/ os teus seios de senhora mãe menina/ um rolo de dúvidas moribundo/ a cada gesto de te furtares/ à verdade de um gato amando/ de uma criança fugindo pelos vidros»?

. O que diz «nosso talento é o medo» e «já é tempo de sangrar a verdade», descrevendo friamente o amor como uma experiência física, em que cada parte do corpo exerce uma função limitada em si mesma, ou o poeta lírico, autor desse longo texto extremamente belo que começa «Por quem te reparto no meu jantar diário/ à mesa triste do silêncio televisivo?/ Onde adormeço os teus olhos longínquos/ noutra rua morrendo da minha loucura?/ O que levo na cabeça molhada da chuva/ quando me deixas o sorriso na mão?»...

Claro que «O Corpo e a Voz» é um livro irregular, havendo grandes variações de qualidade de uns poemas para outros. Mas parece-me, já, o princípio de uma obra amadurecida para o autor do ainda recente «Respondo por mim» (1971).

TORQUATO DA LUZ

Ande pela torre de Londres guiado por um Yeoman Warder e fique a conhecer o mais velho palácio da Europa.



De Outubro a Março, mais de 50 teatros em Londres oferecem espectáculos para todos os gostos.

Um típico pequeno-almoço inglês, já incluído no preço do hotel.

Uma grande surpresa aos visitantes são os preços de camisolas para homem em pura lã.

Londres - um paraíso para compras e divertimentos poupando 10% do seu dinheiro *

Consulte a sua agência sobre os voos especiais:

Preços desde 3280$00

(incluindo avião a jacto, hotel, transfers, visita e acompanhamento do nosso representante)

Viagens apolo

Tudo isto vai acontecer:

O seu dia começa com um típico pequeno-almoço inglês, já incluído no preço do hotel.

Agora, Carnaby Street e King's Road são todas suas. Com as suas lojas e armazéns onde encontrará as célebres lãs inglesas. E outros centros comerciais cheios de tudo o que o seu gosto pode exigir. Com os seus preços convidativos. E as suas surpresas.

A noite é já por si um espectáculo. Vestido à moda vá conhecer os locais que foram dos Beatles e onde nasceu a música que hoje se toca em todo o mundo. Se desejar, Sir Laurence Olivier espera por si com um «Shakespeare» mais adiante.

Foot-ball? Talvez o Arsenal jogue em Wembley no proximo sábado ...

Aperfeiçoar o seu inglês é mais um motivo. Em Londres é fácil.

Contacte o seu agente de Viagens para saber das Viagens Apolo para Londres. Em colaboração com o Turismo Britânico.

Boa Viagem!

* A recente desvalorização da libra esterlina significa que o seu Escudo vale 10 por cento mais do que antes. Aproveite esta oportunidade.

GRÃ BRETANHA a história viva.

Receba Grátis

Um magnífico folheto colorido sobre a «Grã-Bretanha de Outubro a Março» e um programa completo dos "Tours" organizados por Viagens Apolo.

Para informações detalhadas envie este coupon a:

Viagens Apolo
Caixa Postal n.º 2300
Lisboa

Nome _____

Morada _____

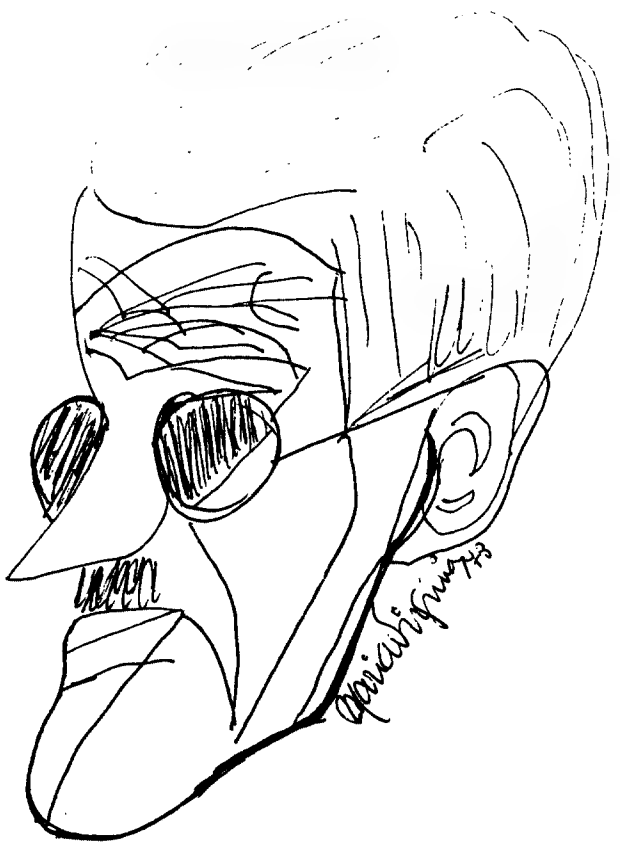
Localidade _____

DL

JOHN M. WOOLSEY, UM CERTO E BOM LEITOR DE "ULISSES"

Em 1972 perfizeram-se cinquenta anos sobre a publicação, em Paris de «Ulisses» de James Joyce. Meio século pouco significa em face de uma obra tão rica, vasta, complexa, vária, por tudo isto e ainda pelo seu papel predominante no género literário Romance ainda hoje pouco lida, embora abundantemente citada. Este livro que «se honra de ter sido, ao mesmo tempo, perseguido pelas ligas americanas, levado ao index pelos soviéticos e queimado pelos hitlerianos» (1), a quem moveram a guerra fácil da gargalhada alvar, a quem soltaram todos os mastins da má-fé, da incompreensão, da ignorância atrevida, incapaz de destrinçar um trava-línguas de um quiasmo, um anagrama dum palíndromo, um trocadilho de uma paráfrase ou distinguir «a Vénus de Milo de uma velvitchia mirabilis» (2), e teve, apesar de tudo, a particularmente do facto da interdição que sobre ele pesou nos Estados Unidos, um bom e inteligente leitor neste país. Este homem de que não falam as listas de obras sobre Joyce chamava-se John M. Woolsey e era Juiz de Direito. Em 6 de Dezembro de 1933, proferiu uma sentença que, nos seus fundamentos, demonstra uma lucidez e um esclarecimento dignos de servirem de padrão a muitos escribas de corrida veloz e juízos breves.

Começando por comentar o facto de o julgamento ser feito sem jurados, o que seria «um método absolutamente errado para não dizer impossível de levar a cabo dada a extensão do livro e a dificuldade que oferece a sua leitura», o que desde logo revela ter entendido a obra num plano pouco acessível a um certo género de leitores, John M. Woolsey declara: «Li «Ulisses» uma vez integralmente e li várias vezes as passagens de que o Governo se queixa de forma particular» (3). Dessa leitura a que dedicou várias semanas depreendeu que «Ulisses não é um livro fácil de ler ou compreender», mas percebeu também, o que demonstra a sua particular cultura e o cuidado dedicado ao seu trabalho, que «para o considerar devidamente, necessário seria ler um certo número de obras que haviam analisado o romance em questão.» Disse-o, observando pertinentemente: « o estudo de «Ulisses» é, consequentemente, uma pesada tarefa». A ela se entregou aplicadamente, como lhe exigia a sua função, pretendendo detectar com a máxima objectividade o intuito do romance, pois «em todos os casos em que um livro é rotulado de obsceno, deve-se primeiramente determinar se a intenção do autor ao escrevê-lo foi o que comummente se chama **pornográfica**: quer dizer, escrever com o propósito de explorar a obscenidade. Se se chegar à conclusão de que o livro é **pornográfico** terá determinado o julgamento e o confisco deverá efectuar-se. Mas em «Ulisses», apesar da sua inusitada franqueza, não encontro em qualquer



James Joyce, visto por Maria Virgínia

lugar o propósito equívoco de sensualista.»

Repare-se bem: «inusitada franqueza». Maneira diferente de encarar a verdade. Modo chocante, porque diverso, de tomar a realidade, de a tratar literàriamente. John M. Woolsey apercebia-se claramente da força violenta e original de «Ulisses» a qual também vivamente impressionara Virginia Woolf levando-a, onze anos antes, a escrever no seu diário, a respeito do mesmo romance : «Quando se pode ter carne cozida porque se há-de de comê-la crua?» e a fizera insurgir-se na mesma data contra «um livro iletrado, sub-alimentado, um livro dum operário autodidacta», embora acrescentasse: «Talvez mude de opinião mais tarde. Não comprometo a minha sagacidade crítica. «Parece, todavia não ter mudado, pois, em 1941, considerava que «as páginas de «Ulisses» fervilhavam de obscenidades», se bem que, sete anos antes, John M. Woolsey tivesse sentenciado: «Sustenho por conseguinte que (**Ulisses**) não é pornográfico»

Mas o juiz-leitor (e que é todo o leitor senão um juíz?) foi mais longe, tecendo asserções valorativas: «Ao escrever **Ulisses**, Joyce quiz fazer uma experiência séria numa forma literária nova senão inteiramente inédita». E ainda: «tentou — com êxito assombroso, segundo creio — mostrar como a tela da consciência com as suas impressões caleidoscópicas sempre fugazes contem, como se fosse um palimpsesto plástico, não sòmente o que resta das coisas que sucedem em seu redor no foco da observação duma pessoa, mas também os resíduos de impressões passadas que ficam numa sobre de penumbra e surgem por associação de ideias das profundidades do subconsciente. Mostra como cada uma dessas impressões influi na vida e na conduta dos personagens que descreve. O que pretende conseguir não difere do resultado duma dupla-exposição sobre uma película cinematográfica, ou, se é possível, duma exposição múltipla que desse um primeiro plano claro sobre um fundo visível mas algo confuso e desfocado em graus constantemente variáveis.»

Woolsey chega mesmo a considerar o romance sob o aspecto estrutural: »se Joyce não tentasse ser honesto desenvolvendo a técnica que adoptou em **Ulisses**, o resultado seria psicològicamente falso e infiel, portanto, a técnica escolhida. Tal atitude seria artísticamente imperdoável» e dá plena razão ao escritor, confirnando-o como um inovador literário e admirando a sua coragem: E porque Joyce se manteve fiel à sua técnica e não tentou evadir-se das suas necessárias implicações, mas antes tratou honestamente de contar completamente o que os seus personagens pensam, foi objecto de tantos ataques a sua finalidade foi tão amiúde mal entendida e mal interpretada. Pois o seu propósito de realizar sincera e lealmente o objectivo proposto obrigou-o a usar certas palavras geralmente consideradas sujas, levando-o por vezes ao que muitos consideraram uma preocupação acentuadamente sexual nos pensamentos dos seus personagens».

Acerca dessas palavras que feriam os sensíveis ouvidos de uma arreigada hipocrisia armada em intransigente defensora de uma certa moral, observa, friamente, lo juiz:«as palavras reputadas sujas são velhos termos saxónicos, conhecidos por quase todos os homens e, arrisco-me a dizer, por muitas mulheres e são os termos que empregaria natural e habitualmente, creio eu, a classe da gente cuja vida física e mental Joyce pretende descrever».

E, situando no meio ambiente em que a acção tem lugar a obstinação sexual dos personagens, Woolsey elogia a qualidade da obra neste parágrafo exemplar:

«Que se goste ou não de uma técnica como a utilizada por Joyce é questão de gosto sobre a qual toda a discussão é inútil. Mas pretender remeter essa técnica aos pontos de vista de outras técnicas parece-me ponto mais que absurdo.»

Considerando ainda o romance como «um assombroso **tour de force**, brilhante e aborrecido, inteligivel e obscuro alternativamente», volta a insistir no aspecto subjectivo de se gostar ou não da gente tratada por Joyce, fazendo, hàbilmente, uma pergunta chave que é, ao mesmo tempo, um testemunho público da consideração em que tinha o autor da obra **sub judice**: «se um verdaeeiro artista da palavra, como Joyce o é indubitavelmente, tenta traçar uma imagem real da mais baixa classe média duma cidade europeia, deve ser legalmente impossível para o público norte-americano ver essa imagem»» À pergunta formulada responde, determinando o que entende a lei por «obsceno». Esclarece ter dado o livro a ler a dois amigos que haviam funcionado como assessores literários visitados separadamente sem que algums deles soubesse que o outro fora consultado. Ambos eram tidos por Woolsey como altamente conhecedores da vida e da literatura e estavam de acordo com a sua opinião de que «**Ulisses** lido integralmente, como um livro deve ser lido num caso destes, não tendia a excitar impulsos sexuais ou pensamentos sensuais, mas que o seu efeito sobre eles era apenas o de um comentário algo trágico e muito poderoso sobre a vida íntima de homens e mulheres».

Daí que John M. Woolsey levantasse a interdição do livro nos Estados Unidos, rematando desta forma um tanto irónica a sua inteligente e bem fundamentada sentença:

«Dou-me perfeita conta de que, devido a algumas das suas cenas, **Ulisses** é um trago bastante forte para ser saboreado por algumas pessoas sensíveis, ainda que normais; mas a minha opinião, amadurecida após larga reflexão, é que se em muitas passagens o efeito que **Ulisses** produz no leitor é indubitàvelmente algo emético, em parte alguma tende a ser um afrodisíaco.

Portanto, **Ulisses** pode ser admitido nos Estados Unidos.

ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO

1) Jean Paris, «James Joyce par lui-meme»

2) Jorge de Sena — Paz», in «Fidelidade»

3) O romance era acusado de ser obsceno dentro do significado da secção 305 da Lei de Imposto de 1930, título 19 do Código dos Estados Unidos e, portanto, não se permitia a sua entrada naquele país, estando sujeito a embargo, multa, confisco e destruição.

. .Com gralhas, omissões e tudo, dou por já dito o que tinha a dizer por agora sobre a vida editorial soviética. Apenas me permitirei a explicação de dois erros meus e ainda uma homenagem mais geral à verdade.

Um desses erros escapou a José Augusto Seabra: a União Soviética vai na dianteira mundial da produção em números absolutos de livros e na da capitação de volumes em bibliotecas públicas, mas não (como precipitadamente escrevi) na edição de livros por cabeça; tem ainda de resolver o problema de produzir o papel necessário, como aliás muitos outros problemas sérios (o dos apartamentos familiares totalmente independentes, o da cobertura pré-escolar de todo o seu território, o de um mais satisfatório nivel de pensões de reforma, actualmente aos 55 ou 60 anos, etc, etc, etc.). O outro erro consistiu em, a partir do próprio texto pouco claro da carta de J. A. Seabra, e sem prova independente, ter inferido que a **Pravda** publicara a carta onde A. Voznessénsqui ataca a União dos Escritores Soviéticos. Compreende-se a plausibilidade dessa inferência, pois a notícia de muitos males, deficiências ou carências da União Soviética chega até nós graças a uma instituição tão importante na Imprensa soviética como, por exemplo, no **Times** ou na **Die Zeit**, que é a secção de correspondência e crítica dos leitores. Há uma antologia de poemas de André Voznessénsqui traduzidos em português por Armando da Silva Carvalho, sob o título de **Antimundos**, 1970. Vale a pena lê-los e saber que os volumes desse poeta estão editados a centos de milhares de exemplares (um deles, a meio milhão), e que, como outros poetas, ele deu recitais, não apenas naqueles numerosos **círculos de literatura** a que me referi, mas num estádio, para 14 mil pessoas.

Estes números não me acordam qualquer complexo de in-

CRÍTICA, MAT

«Em luta contra essas condições sociais, a crítica não é uma paixão do cérebro mas o cérebro da paixão. Não é um escalpelo, é uma arma. O seu objectivo é o inimigo, que ela não pretende refutar mas destruir. A crítica (...) não se apresenta como um fim em si, mas como um meio. A sua paixão essencial é a indignação, a sua tarefa essencial a denúncia.

A crítica que se ocupa desse objecto é uma crítica empenhada num combate corpo a corpo e, nessa luta, não se trata de saber se o adversário é um adversário nobre, um adversário da nossa estirpe, um adversário interessante. Trata-se de feri-lo. (...) Trata-se de não deixar aos alemães um só momento de ilusão, um só momento de resignação (...). É preciso ensinar o povo a ter medo de si próprio para lhe dar coragem.»

(«Crítica da Filosofia do Direito de Hegel»)

«Prazer do texto. **Clássicos. Cultura (quanto mais cultura houver, maior, mais diverso, será o prazer. Inteligência. Ironia. Delicadeza. Euforia. Domínio. Segurança: arte de viver. O prazer do texto pode definir-se por uma prática (sem qualquer risco de repressão): lugar e tempo de leitura: casa, província, refeição próxima, lâmpada, família no sítio em que deve estar, isto é, ao longe e não longe (Proust no gabinete perfumado de íris), etc. Extraordinário reforço do eu (pelo fantasma); inconsciente acolchoado. Este prazer pode ser** dito: **daí a crítica.»**

(«Le plaisir du texte», Roland Barthes, pg. 82)

Duas concepções da crítica que provêm de dois modos opostos de se situar na cena social. Com Eduardo Prado Coelho o diálogo parece-nos, neste momento, inútil. Não são simples textos que o podem afastar dos caminhos que trilha: não são estes provenientes de erros ao nível de uma deficiente avaliação crítica mas sim o reflexo de uma posição concreta por ele assumida ao nível político, hoje, aqui, em Portugal. Mas não queremos deixar de, sucintamente, tomar posição e sugerir algumas pistas para o esclarecimento de alguns dos problemas focados nesta curta polémica. Seria «delinquente» deixar no ar as confusões e miscelâneas metafísicas que nela surgiram e que EPC ostensiva e gostosamente disseminou.

EPC assumiu o papel de «MESTRE». Qualidades patenteadas: um certo enciclopedismo, uma precipitada divulgação/afirmação das últimas **novidades** dadas à luz no campo cultural, das últimas aquisições da cultura, digerindo-as mecânicamente, gulosamente, sem as interrogar, incapaz de assimilar criticamente a cultura burguesa, e dela se afastar; ecletismo tranquilizador e irrequieto, pulando displicentemente de construtores maiores do materialismo para pontífices da Metafísica, saltitando alegremente entre universitários burgueses que se têm pretendido aproximar do materialismo dialéctico, revê-lo e/ou (re)começá-lo, produzindo normalmente, com novas ou velhas roupagens, falsificações e contrafacções idealistas ou engendrando outras ainda mais aberrantes; teóricos de «vanguarda»: «esse fluxo repentino de 'forças produtivas' intelectuais, linguística, psicanálise, semiótica... que despeja sobre a prática literária e artística um fluxo de saber novo e vai até transformar não só a coisa mas o próprio conceito de arte e literatura, tantos outros novos ramos especializados da Universidade fatigada: formar cada

DUAS OU TRÊS HOMENAGENS À VERDADE

ferioridade demográfica de português. Aqui no Porto onde vivo, já alugámos um cinema (e não bastou) para um colóquio com Ferreira de Castro; vimos o Ateneu superlotado até à porta a ouvir Aquilino; e por inícios do decénio de 60, a Casa dos Jornalistas e Homens de Letras revelou-se acanhadíssima para o público que quis dialogar com Jaime Cortesão, Rodrigues Miguéis, Bernardo Santareno, entre outros. Se a Associação Portuguesa de Escritores cujos estatutos acabam de ser homologados vier a parecer-se tanto quanto possível com um sindicato de todos os escritores portugueses sem exclusão (e ninguém mais do que eu se tem empenhado nisso), e se, como nesses estatutos se prevê, ela fruir de uma pequena percentagem legal sobre o preço da capa (eu não me atreveria a propor os 7 por cento da lei soviética), será possível fazer aqui e agora, e à nossa escala, o mesmo que lá se faz. Aceito, por mim, todos os riscos inerentes por que a longo prazo (e reconheço o dramatismo desta reserva) acredito no diálogo institucionalizado do escritor profissional com o público. O que me aflige é a sobrevivência da literatura portuguesa nas actuais condições do mercado cultural em que, com vontade ou sem ela, nos estamos a integrar de um modo irreversível. E esta era, evidentemente, a moral de fundo dos meus artigos sobre a vida editorial soviética, até porque sou, e tanto quanto possível, cidadão português, e não soviético. Passou a hora da sinecura eclesiástica, passou a hora do mecenato cortês, e a da Imprensa liberal pequeno-burguesa, a nossa organização editorial é cada vez mais monolítica e dependente da estrangeira. Que é que os escritores portugueses vão fazer? Não sei, até porque nada se faz sózinho, e isto toca-nos a todos. Mas acho que vale a pena examinar um modelo de relações editoriais entre nós mal conhecido, de que (releiam-se os meus artigos, por favor) não escondi nenhum dos riscos e sobre cuja eficiência em termos de promoção da cultura popular estou disposto a fazer uma aposta.

E agora outra coisa importante. Foi de facto em 1964 que votei pela atribuição a Soljenítsine do **Prix International de Littérature**; mas foi em Fevereiro de 1973 que, para melhor leitura dos meus artigos, vim publicamente lembrar esse facto a J. A. Seabra. O que isto quer dizer parece-me óbvio. No entanto vou até onde quero, e não até onde me mandem. Adiro a um certo materialismo que tenho o cuidado de definir, mas, quando ouço insistir suspeitamente em toda a violência cruzadista e inquisitorial do cristianismo, habilito-me imediatamente à herança da concepção segundo a qual o caminho do amor a Deus passa necessariamente pelo amor dos homens. Sei o que vale certo anticristianismo. Não me considero, em rigor, liberal, mas reivindico a herança de todas as declarações dos direitos humanos quando vejo dar ênfase às conotações guilhotinescas dessas declarações. Sei até onde isso pode ir. Reconheço que a brutalidade e o dolo estão na origem política de todas as pátrias nacionais, mesmo a dessa democrática e doce França, podência neocolonialista donde Aragon pode, sem equívocos, criticar uma União Soviética onde, apesar de tudo os Gabões e os Madagáscares deixaram há cinquenta anos de ser Gabões e Madagáscares; mas o respeito de todas as pátrias nacionais faz parte do meu quadro de valores, mesmo quando elas estão ainda em fase de formação cruenta. Porque sei até onde quer ir o Mercado Comum Europeu, ou euro-africano. Finalmente, e é o que vem ao caso, não ignoro as barbaridades que se têm praticado em nome do princípio de «a cada qual segundo o seu trabalho», mas é dentro, e não fora, desse princípio que encaro tudo aquilo que, simultânea e contraditóriamente, o vai realizando e sujando. Ao contrário do que José Augusto Seabra teima em dizer parágrafo a parágrafo, nos meus artigos não se fecham os olhos às piores possibilidades de uma prática real, colectiva e organizada, historicamente responsável. Explicar-me-ei a este e a outros respeitos quando entenda possível, e não quando me mandem.

Posto isto, não tenho outro remédio senão confiar aos leitores mais pacientes o trabalho beneditino de desenredar, de tudo aquilo que eu efectivamente disse nos meus artigos, aquilo que José Augusto Seabra me atribui, aquilo que aproveitou o ensejo para dizer por conta, e ainda certas exigências de explicação que farão sorrir o mais ingénuo dos leitores. Pelo que respeita à veracidade factual ou interpretativa dos meus artigos já publicados sobre a U. R. S. S. (pois há outros), julgo também inútil continuar o dize-tu-direi-eu entre um testemunho reconhecidamente indocumentado de 1964 e outro de 1972 a que se exigem tantas mais precisões quanto é certo ser muito mais preciso e pensado. Contam-se já por muitas dezenas as viagens anuais de portugueses à União Soviética. O número, a intensidade e a variedade desses contactos irá, ao que espero, em crescendo, e o principal empenho dos meus textos era, precisamente, o de contribuir para uma abertura necessária. Será cada vez mais fácil confirmar, ou infirmar, tudo o que estritamente testemunhei, bem como o que me arrisquei a prever como evolução mais provável e em processo, mesmo no terreno especial da vida literária, acerca da qual J. A. Seabra se empenha em reproduzir as mais sombrias e conhecidas imagens. Isto é para mim muito mais importante do que darem-me agora razão. Até porque não gosto do verbo «ter» em frases como «ter razão», e sobretudo como «ter razão contra». Repare-se até onde pode levar qualquer atitude obsessivamente **anti**, neste caso o anti-sovietismo (mas podia ser certo antiamericanismo): eu terei de responder, não apenas pela impublicação, asilamento ou prisão de autores soviéticos. A vida é muito larga: há espaço para convicções diversas, para momentos de poesia ou graça, ou simples surpresa de existir, e para a amizade, por exemplo. E a coerência não é um dado: é uma conquista difícil. O José Augusto Seabra tem talvez o direito de jogar uma amizade numa cartada polémica a que deu grande importância. O meu estilo é, como se vê, diferente. Só lhe peço que evite intrigar uma outra amizade que, até hoje, foi a primeira pessoa a pôr em causa, como se o desgostasse a sua subsistência através de grandes diferenças de opinião.

ÓSCAR LOPES

ERIALISMO (NOTAS FINAIS DE UMA POLÉMICA)

vez mais especialistas, dividir cada vez mais a produção do saber, reproduzir a divisão burguesa do trabalho.»

EPC «historia» pacientemente (paternalmente) os problemas e aponta a ignorância dos outros ou as leituras apressadas e em segunda mão (como infantilmente insiste), inferência arriscada mas que, do ponto de vista espectacular, surte um belo efeito: um «mestre» é um **clown** involuntário, o centro de um espectáculo que oscila entre a conferência e a farsa. Ao ler os textos que o põem em causa, omite ostensivamente as questões que, pela sua agudeza, poderiam fazer oscilar o papel por si assumido (representado) na cena social ou o edifício cultural que contribui para sustentar.

EPC mistura afirmações de Derrida, Barthes, Mao-Tse-Tung, Balibar (lê Estaline através de Balibar! — e subscreve as generalizações abusivas e metafísicas deste, aliás já sobejamente criticadas e que não enganam ninguém, a não ser E.P.O.) Althusser e o colectivo Change, socorre-se de Descartes, Husserl, Heidegger, Lacan e Alan Miller na sua tentativa de deslocar a problemática da verdade para o campo de discussão académica, escolástica, completamente desligada das conquistas feitas no campo da prática social. Justifica-se, apontando-as como «direcções tomadas na discussão sobre a verdade, discussão em que se inscreveria a história da noção de verdade no campo da filosofia». Desliza assim para o ecletismo onde, em vez de pensar o que fundamenta as divergências no campo da filosofia, propõe uma «colagem» das diferentes linhas que encontrarão certamente a sua validade na «inteligência» e «elaboração profunda» que revelam.

Outra habilidade de EPC: apontar como critérios maiores de julgamento e análise a inteligência e a sensibilidade. Procura marcar pontos iludindo as questões fundamentais. De facto, qual é o leitor desprevenido que não prefere uma pessoa inteligente a uma estúpida? Quem recusa a sensibilidade, em nome da bruta opacidade, quem recusa o prazer? Na realidade, a inteligência, e a sensibilidade não definem coisa nenhuma: diz-se que o Führer era inteligente e sensível...

Que o leitor reflicta sobre o oportunismo espectacular destes critérios, perfeitamente não pertinentes e que por isso não interessa aqui discutir. Na realidade, é perfeitamente absurdo atribui-se uma função de demarcação entre materialismo e idealismo como, a par de um milagroso e indefinido **uso produtivo**, o quer fazer E.P.C.? ( )

Mostra-se incapaz de pôr as questões justas. Porque falar em prática transformadora e em uso produtivo não falando em que sentido é que essa prática transforma, ao serviço de quem põe essa trasformação, não estabelecendo para quem é que esse uso será produtivo, é colaborar no obscurantismo «atractivo» da ideologia dominante. É nada dizer: é acomodar-se, consentido, aceitando.

Diz EPC que «até agora os críticos não fizeram senão interpretar as obras de diversas maneiras, mas o que é preciso é transformá-las». Parafrase perigosa, que uma vez mais aponta uma posição burguesa, desvirtuadora do seu ponto de partida.

A acção dos críticos e dos textos que sobre as obras se constroem, fecha-se assim no campo exclusivamente composto pelas obras, processo de isolamento das práticas artísticas das outras práticas que estruturam o todo social: uma vez mais a autonomização das práticas como negação da articulação dialéctica que as une. Ora aquilo para que os críticos, tal como os filósofos, têm a contribuir é para a transformação do mundo, de um determinado ponto de vista (o da maioria) e num determinado sentido. É claro que apenas assumem esse compromisso aqueles que estiverem interessados. Outros haverá que apelarão para outros intuitos no interesse de minorias (de dominação intelectual, económica ou outras).

As propostas críticas de EPC são exemplo disso mesmo. Tal como na tese sobre Feuerbach não foi afirmado que os filósofos deveriam transformar as obras da filosofia anterior, aos críticos não devemos atribuir apenas a função de transformar as obras. Até porque postular isso seria ocioso: sempre os filósofos ao interpretar o mundo foram transformando a filosofia, sempre os críticos foram influenciando e tranformando as práticas artísticas.

Esta mistificação grosseira da XI tese sobre Feuerbach é, de facto, só possível naqueles que utilizam o materialismo para melhor o combater. Longe de nós implicar nesta afirmação qualquer maquiavélica manobra, qualquer premeditação consciente. Simplesmente «não se julga um indivíduo pela ideia que ele tem de si próprio», «nem é a consciência dos homens que determina o seu ser».

Por ser na autonomização das práticas e na recusa do conceito de verdade que sobretudo se centrou a intervenção de EPC, sobre isso nos deteremos um pouco.

AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS: QUE AUTONOMIA?

Contra as ideologias burguesas da «arte», «criação», «inspiração», contra as ideologias positivistas-tecnocráticas das «práticas significantes» e da «ciência do texto», contra a «autonomia dos processos estéticos», o nosso trabalho tenta trazer a primeiro plano um problema fundamental: como reflexos duma formação social historicamente determinada, as práticas artísticas podem fazer-se objecto duma análise que pensa a sua especificidade na sua integração numa conjuntura, para o que dispomos hoje duma base teórica exacta: a ciência das formações sociais e da sua história.

Ela permite-nos, por exemplo, a introdução duma tipologia de práticas (combinadas numa tipologia de instâncias), distintas entre si, mas articuladas, hierarquizadas no interior da prática social total: prática de produção ou económica, prática política, ideológica, teórica, etc.

Os efeitos desta distinção podem ser pensados do seguinte modo: cada prática apresenta-se como irredutível a qualquer outra, na justa medida em que, fazendo valer os traços próprios da sua especificidade, possuem leis características, existindo em instâncias específicas. Cada prática é assim pensada nos seus efeitos próprios, que as diferenciam, segundo um quadro de níveis relativamente autonomizados: as práticas artísticas, por exemplo, e a sua **autonomia relativa** por relação às outras práticas da formação social (mormente, por recepção às práticas ideológica e política).

Esta noção de autonomia relativa de práticas específicas não deixa, evidentemente, de pôr os seus próprios problemas: o conceito de **relativo** surge, de facto, uma dependência e interacção de práticas (relativamente) autónomas (por oposição ao conceito rígido de **absoluto**), mas não faz mais do que pluralizá-las, sem nunca dispor do conceito fundamental da sua **articulação-hierarquizada**.

De outro modo: a distinção tipológica de práticas, sob o fundo dum quadro de níveis estáticos, rígidos, anti-dialécticos, se pretende dar conta da particularidade relativa de cada prática, recusa-se a fornecer dados concretos para pensar a articulação dinâmica e dependência reciproca de práticas especificas, incapaz ainda de fornecer a possibilidade de histórias diferenciadas, mas articuladas-hierarquizadas: a hierarquização das práticas determinada sempre pelas formas e circunstâncias históricas concretas da formação social.

A pluri-distribuição de práticas e sua distribuição consequente por níveis relativamente autonomizados só é produtiva se puder dar conta (mas, de facto, não dá!) dum aspecto fundamental: a **articulação** sempre **determinada** destes níveis e práticas.

— Só uma leitura cega e que tem todo o interesse em ser cega pode pretender que reduzamos os processos estéticos e a linguagem a um aparelho ideológico, o que, efectivamente, seria um erro capital já que, negando a especificidade das práticas artísticas estávamos impossibilitados de ver o seu **modo específico** de articulação nos aparelhos ideológicos.

Nós afirmamos a distinção língua/linguagem, sustendo que a linguagem não pode ser pensada em posição de exterioridade por relação à formação social; que ela não pode ser senão pensada dialecticamente na sua relação, especifica a cada uma, com os aparelhos ideológicos **onde ela vive** (não há céu de palavras!); que as obras artísticas, enquanto formadas ideológicas, são o produto do reflexo, no cérebro humano, de uma dada vida social; que numa sociedade de classes toda a obra artística reflecte o ponto de vista de uma classe e luta contra o ponto de vista da classe antagónica; que a «arte» não existe!: existem práticas artísticas, inseridas em processos concretos, reflectindo o ponto de vista de uma classe, investidas em (dentro de) aparelhos ideológicos que o veiculam.

A VERDADE

Segundo EPC «a noção de verdade tem a sua história no campo da filosofia», «a verdade não é dos conceitos que resistem melhor à crítica ao logocentrismo empreendida por Derrida», «Althusser, na sua participação no volume I de **Lire le Capital**, cuja leitura é simples» «e fecunda, rejeita toda a problemática **idealista** do conhecimento que o procura definir como uma relação com a Verdade», «a categoria de Verdade não é pertinente para a filosofia», «a ciência deve desconfiar da noção de verdade», «a noção de verdade é uma noção ideológica». Para EPC «só o discurso ideológico utiliza a noção de verdade e, assumindo-a ou miticamente como a representação da verdade ou politicamente como a manifestação de uma verdade de classe».

EPC procura centrar a discussão em torno da noção de verdade — repare-se que ele fala apenas e sempre de «verdade» — fazendo-o de modo a deslocar a discussão desta noção para um lodaçal metafísico e meramente especulativo.

Quando se disse ser incorrecto afirmar que o texto de EPC é um texto errado, ou que EPC não comete **erros**, simplesmente assim, de modo abstracto, isso era porque colocar a questão em termos simplistas de verdadeiro/errado era, perante a ideologia dominante, correr o risco de ser mal lido, ser integrado numa análise que ignorasse as ideologias e a base material da sua formação. Quando EPC se afirma colocar **acima** das ideologias (que não pode conceber senão como «labirintos», «florestas»!) não faz senão reflectir a ideologia dominante, julgando que a denegação suprime ou esconde a sua posição concreta de classe.

Diz EPC que só se pode preocupar com a afirmação de que as suas verdades, embora verdades, são idealistas, se estiver convencido de que o materialismo é que é a verdade e o idealismo o erro. E depois de um emaranhado «florestal», semelhante ao que se depararia a um universitário parisiense, angustiado, estonteado, perdido numa floresta «virgem», «virgem» para ele que nela não vive, que a desconhece, descobre que «terá de ser num fundamento idealista que se irá buscar a base de um critério de classe». Mas quem o mandou ir pôr o proletariado a incarnar a verdade. Mestre? Porque não se lembrou antes de ir buscar à prática social a confirmação do materialismo? Porque «a questão de saber se o pensamento humano pode alcançar uma verdade objectiva não é uma questão teórica mais uma questão resolvida pela prática. É na prática

Continua na pág. nove

"WORLD SAFARI"

Dando um exemplo de como se pode combater a poluição, este casal holandês anda, muito saudavelmente, de bicicleta. Henny Barelds e a esposa sentem-se muito contentes por terem já andado 12 mil quilómetros no seu (deles) «World Safari».

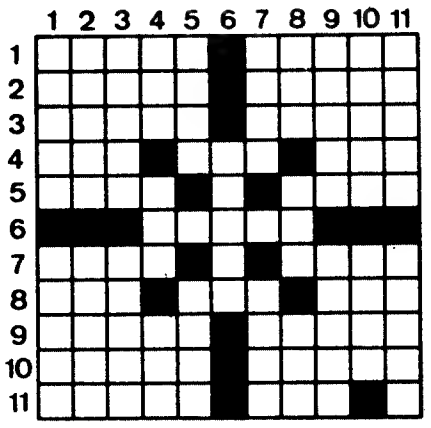
Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10368

HORIZONTAIS:

1 Nome de um mês. Erram.
2 Nata. Guarnece de arames.
3 Ramadas. Roer.
4 Povoação do concelho de Condeixa. Língua do grupo tibetano, falada ao N. do Tibet. Genro de Maomé.
5 Curo. Gélido.
6 Possuirei.
7 Cofre. Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros.
8 Sustento. Pronome possessivo. Cólera.
9 Cidade do Estado do Maranhão. Irmãs.
10 Chuvisco (Bras). Cordeiros.
11 Planta vivaz e medicinal. Fecho as asas para descer mais depressa.



VERTICAIS:

1 Picantes. Safa.
2 Cidade de Portugal. Invulgares.
3 Mover os remos. Filtrara.
4 Magnete natural. Base aérea portuguesa. Grande quantidade.
5 Molesta. Conjunção. A Tailândia.
6 Golpe.
7 Um dos Estados do Brasil. Artigo indefinido.
8 Época. Vende a crédito. Agência telegráfica de Imprensa.
9 Pesquisar. Embriaguez (fig).
10 Nome dado, em filologia oriental, aos comentários ou miscelâneas e às observações que os mestres ditam aos alunos. Jarro.
11 Nome de homem. Torne lasso.

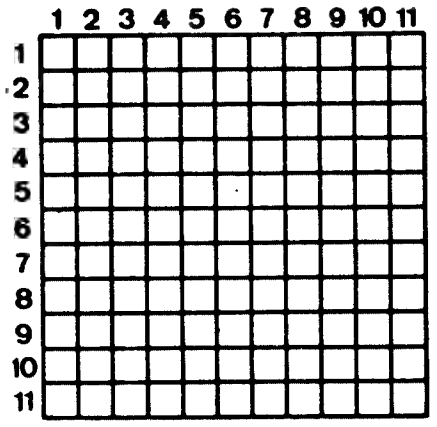
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6524

HORIZONTAIS:

1 Gíria. Pegar.
2 Azáfama. Capa sem mangas. Estime.
3 Alegria. Dão mios.
4 Gálio (s.q.). Escarnecerão. Batráquio.
5 Rendilharias.
6 Campeão. Em partes iguais.
7 Pêlos de certos animais. Cruel. Solitários.
8 Antes do meio-dia. Cuido de. Cério (s. q).
9 Contesto. Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros.
10 De preços elevados. Bando de animais correndo.
11 Guarnece de arames. Nome de flores.



VERTICAIS:

1 Fardo. Varal de carruagem.
2 Aguçar. Dividir ao meio.
3 Lanugens. Freguesia do concelho de Penafiel. Grande.
4 Rezes. Levam à toa, à sirga.
5 O sono das crianças. Prefixo de negação. Crómio (s. q). Apelido.
6 Deixaras escapar.
7 Cálcio (s.q). Autores. Nome antigo da nota musical dó. Praziodímio. (s.q.)
8 Vila e concelho do distrito de Évora. Rio dos Estados Unidos.
9 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Tempo do verbo ir. Fúteis.
10 Estimara. Escavara.
11 Moves os remos. Carimbas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10367

HORIZONTAIS:

1 Debica. Anos.
2 Ela. Eva. Ena.
3 Sa. Agira. Ul.
4 Oso. O
5 AMOR. Mudo.
6 Mover. Dirão.
7 Pias. DEVE.
8 SER
9 Rm. Mugem. Ca
10 Aia. Mal. Dor.
11 Martirizara

VERTICAIS:

1 Descamparam.
2 Ela. Mói. Mia.
3 Ba. Coval. AR.
4 Res.
5 CEGO. Sumi.
6 Avisa. Cegar.
7 Aro. Reli.
8 Mad.
9 Ne. Ourem. Da.
10 ONU. DIV. Cor.
11 Salmodejara.

Provérbio: O AMOR DEVE SER CEGO.

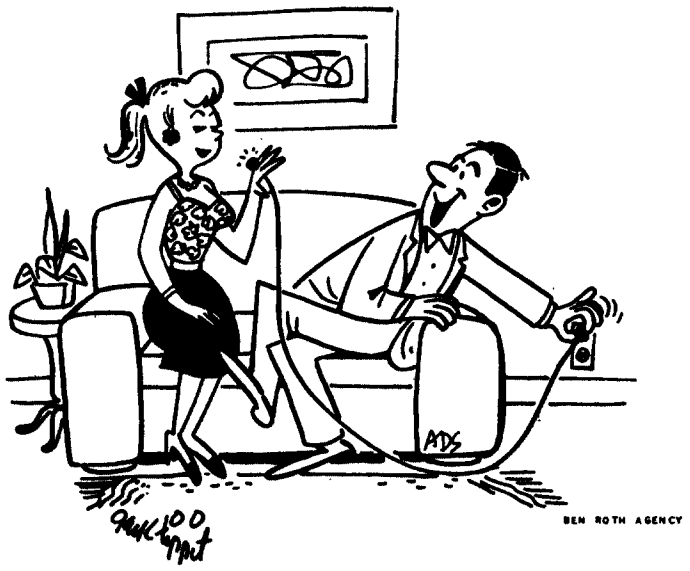
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6523

HORIZONTAIS:

1 Marau. Lavar.
2 Am. Nadab. Tu.
3 Goa. Ias. Aam.
4 Armo. Agro.
5 Ava. Ama.
6 Assoa.
7 Areia. Sinal.
8 Luis. Some
9 Air. Raz. Tas.
10 Grama. Abada.
11 Oásis. Serás.

VERTICAIS:

1 Magas. Alago.
2 Amor. Fruira.
3 Ama. Eiras.
4 An. Ovais. Mi.
5 Uai. Asa. Rãs.
6 Dar. Vã.
7 Lãs. Aos. Zás.
8 Ab. Amais. Be
9 Agá. Notar
10 Atar. Mamada
11 Rumor. Lesas



Agora, abre os olhos. Vais ver como é «brilhante».

Se a vestisses na toga achava-la perfeita

CRÍTICA, MATERIALISMO

Continuação da pág. sete

que se torna necessário que o homem prove a verdade, isto é a realidade e a capacidade, o citerior, do seu pensamento; a discussão àcerca da realidade ou da irrealidade de um pensamento que se isola da pratica é puramente escolástico».

O mundo físico, exterior independente da consciência humana. O mundo físico e a fonte das nossas sensações que se reproduzem através de aparelhos próprios — os órgãos dos sentidos — a realidade objectiva. A realidade objectiva tem no campo da filosofia uma categoria própria: a **matéria**.

A matéria, realidade objectiva independente da experiência humana reflecte-se na consciência e esta por sua vez, actua como reflector dessa mesma matéria.

O materialismo afirma que o que é reflectido existe independentemente de quem o reflecte. O materialismo reconhece a verdade objectiva e afirma-a independentemente das representações humanas que a exprimem. A verdade objectiva é a verdade absoluta. «É preciso para ser materialista, admitir a verdade objectiva que nos é revelada pelos órgãos dos sentidos. Admitir a verdade objectiva, isto é, independente do homem e da humanidade, de uma maneira ou doutra, a verdade absoluta. Por exemplo: «a Terra é anterior ao homem» é uma verdade objectiva.

Há que ir um pouco mais longe: há que distinguir entre verdade eterna e verdade relativa, o que nos irá afastar das labirínticas dúvidas de EPC. Não há para o materialismo dialéctico, uma linha de demarcação insuperável entre verdade relativa e verdade absoluta. A verdade absoluta resulta da integração de verdades relativas. Deste modo, o materialismo afirma que o conhecimento é essencialmente relativo: os limites de aproximação dos nossos conhecimentos em relação à verdade objectiva, absoluta, são historicamente relativos, mas a própria existência desta verdade, essa é certa.

O erro capital do idealismo consiste precisamente em pôr e resolver questões de objectividade e subjectividade somente do ponto de vista teórico. O ponto de vista da prática deve ser o ponto de vista primeiro, fundamental, da teoria do conhecimento. E a prática humana, a melhor refutação do agnosticismo, demonstra a exactidão da teoria materialista do conhecimento.

OS «AVANÇOS» DE EPC

Por exemplo, EPC define o discurso crítico por «um tipo de discurso cujo funcionamento de caracteriza por um certo número de mecanismos»: eis aqui, finalmente, a tal «especificidade» do discurso crítico: «um certo número de mecanismos». É claro que se o leitor admitir que também uma panela de pressão se caracteriza por um certo número de mecanismos poderá vir a confundir, um dia, o discurso crítico de EPC com a dita panela. E do facto não será o materialismo a lucrar com isso.

Ou ainda: «o que me interessa perante um filme é encontrar modos de o interpretar, de o pensar e de o sentir, que me levem a pensar e a sentir coisas **até aí não pensadas nem sentidas**». Aqui dois aspectos; um ridículo: dizer que perante um filme o que interessa é sentir coisas até então não sentidas, é claro que não adianta muito: E.P.C. pode com um filme pornográfico sentir coisas que até então nunca sentira, sem que alguma vez isso possa servir de critério de validade ou justeza desse filme; outro mais sério: diz respeito ao culto do **novo**, ao fetichismo do **novidade** (literária, artística, filosófica) sem jamais interrogar esse «novo», sem se aperceber que às vezes esse «novo» não é mais do que o velho com novas roupagens ou novas máscaras. Ou até que o que é velho para alguns pode ser novo para outros, que o novo não é uma categoria absoluta da metafísica para uso subjectivista dos idealistas, etc., etc.: «não se trata (...) de julgar à luz do marxismo (...) os métodos históricos de Rosselini. Trata-se de utilizar Rosselini para pensar **coisas novas** no plano da história, da teoria e dos seus métodos» (sic). Mesmo que esses métodos e essa teoria se revelem errados a luz da **ciência das formações sociais** (materialismo histórico)... Já que «uma análise materialista não procura denunciar o idealismo (...), mas procura ler com inteligência e sensibilidade as obras dum Rosselini ou de um Dreyer» (sic). o que quer dizer que Marx não teria procurado combater o idealismo, mas sim ter com «inteligência» e «sensibilidade» Hegel ou Feverbach...

Num ponto EPC acertou: o materialismo não procura apenas «denunciar» o idealismo, mas combatê-lo, destrui-lo.

Máquina para consumo intelectual, EPC serve perfeitamente os cânones da crítica tradicional, aperfeiçoá-la para melhor mantê-la, reproduz constantemente saber baiofo, académico, enlatado, incapaz do salto qualitativo que lhe permitiria pô-lo em questão. Incapaz de pensar o prazer em termos prospectivos, refugia-se na sua comodidade, julgando estar protegido por um escudo invisível, tal como uma criança se refugia no choro quando perante uma situação contra a qual se sente impotente.

Notemos ainda em relação às suas respostas, como em relação à sua produção crítica em geral, o vazio teórico que representam, a redundância do seu discurso inútil, o marcar passo daqueles que, julgando progredir, percorrem intermináveis círculos em redor dos seus fantasmas.

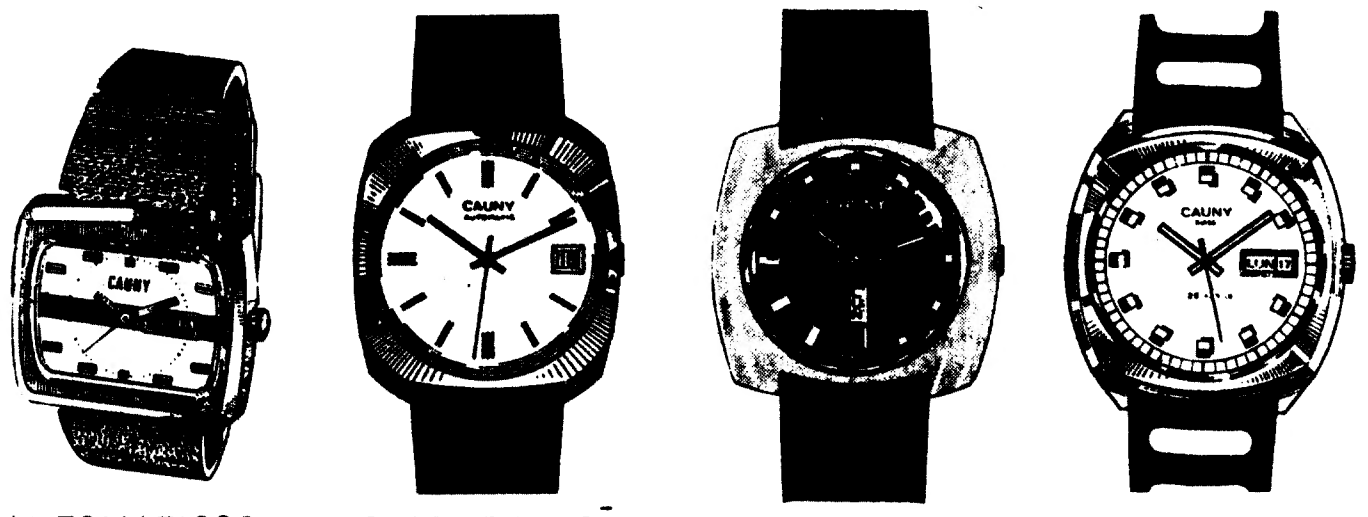
Jorge Tavares/Carlos Luis Bravo/Vitor Ramos/Francisco Seixo

NOTA (1) — Ao colocarmo-nos perante uma atitude que reconhecemos inteligente não devemos deter-nos aí: há que ver como é que essa inteligência é aplicada, para que fins. A sensibilidade e o prazer não devem ser considerados abstractamente. A sensibilidade ou a capacidade de experimentar prazer com um dado objecto e não com outro, estão directamente ligados à sua prática social. «Cada classe, cada camada social, cada grupo social tem a sua noção própria de flores perfumadas e de ervas venenosas.»

19 MARÇO
DIA DO PAI
DIGA-O COM FLORES...
E OFEREÇA UM RELÓGIO CAUNY

CAUNY

O RELÓGIO SUIÇO PREFERIDO POR MILHÕES DE POSSUIDORES



AUTOMATICOS - CALENDARIOS - EXTRAPLANOS - ANTICHOQUES

NA SUA FABRICAÇÃO SE EMPREGAM METAIS DA MAIS ALTA QUALIDADE

CONTROLADOS POR EXPERTOS RELOJOEIROS COM OS MÁIS RECENTES APARELHOS ELECTRONICOS

CAIXAS ESPECIALMENTE DESENHADAS

NOSSA REFERÊNCIA: 600 CONCESIONÁRIOS NO MUNDO

SUBMERGIVEL 100% - MOLAS QUE NÃO SE QUEBRAM CRONOMETROS

UM NOME - UMA QUALIDADE - UMA GARANTIA

CONDICIONADORES DE AR PHILCO

AR QUENTE — AR FRIO

TEMPERATURA AMENA EM QUALQUER ESTAÇÃO DO ANO!

IMPORTADORES:
Arnaldo Trindade & C.ª Lda.
R. Santa Catarina, 117
PORTO
Rua da Alegria, 122
LISBOA

PHILCO DE FAMA MUNDIAL
PELA QUALIDADE

TEXTOS SOBRE TEATRO

Carlos Porto

4-CRIAÇÃO E CRÍTICA

«Antígona», de Brecht, pelo Living Theatre

O «LIVING THEATRE FAZ «FRANKENSTEIN»

Foi na Europa (mais precisamente em Veneza, em 1965) que o LT estreou o espectáculo «Frankesnstein», inspirado no célebre romance de Mary Shelley tão divulgado em adaptações cinematográficas mais ou menos livres. Anteriormente, o LT tinha feito em Paris «Mysteries and Smaller Pieces», espectáculo que se liga muito estreitamente à teoria de Araud e sobretudo às páginas que o autor de «O Teatro e o seu Duplo» consagrou à peste como metáfora de uma libertação de energias e de imaginação.

«Frankenstein» foi imaginado e encenado por J. Malina e J. Beck e representado pelo Living Theatre. Podemos, pois, considerar os directores da companhia como os principais responsáveis do espectáculo. Com ele, inicia-se, possivelmente, a utilização de estruturas em tubos metálicos que depois se vulgarizaria (vimos aqui cenários desse tipo em Cascais e no «Melim 4», por exemplo).

Durante cerca de maia hora, os actores em palco — 15 — esperam, meditando, a levitação de uma mulher colocada no centro do palco — de acordo com aquilo que dizem vozes que se ouvem nos altifalantes. A impossibilidade da mulher em conseguir a levitação provoca, nos restantes actores, uma série de tensões que constituem uma das bases do espectáculo. Essas tensões resolvem-se, teatralmente, através de várias acções, algumas das quais simultâneas, que ao longo do espectáculo vão reconstituindo a história de Frankenstein seja da criação de um ser por processos científicos. A cena do espectáculo inspirou-se, segundo o articulista, no dispositivo criado por Edwing Piscator para a sua encenação de uma peça de Ernst Toller o que se explica pelo facto, aliás curioso, de Judith Malina ter estudado profundamente a obra do grande homem de teatro alemão.

«É sobretudo o tema, mais do que a história, de Frankenstein, que o Living utiliza. (...) «Frankenstein» não é verdadeiramente uma peça didáctica. De acordo com o depoimento de Judith Malina é um resultado de um longo trabalho de reflexão do grupo e de cada um dos seus membros sobre as suas relações com a sociedade, sobre a validade das suas convicções, das suas crenças.

4. O «LIVING» ENCENA «ANTÍGONA»

Se tivermos em conta que o LT representou a peça de Genet «Les Bonnes» entre «Mysteries» e «Frankenstein» e a seguir a esta última, a peça de Brecht, inspirada em Sófocles, «Antígona», verificamos que o «Living» não deixou de se interessar por textos bem estruturados como é o caso dessas suas peças. Todavia, recriação feita por Judith Malina distanciou-se bastante do modelo proposto por Brecht. No espectáculo do LT palco e sala faziam parte da encenação: os espectadores eram postos numa situação de hostilidade. A expressão corporal assume neste espectáculo um papel muito importante: **Ainda aqui é necessário sublinhar o aspecto de uma poética que ultrapassa a representação realista da acção.**

5. PARADISE NOW

«Paradise Now» (último espectáculo de que fala Jean Jacquot) foi fruto de um trabalho colectivo por sua vez reflexo de integração de cada elemento no espírito comunitário que o LT vinha assumindo. Mais do que qualquer outro espectáculo, «Paradise Now» podia erguer-se como a bandeira das intenções do LT, representava como que a sua lista de reivindicações. De acordo com Jacquot, o espírito do espectáculo foi muito influenciado pelas ideias do místico indiano Krishnamurti (sobretudo as da obra «A Primeira e a Última Liberdade»). Essas ideias defendem o princípio de que uma mutação social não será possível sem a profunda alteração interior do indivíduo o que não deixa de parecer marcado, diga-se marginalmente por um suspeito idealismo.

Espectáculo que procura novos espaços cénicos, inclusíve a rua, «Paradise Now» tenta o contacto, a comunicação (a cumplicidade) com o espectador. Nele, a expressão corporal é levada às suas últimas consequências: o actor usa o seu corpo como instrumento de um rito através do qual liberta as suas energias, as suas aspirações, as suas revoltas, os seus desejos.

Apresentando-se em França, por acaso ou talvez não, em Maio de 1968 (e meses seguintes), «Paradise Now» vem despertar uma resistência, de que participou um homem como Jean Vilar, que a sobreexcitação provocada pelos acontecimentos de Paris em parte explicam. Num tempo de contestação total o mais contestatário dos espectáculos veio afinal a ser vítima desse clima. E de tal maneira que o LT — após os acontecimentos sobrevindos no Festival de Avinhão — acabou por ser expulso de França, resultado final de uma espécie de caça à bruxas que não deixou de levantar bastantes polémicas.

Não parece justo pôr-se em dúvida a importância das experiências do LT no que se refere á influência exercida no teatro marginal que vem sendo feito um pouco por alguns sítios. Poderá discutir-se, no entanto o interesse estético e a eficácia política que esse teatro representou, sobretudo se tivermos em conta para o facto de ter contribuido, e não pouco, para um certo confusionismo que só pode aproveitar a alguns.

Hoje a influência do LT parece estar a esbater-se o que se pode explicar por duas razões, inevitávelmente contraditórias, mas ambas dizendo respeito ao tipo de contestação que a sua prática implicava e que deve ser vista, para ser entendida, no seu contexto social, político, histórico.

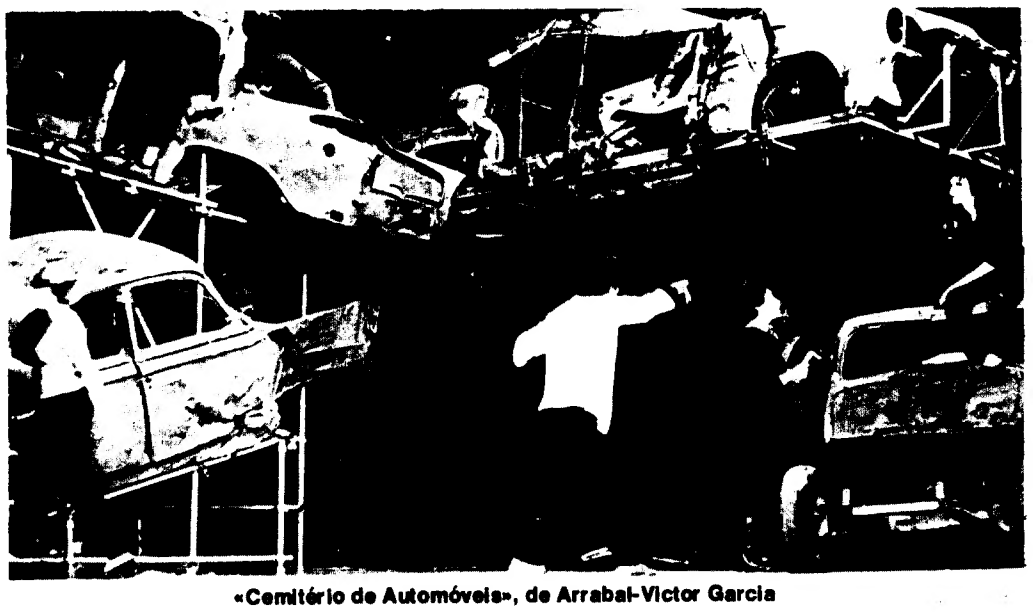
IV — OPEN THEATRE GROUP

É também Jean Jacquot o autor do estudo consagrado ao espectáculo da companhia «Open Theatre», dirigida por Joseph Chaikin: «The Serpent».

1. JOSEPH CHAIKIN

Um dos principais membros do «Living Theatre», Joseph Chaikin fundou em 1963 o «Open Theatre» (Teatro Aberto). Para ele, no entanto, os responsáveis do LT não tinham **explorado suficientemente as potencialidades do actor e do trabalho de grupo.** De acordo com a opinião de Jean Jacquot, o trabalho de Chaikin influiu na evolução do Lt, influência que se verificou mais fortemente nos «Mysteries» e nos espectáculos seguintes. O «Open Theatre» é, ainda mais do que o LT, um grupo aberto — aberto não só aos criadores (actores, autores, encenadores, coreógrafos, músicos) como também às próprias experiências estéticas.

Sem os compromissos profissionais assumidos pelo LT, pelo menos na sua primeira fase, a companhia de Chaikin pôde realizar um trabalho menos condicionado por outros factores que não os puramente criativos. Tendo como material de base uma formação inspirada no «Método» de Stanislavski, Chaikin e o seu grupo foram, por outro lado profundamente marcados pelas interpretações brechtianas que tinham feito com o LT. Dois jovens dramaturgos norte-americanos, Meg Terry e Jean-Claude van Itallie — associaram-se estreitamente ao trabalho do «Open», embora as suas criações se integrassem sempre no trabalho feito em comum pelo grupo. Esse trabalho foi marcado por implicações claramente políticas como, por exemplo, na peça de von Itallie «América Hurrah» em que a guerra do Vietnam é focada de forma indirecta mas nem por isso menos convincente.



«Cemitério de Automóveis», de Arrabal-Victor Garcia

2. «THE SERPENT»

O espectáculo com «The Serpent» nasceu de um projecto do «Open Theatre» que consistia em fazer uma criação colectiva improvisada a partir dos primeiros capítulos da «Génese». Mais tarde, depois de uma longa série de exercícios que transformaram o espectáculo numa meditação sobre o homem, Deus, o mal e o bem, foram-lhe introduzidas cenas que o ligaram aos nossos dias, nomeadamente uma cena que reproduzia o assassinato do Presidente Kennedy.

No domínio da expressão teatral cuja prospecção apenas agora se inicia, «The Serpent» pode ser considerada como um êxito. Um equilíbrio justo efectua-se nesse espectáculo entre a espontaneidade e a forma, a criação colectiva e as decisões do animador do grupo e do autor dramático.

V — UM ESPECTÁCULO DE VICTOR GARCIA

De todos os artistas cujas criações foram minuciosamente analisadas e descritas no 1.º volume de «Les Voies de la Création Théâtrale», o argentino Victor Garcia é o único cujas encenações são conhecidas em Portugal (o caso mais recente é o da peça de Genet, «As Criadas»). A posição isolada e marginal de Victor Garcia é aqui ilustrada pelo título que Odette Aslan deu ao seu ensaio: **Um Espectáculo de Victor Garcia:** de todos os estudos incluídos neste volume apenas este tem por objectivo um trabalho individualizado. O facto confirma o que é geralmente aceite: Victor Garcia é um criador solitário que consegue, apesar disso, transformar as suas criações em funções de carácter visivelmente colectivo.

«Le Cimetière des Voitures» (encenada primeiramente em França, em seguida na Jugoslávia e depois no Brasil, numa produção de Ruth Escobar), integra três peças de Arrabal, além daquela que dá o título ao espectáculo: «Oraison», «Les Deux Bourreaux» — textos que Carlos Avilez encenou em Cascais — e «La Communion Solenelle». Trata-se, aliás, de uma montagem feita de acordo com o seguinte esquema:

— Oraison.
— Le Cimetière des Voitures (1.º acto)
— Les Deux Bourreaux
— Le Cimetière (2.º acto)
— La Communion
— Le Cimetière (final)

Esta montagem foi feita de acordo com o autor porque não se pode falar de uma traição aos textos de Arrabal.

O espectáculo decorre no mesmo cenário onde carcaças de automóveis, devidamente preparadas, constituem o seu mais importante elemento significante, imagem de um mundo marcado pelo objecto de consumo em decomposição. Trata-se de uma «revisão» da história de Cristo, aqui Emanou, personagem que percorre todo o espectáculo e que acaba crucificada.

Vitor Garcia nega as influências das teorias de Artaud que é costume atribuir-lhe, acrescentando que as suas principais fontes de inspiração pertencem ao domínio do folcrore indiano e das tradições brasileiras. Odette Aslan concorda com esta posição, afirmando: **Se as realizações de Victor Garcia coincidem, por vezes, com as concepções de Artaud, trata-se, possivelmente, de um encontro casual.**

Termino aqui esta paráfrase dos estudos que constituem o 1.º volume de «Les Voies de la Création Théâtrale», obra fundamental para o conhecimento do teatro contemporâneo mais fortemente influenciado pelas teorias de Artaud.

«The Serpent», pelo Open Theatre

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

SEGUNDA, TERCEIRA E QUARTA GERAÇÃO

BERNARDO MARQUES: «Quintais». Uma cidade de província.

BERNARDO MARQUES: «Serra do Marão». Uma multiplicidade de signos-gestos que se organiza em paisagem.

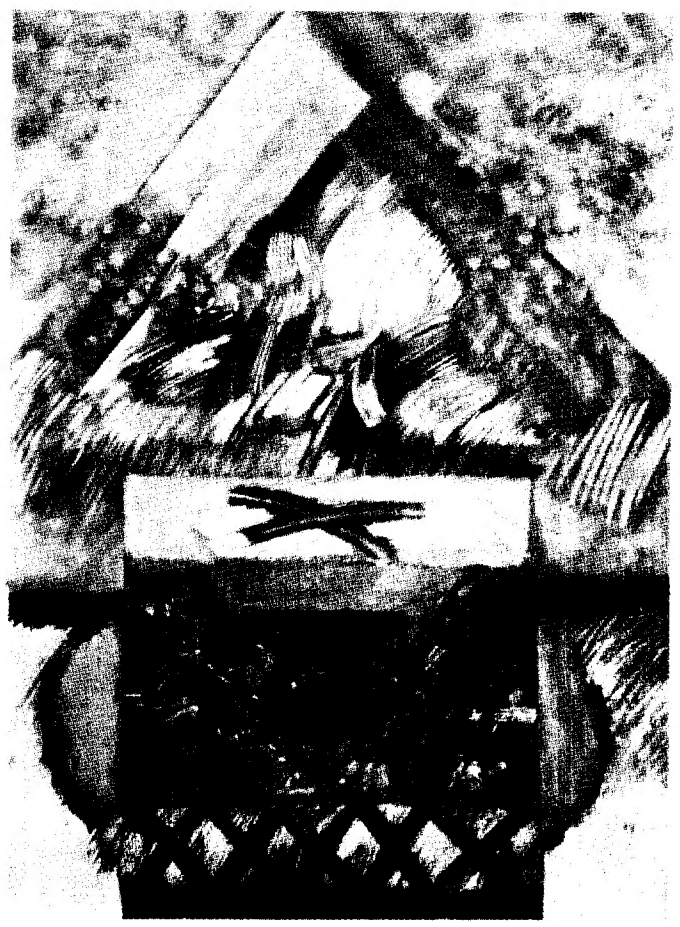
BERNARDO MARQUES
Quarenta e quatro desenhos na Galeria Dinastia

Presente ainda e já passado, a segunda geração moderna portuguesa não incomoda: pelo contrário, é, será certamente sinal de um apurado gosto saber distinguir nela o fundamental do acessório, nessa modernidade calma com uma secreta saudade do século XIX, que os surrealistas também sentiram, com alguns artistas já mortos tornando a sua produção numa série limitada, portanto (ilimitadamente?) valorizável. Curioso? Não perguntei pelos preços destes desenhos de Bernardo Marques, mas olhando para as impecáveis molduras metálicas que os enquadravam, não pude deixar de pensar que o preço actual de uma moldura é certamente muito superior ao que o Artista pediria pelos seus desenhos ou cobraria por uma ilustração, e não cabe aqui falarmos em arte maldita nem tampouco em inflação.

Desenhador, ilustrador, o trabalho de Bernardo Marques não se pode desligar de um certo tipo de encomenda reflectindo um gosto mediano e sossegado, que era o da sua geração, passada que foi a breve influência de G. Grosz. Este homem «sensível, desinteressado e farto de...» era sobretudo um lírico e um romântico e nunca seria um satírico. Assim, foi retratando o seu país, Lisboa ou o Porto ou o Marão, praias e pescadores, etc., cidades de vida suspensa e tempo parado (porque será que Lisboa, nos artistas que melhor a retrataram até hoje, continua sempre uma cidade de província?), e as paisagens onde está o mais curioso, diria até o mais fascinante da sua obra.

Na breve apresentação que faz destes 44 desenhos, José-Augusto França lê assim as paisagens do campo: «Um desejo íntimo de ver e de dialogar com o visto através de jeitos de mão, numa **escrita de signos** capaz de se ajustar tanto às linhas como à própria matéria de que a paisagem é feita. Um desejo de ver mais do que de dar a ver: os seus desenhos paisagísticos são momentos pessoais, folhas de um álbum imaginário deixado por pastas e gavetas. E jamais mostrados na exposição individual que nunca quis fazer» (sublinhados meus). Estes desenhos conhecia-os eu por uma muito bela exposição organizada pela Fundação Gulbenkian ainda nas suas galerias provisórias, e já nessa altura me tinha despertado a atenção o aspecto de escrita que José-Augusto França tão justamente faz notar no seu texto. E aí, talvez, que melhor se mostra, e ao mesmo tempo se esconde na leitura figurativa que não podemos deixar de fazer e que, certamente, Bernardo Marques queria que fizéssemos, a sua liberdade criadora, o aspecto quase caligráfico dos sinais que se acumulam para se constituirem, afinal, num significado que é deveras fascinante, e torna-se num curioso exercício do olhar deixá-lo pulsar da paisagem à escrita e da escrita à paisagem, numa espécie de «contemplação activa» que nos requer, evidentemente, esforço e participação. Modernidade? Sem dúvida, porém oculta, possivelmente inconsciente, modernidade-apesar-dela! A que era, afinal, possível em Portugal nos anos de formação de Bernardo Marques, os quais, apesar de serem cronologicamente século XX, são os últimos anos do século XIX.

do pintor. Aliás, para que não haja dúvidas, o mesmo catálogo, além do curriculum habitual, publica 18 mini-reproduções (o que é extremamente útil para nos avivar a memória), que mostram bem as origens neo-realistas do pre-comprador (alguns vi eu evoluindo na galeria, atentos ao contraste das telas com o papel de parede ou a alcatifa lá de casa, e para os quais a pintura será, primeiro que tudo, decoração e valerá pelo seu lado retiniano, logo a seguir como significado, um maior valor de impacte, isto, evidentemente ao nível de uma leitura ou do entendimento duma evolução figurativa, nunca porém ao nível do consumo. Aí, tudo é sempre a mesma coisa, figure o que figurar.



ROGÉRIO RIBEIRO: «Paisagem». Paisagismo pós-abstracto, pintura-pintura e consciência do gesto.

ROGÉRIO RIBEIRO: «O Avião». Quadro que figura no catálogo e não na exposição. Uma imagem muito mais directa?

ROGÉRIO RIBEIRO
Pinturas, guaches e uma tapeçaria na Galeria Judite Dacruz

«Não há machado que corte /a raíz ao pensamento». Com estes versos extraídos do cancioneiro popular abre o catálogo desta exposição, a afirmar-nos a origem e, possivelmente, a intenção neo-realista sente trabalho e também me lembraram a situação de epigonismo em que se situavam em relação à obra de Pomar os trabalhos de Rogério Ribeiro nos inícios dos anos 60, situação que não podia levar a parte nenhuma e que (a presente exposição demonstra-o bem) Rogério Ribeiro felizmente abandonou.

O que é actualmente a pintura de Rogério Ribeiro? Figuração dissolvida em pintura-pintura muito agradável, um gesto que é (ainda?) uma intenção? Consciência (tardia?) do suporte e dos espaços sempre ilusórios que sobre ele se podem construir? Paisagismo pós-abstracto no qual se começam a tentar (novas?) formas narrativas, paisagem com sucessos que importa testemunhar? fixar? pintar? De todas estas situações um pouco terá, situando-se talvez na encruzilhada delas numa interrogação dirigida... a quem?

Não por certo ao possível prestígio, e aqui entrará o «nome» do pintor ou a sua «cotação», esgotando-se nisso quase todo o seu significado). Contradições? Condições da produção de pintura? Como superá-las? Fazendo grande decoração como Rogério Ribeiro fez com tapeçarias para a Reitoria da Cidade Universitária de Lisboa (1961), ou para Coimbra, ou para o Banco Fonsecas Burnay, e Português do Atlântico, tudo em 1961? e «design»? e colaboração com arquitectos? a produção de obras de múltiplas leituras para si próprio e para o comprador?

A propósito desta última interrogação, é curioso verificar que duas pinturas cujas fotografias figuram no catálogo («Agressão IV», de 1972, e «O Avião», de 1973) não figuram na exposição e que (por coincidência, pois por que mais havia de ser?) talvez fossem, digo talvez porque só as vi na fotografia, das que tivessem, do; mais o cubo que o quadrado, diga-se) e um quadrado branco para o público preencher: este nono trabalho o centro do **puzzle** possível que é esta exposição, um centro sobre o qual o artista se cala e nos deixa falar a nós (público restrito das exposições lisboetas). As intenções de Man são bem visíveis, e até excelentes, e esta poderia ser uma exposição-metáfora, ou uma exposição com chave, se quiserem, ou uma anti-exposição, se preferirem, mas para passar da atitude ao acto teria de se tornar numa proposta pedagógica programada, teria de tentar mostrar às pessoas as maneiras possíveis de encher o quadrado branco do seu nosso possível vazio quotidiano. Assim, ficou uma pequena gracinha, a **boutade** de juntar uma superfície em branco para o público a oito relevos brancos (para... outro público?).

MAN Aparência-Realidade, Relevos e Gravuras, na Galeria de Arte Moderna da S.N.B.A.

«Ao homem sem esperança e sem solução». Dedicatória? Subtítulo? Apresentação do autor, certamente, e pelo autor. Cortada ou comprada (é, pode ser, a mesma coisa) que foi a raiz do pensamento, um representante da quarta geração interroga-se, ou melhor, repete, de certo modo, a interrogação de Malevitch no «Quadrado branco sobre fundo branco» (quase sessenta anos depois, ou quinze anos depois dos acromos de P. Manzoni, ou cinco anos depois dos relevos de Manuel Baptista).

Seis gravuras e dois relevos (uma mesma forma, o quadra-

Folhetim-artístico de José-Augusto França

Anunciando a exposição retrospectiva de António Carneiro

Abre amanhã (e com a inovação de um «vernissage» para a Imprensa que parece necessária) a exposição retrospectiva de António Carneiro que a Fundação Gulbenkian realiza nas suas galerias, celebrando o centenário do nascimento do pintor, ocorrido o ano passado. Omeu pessimismo, em folhetim anterior, foi felizmente desacreditado.

Deveu-se o atraso, sobretudo, à morte súbita de Carlos Carneiro, filho e discípio do mestre portuense, que estava sendo o animador das comemorações. A ele coube a iniciativa de se estudar por escrito, já em 1971, a obra de António Carneiro, num texto finalmente integrado no catálogo da exposição — completando assim o estudo visual que a própria exposição naturalmente realiza. Embora pensado e escrito como livro independente (em que se tornará, em tiragem à parte, após o encerramento da exposição), o texto acompanha e cobre as obras mostradas, substituindo o estudo particular de cada uma delas em fichas analíticas que é impossível fazer entre nós, por falta de instrumentos profissionais, neles incluindo a «mão de obra qualificada».

Um catálogo científico leva meses a realizar por equipas especializadas dispondo de material ordenado — e a inexistência daquelas tanto como a deste torna impraticável a sua confecção. Nos duzentos e tantos números do catálogo tratados em fichas meramente designativas, como é uso, abriram-se, porém duas excepções modelares, relativas a uma obra do início da carreira do pintor, «A Vida», e a outras do fim, as duas versões de «A Leitura de Os Lusíadas», de 1899-1900 e de 1929-1929. As respectivas fichas exemplificam o que se desejaria fazer — e aquilo para que será preciso criar condições científicas e profissionais de realização.

Uma rede cronológica da vida do artista, lista de obras ilustradas e de retratos realizados completam o catálogo, trabalhos naturalmente incompletos, feitos de acordo com os dados obtidos — e com o elenco dos retratos, devido a um rol escrito pelo próprio punho do pintor, se justifica a impossibilidade de cobrir quantitativamente este sector da actividade profissionao de António Carneiro.

Com efeito, houve o conhecimento de dezenas de retratos a sanguínea que fizeram a celebridade discutível do artista, e por todo o lado se receberam amáveis ofertas de empréstimos para a exposição. No quadro desta, as sanguíneas constituem, porém, apenas, uma parte que não interessa exagerar, por imediatas razões de espaço e por outras, menos pragmáticas, de método. Logo na Casa-Atelier António Carneiro foram postos de lado numerosos exemplares deste género para se obter uma selecção básica não só dos melhores, mas dos mais significativos de tratamento diverso, em técnicas e maneiras. Essa selecção foi, depois, enriquecida — e não faz mal pensar que ainda podia sê-lo mais, se valesse a pena...

Entre os retratos a óleo, há a lamentar a impossibilidade de expor o melhor que do pintor se conhece — de Dinis Neves, em 1914. Razões irredutíveis, alheias à vontade do organizador e à responsabilidade da Fundação Gulbenkian, obstaram à sua inclusão na exposição, onde deveria figurar a par de um notável

ANTÓNIO CARNEIRO: « A Vida» (estudo para a composição central, 1899)

carvão» preparatório que lá se encontra.

Mas a peça principal da exposição, que a justifica e sem a qual não valeria a pena fazê-la, é o trípico «A Vida», grande obra simbolista da nossa pintura, obra praticamente única — a par do «Sagramor» de Battistini que foi há pouco leiloado por 20 contos, importância irrisória que diz muito sobre a ignorância dos nossos «marchands» e coleccionadores; passou depois, em boa hora, à colecção Jorge de Brito. A «Vida», emprestada para a exposição pela Galeria 111, que a adquiriu, há pouco e ocasionalmente, dos herdeiros do coleccionador Barahona em Evora, é também pintura de museu, obra excepcional do nosso património, índice de um caminho simbolista pelo qual António Carneiro não pôde ser animado,no seu de uma sociedade ignara que, andando intelectualmente de tamancos, se satisfazia em pasmo com o ruralismo de Malhoa e o naturalismo dos seus contemporâneos...

A valorização recentíssima do Simbolismo na pintura ocidental justifica por si só esta exposição. Há semanas, a «Connaissance des Arts» publicava um excelente artigo de Philippe Julliar sobre Puvis de Chavanne, e há menos tempo ainda, na «Goya», o prof. Camón Aznar escrevia longamente sobre o simbolismo francês. Estamos, pois, em boa companhia e bom acerto — e António Carneiro poderá, assim, entrar na história internacional do Simbolismo que Ph. Jullian está preparando. Para esse efeito, foi o historiador convidado a vir a Lisboa ver a exposição e realizar uma conferência no quadro das manifestações culturais que rodearão a retrospectiva de António Carneiro.

Outra conferência sobre o Simbolismo na literatura portuguesa foi prevista e possívelmente estará decidida à publicação deste folhetim. Importa, com efeito, situar a pintura de António Carneiro num contexto interdisciplinar — que só assim se entendem os movimentos e as correntes culturais.

A série de textos contemporâneos (e poesias de Pascoaes ou de Mário Beirão) recolhidos no catálogo dão o tom epocal ao apreço condicionado e condicionante da pintura de António Carneiro e mostram-nos o meio em que o artista, co-director de «A Aguia», evoluía culturalmente — e sentimentalmente.

Por isso também é provável que sejam ouvidas peças musicais do filho do pintor, o compositor Cláudio Carneiro, em algum concerto ou audição relacionada com a exposição, conforme foi proposto. E outro filho do pintor, pintor também, Carlos Carneiro, estará presente, numa sala final, como continuação ou discreta modernização da mensagem estética e espiritual de António Carneiro.

.. Se não do simbolismo de «A Vida», que não seria transmissível à geração seguinte, já «modernista», de certo tratamento das figuras e dos retratos, e da paisagem — na qual António Carneiro marcou, em 1921, e talvez antes, uma notável posição expressionista à Munch que importa sublinhar, reparando no quadro desta data, de Peso da Régua (e não de Melgaço como se tem suposto por informação oral: um desenho preparatório agora descoberto o prova), que é o número não sei quantos do catálogo em impressão.

Quanto ao «modernisno» acina aludido, poderemos falar na conferencia de que me encarregarei, sobre a situação cultural do pintor — e da exposição....

Da exposição que, provàvelmente, levantará tantas dúvidas e tantos problemas verdadeiros e falsos quantas e quantos os levantados há dois anos pela exposição de um aliás admirador de António Carneiro que se chama Raul Lino...

APONTAMENTOS POLÉMICOS À MARGEM DE UM FESTIVAL

1

Numa obra de arte, a questão estética integra a questão política. Não há uma estética só da **forma** e outra só do **conteúdo.** Não há uma estética abstracta, existindo por si e para si, fora de todas as realidades: a perspectiva crítica, no plano estético, implica sempre necessariamente a consideração da génese e eficácia social da obra, incide **também** sobre o significado político que esta assume no contexto em que surge.

2

Não se pode opor a estética à política. Não há obras «politicamente» reaccionárias e «esteticamente» progressivas, nem obras «esteticamente» reaccionárias e «politicamente» progressivas. Uma obra de arte ou o é na sua totalidade incindível (e então não se concebe que possa ser reaccionária seja sob que perspectiva for) ou não é uma obra de arte.

3

A música de cordel praticada nos meios radiofónicos-televisivos não está apetrechada, do ponto de vista das potencialidades expressivas, para apreender e projectar no futuro a realidade do nosso tempo. A pobreza dos meios de que se serve, há muito ultrapassados, está em contradição com a novidade e a riqueza de situações da época em que vivemos. A sua modernidade é puramente superficial e demagógica: é uma mentira que se disfarça sob o aparato das conquistas tecnológicas; não tem expressão ou relevância estéticas.

4

A música comercial nega o seu tempo. Por isso é reaccionária a todos os níveis, é um dos veículos de alienação mais persistentes e contundentes. Não pode em caso algum servir um texto que se queira verdadeira e profundamente moderno e interveniente.

5

Os festivais da «canção» e outras iniciativas no género organizadas pelas estações de televisão são puramente comerciais. Os júris de selecção, ao escolherem em primeira mão as «canções» admitidas, guiam-se por critérios que, tanto ao nivel da letra como ao nivel da música, são inteiramente estranhos a considerações de ordem estética. Aceitar tais festivais como lugar adequado para exprimir poética e musicalmente preocupações ditas humanas, sociais ou políticas é entrar num jogo perigoso e equívoco. O perigo e o equívoco residem no facto de «poeta» e «músico» começarem por fabricar algo que possa caber dentro do padrão comercial em voga, pelo qual se guia o júri de selecção. Isto é: têm de fabricar algo que, logo à partida, entre em contradição com as tais preocupações e as subverte.

6

Transformar a música e a poesia em «marketing» (termo já utilizado a este mesmo respeito por Manuel de Lima) pode ser comercialmente mui to interessante mas não contribui em medida nenhuma para uma tomada de consciência colectiva. Vender a ambiguidade ideológica de um texto, entretanto admitido segundo as regras do jogo, acompanhado de uma coisa ordinária, pretensiosamente apelidada de música, a servir de veículo sonoro, é enriquecer ainda com mais argumentos o poderoso arsenal alienante dos meios de comunicação de massas.

7

Ninguém aprende inglês sendo ao mesmo tempo impedido de o praticar. E quem quer ensiná-lo não vai decerto abster-se de o falar para se tornar acessível. Não se propaga a libertação das inteligencias e das sensibilidades começando por demonstrar que essa libertação é igual ao seu próprio contrário.

8

«A verdadeira missão da arte é exprimir poderosamente e sugestivamente grandes pensamentos e grandes emoções». Missão importantíssima dentro de uma acção concertada que contribua para a tal tomada de consciência colectiva. Não a confundamos com a demagogia cúmplice, que baralha e deteriora esses mesmos pensamentos e emoções.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO